



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS -**  
**UFGD**  
**FACULDADE INTERCULTURAL INDIGENA**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE**



**MARIA DE FATIMA FERREIRA**

**DAS ESTRADAS DAS ÁGUAS À BEIRA DO QUINTAL: Um olhar para a mulher  
em movimento nas Comunidades Tradicionais do Paiaguás Pantanal –  
Corumbá-MS**

Dourados – MS

2022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS–  
UFGD  
FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE



**MARIA DE FATIMA FERREIRA**

**DAS ESTRADAS DAS ÁGUAS À BEIRA DO QUINTAL: Um olhar para a mulher  
em movimento nas Comunidades Tradicionais do Paiguás Pantanal –  
Corumbá-MS**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade da Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito necessário para a obtenção do título de mestre.

**Linha de pesquisa:** Educação e Diversidade

**Área de concentração:** Desenvolvimento e Políticas Públicas

**Orientador:** Prof. Dr. Walter Roberto Marschner

Dourados – MS

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).**

F383e	<p>Ferreira, Maria de Fátima. Das estradas das águas a beira do quintal: um olhar para a mulher em movimento nas comunidades tradicionais do Paiaguás Pantanal – Corumbá-MS. / Maria de Fátima Ferreira. – Dourados, MS: UFGD, 2022.</p> <p>Orientador: Prof. Walter Roberto Marschner. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Comunidades Tradicionais. 2. Estradas das Águas. 3. Gênero. 4. Mulher em Movimento. I. Título.</p>
-------	---

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.**

**©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA –FAIND  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E  
TERRITORIALIDADE



## MARIA DE FATIMA FERREIRA

*DAS ESTRADAS DAS ÁGUAS À BEIRA DO QUINTAL: Um olhar para a  
mulher em movimento nas Comunidades Tradicionais do Paiaguás  
Pantanal – Corumbá-MS.*

Esta dissertação foi julgada e aprovada pela presente banca examinadora para a obtenção do título de Mestra em Educação e Territorialidade pela Faculdade Intercultural Indígena da Universidade Federal da Grande Dourados.

Dourados, 25 de novembro de 2022.

### BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Walter Roberto Marschner**  
Orientador/PPGET/UFGD

**Dr. Alberto Feiden**  
Membro externo/ EMBRAPA-Pantanal

**Prof. Dr. Daniel Valério Martins**  
Membro Interno PPGET/FAIND/UFGD

**Prof. Dr. Raquel Alves de Carvalho**  
Membro Interno /PPGET/UFGD

## **DEDICATÓRIA**

A minha filha Thainá Ferreira Acosta dos Santos pela companhia e o amor fiel.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Deus pai criador, pela minha vida, por ser meu refúgio, consolo, por me guiar sempre pelo bom caminho dando firmeza e coragem.

Ao meu orientador Prof. Dr. Walter Roberto Marschner, pelo apoio, orientação, paciência, amizade, e profissionalismo durante esse período de pesquisa e escrita da dissertação.

A FUNDECT pelo apoio com a bolsa de estudos.

Aos meus pais, Maria da Gloria Ferreira e Geraldo da Silva Ferreira pelo apoio, por servir de alicerce e base em minha vida, pelo carinho, paciência e tolerância.

Aos meus irmãos Odair Rosa Ferreira, José Roberto Ferreira e Messias Ney Ferreira pelo apoio e por estar sempre incentivando e zelando pelo meu desenvolvimento pessoal.

A minha irmã Ruth Ferreira pela inspiração e exemplo de persistência, força e coragem.

Ao meu irmão Adilson Aparecido Ferreira pelo apoio e por ter se disponibilizado em me levar de carro até a Universidade em Dourados no início do curso de mestrado.

A minha filha Thainá Ferreira Acosta dos Santos pelo companheirismo, e amor fiel, mesmo na sua pouca idade apoiando e me distraíndo nos momentos de tensão.

A minha sobrinha Bruna Ferreira de Souza pelo carinho e o cuidado com minha filha enquanto eu estudava gratidão eterna.

A minha cunhada Maria Aparecida de Souza pelo apoio e acolhimento em sua casa quando precisei.

A minha tia Lidionice Antonio dos Santos pelo apoio e cuidado com meus pais quando precisei viajar para realizar a pesquisa de campo.

As minhas primas Luzia José Simão e Andreia Velasquez pelo apoio e cuidado com minha filha nos momentos que precisei me ausentar.

Ao meu companheiro Sebastião Acosta dos Santos pelo apoio e companheirismo.

Aos meus professores incansáveis na arte de educar.

Ao professor Dr. Daniel Valério Martins da UFGD pela companhia e cuidado durante minha pesquisa de campo.

Aos amigos que fazem parte de minha trajetória de vida pessoal e acadêmica.

A toda equipe do programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade (PPGET) pelo auxílio.

A Adriana Fiori, secretária do (PPGET) pela disponibilidade, atenção, carinho e profissionalismo.

A todas as mulheres das Comunidades da Região do Paiaguás, em especial as mulheres que dispuseram a relatar sua trajetória de vida para minha pesquisa.

Ao senhor José Gonçalves dos Santos, mais conhecido como “chileno” proprietário da mercearia São José em Corumbá pelo apoio com a internet quando precisei.

A Pastoral da Terra na pessoa de Amélia Pereira Santana Zanella pela oportunidade concedida a mim para trabalhar e conviver com as pessoas das comunidades do Paiaguás no Pantanal.

Em memória ao Padre PASCOAL FORIN pela pessoa humana fiel e dedicada dando a vida aos pobres.

Ao senhor Alberto Feiden, professor e pesquisador da EMBRAPA - Pantanal pelo apoio e por ceder o espaço da sua casa para apresentação da minha pesquisa para qualificação.

Ao senhor Walmor Espíndola e sua equipe de transporte dentro das comunidades pelo apoio na locomoção durante a pesquisa.

Ao senhor Edgar Aparecido da Costa, professor da UFMS pelo apoio e por ceder o espaço de sua sala para apresentação de minha defesa da dissertação do mestrado.

FERREIRA, Maria de Fátima. **DAS ESTRADAS DAS ÁGUAS À BEIRA DO QUINTAL:** Um olhar para a mulher em movimento nas Comunidades Tradicionais do Paiaguás Pantanal – Corumbá-MS. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade). Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados – MS, 2022.

## RESUMO

Esta pesquisa traz em seu âmbito uma discussão que tem como objetivo a caracterização e análise do modo de vida das mulheres pantaneiras, seu desenvolvimento socioeconômico, a relação com o meio ambiente, as resistências e práticas diante do conjunto de diversidades que ditam o rumo da vida dentro do Pantanal. Neste contexto sociocultural, evidenciando as relações de gênero no âmbito de comunidades tradicionais, considerando a valorização da mulher como sujeito na unidade familiar na dinâmica de trabalho e território. Dentro desta perspectiva teórica apontando as preocupações de pesquisadores sobre a necessidade de compreender e identificar as relações que existem entre os gêneros na busca não só por uma história de mulheres, mas uma nova história onde essas mulheres estão inscritas. Este diálogo acontece junto às mulheres das comunidades Corixão, Cedrinho, Cedro, Limãozinho, Colônia São Domingos e Colônia Bracinho na sub-região Paiaguás no Pantanal de Mato Grosso do Sul, uma das maiores planícies de inundação do globo terrestre. Dentro deste universo para entender o processo de colonização das comunidades na região do Paiaguás é preciso reviver os caminhos percorridos pelos povos e pelas águas do Pantanal ao longo dos anos, nos momentos que antecedem a história das mulheres, homens, jovens e crianças que vivem nesta região. Evidenciando o movimento das mulheres pantaneiras que trazem no semblante o apego às tradições e costumes herdados da cultura dos povos indígenas, que existiram na região do Pantanal, diante do embrutecimento da natureza com suas modificações, essas mulheres com jeito simples e peculiar se movimentam em uma cultura que integra o social e o econômico dentro de uma rusticidade adquirida com as formas que a necessidade de estarem sempre em busca da sobrevivência e desenvolvimento pessoal proporciona, traçando estratégias que as fazem estar em sintonia com o trabalho o cuidado com a casa e o meio em que está inserido, não perdendo a sensibilidade do ser feminino, o gosto pelo embelezamento físico e do ambiente ao seu redor.

**Palavras-chaves:** Comunidades Tradicionais; Estradas das Águas; Gênero; Mulher em Movimento.

## ABSTRACT

This research brings within its scope a discussion that aims to characterize and analyze the way of life of Pantanal women, their socio-economic development, the relationship with the environment, resistance and practices in the face of the set of diversities that dictate the course of life in the Pantanal. In this sociocultural context, highlighting gender relations within traditional communities, considering the appreciation of women as subjects in the family unit in the dynamics of work and territory. Within this theoretical and practical perspective, pointing out the concerns of researchers about the need to understand and identify the relationships that exist between genders in the search not only for a history of women, but a new history where these women are inscribed. This dialogue takes place with women from the Corixão, Cedrinho, Cedro, Limãozinho, Colônia São Domingos and Colônia Bracinho communities in the Paiaguás sub-region in the Pantanal of Mato Grosso do Sul, one of the largest floodplains on Earth. Within this universe, in order to understand the process of colonization of the communities in the Paiaguás region, it is necessary to relive the paths taken by the people and the waters of the Pantanal over the years, in the moments that precede the history of the women, men, young people and children who live in this area. region. Evidencing the movement of Pantanal women who bring in their countenance the attachment to traditions and customs inherited from the culture of indigenous peoples, which existed in the Pantanal region, in the face of the brutalization of nature with its modifications, these women with a simple and peculiar way move in a culture that integrates the social and economic within a rusticity acquired with the need to always be in search of survival and personal development, outlining strategies that make them be in tune with work, care for the house and the environment in which it is inserted, not losing the sensitivity of being feminine, the taste for physical beautification and the environment around them.

Keywords: Traditional Communities, Estradas das Águas, Gender, Woman on the Move.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 - RE- CONHECENDO A HISTÓRIA: AS COMUNIDADES TRADICIONAIS DO PANTANAL PAIAGUÁS SOBRE UM OLHAR DAS MULHERES DIANTE DO CENÁRIO PANTANEIRO .....</b>	<b>23</b>
1. 1 – As comunidades da região do Paiaguás no Pantanal - Mato Grosso do Sul.....	27
1. 2 - Comissão Pastoral da Terra (CPT) regional de Corumbá: o trabalho através de projetos sociais para desenvolvimento econômico das famílias da região do Paiaguás no Pantanal .....	39
1. 3 - Das estradas das águas a beira do quintal: os caminhos que aparecem e desaparecem .....	45
<b>CAPÍTULO 2 – GÊNERO CAMPEPINATO E A REPRODUÇÃO SOCIAL CAPITALISTA: Um diálogo frente às comunidades do Paiaguás no Pantanal .....</b>	<b>55</b>
2. 1 - Relação de gênero e o patriarcado em comunidades tradicionais.....	58
2. 2 - Divisões sexuais do trabalho no campesinato (a mulher começa assumir papéis e reconhecimento no mundo do trabalho) .....	63
2. 3 - A mulher na Reforma Agrária: Avanços através dos movimentos sociais do campo com políticas públicas e específicas.....	67
2. 4 - Gestão da Unidade Familiar: Papéis Econômicos diante do protagonismo de mulheres resistindo às mudanças sociais do agronegócio .....	76
<b>CAPÍTULO 3 - A MULHER PANTANEIRA EM MOVIMENTO EM UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E ISOLAMENTO TERRITORIAL.....</b>	<b>79</b>
3. 1 – Em espaço de isolamento territorial a educação caminha sobre a resistência e dedicação das mulheres .....	82
3. 2 - Saúde como resultado da interação com a natureza .....	86
3. 3 - Moradia: Local de troca de saberes e espaço de socialização cultural.....	89
3. 4 - A relação entre exploração da natureza e o corpo da mulher pelo capital – Uma reflexão alicerçada nas dimensões do ecofeminismo.....	94
3. 5 – O dilema de um povo das águas sem água - A água do poço .....	97
3. 6 - As mudanças na natureza provocando diversidade no trabalho e renda ameaçando a subsistência dos quintais produtivos .....	100
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>117</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>122</b>
<b>LISTA DE APÊNDICE.....</b>	<b>126</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Mapa da bacia do Pantanal.....	24
<b>Figura 2:</b> Mapa divisão do pantanal em sub-regiões.....	26
<b>Figura 3:</b> Mapa da divisão agrária das sub-regiões do Paiaguás e Nhecolândia .....	29
<b>Figura 4:</b> Desenho cartográfico da demarcação de terras na região do Paiaguás...31	
<b>Figura 5:</b> Título definitivo de terras .....	32
<b>Figura 6:</b> Título definitivo de terras (continuação fig.05).....	33
<b>Figura 7:</b> Comitiva com boiadas .....	37
<b>Figura 8:</b> Churrasco pantaneiro. Festa do divino na casa de dona Lucíla e seu Sebastião – Comunidade do Cedro .....	38
<b>Figura 9:</b> <i>In memoriam</i> Padre Pascoal Forin - Missa na casa de dona Lucila – Cedro .....	44
<b>Figura 10:</b> Estudantes Eslovenos e o Padre Pascoal Forin atravessando corixo com baceiros.....	45
<b>Figura 11:</b> Vista aérea do Arrombado do Caronal .....	48
<b>Figura 12:</b> Roni - morador da comunidade Cedrinho se utilizando do barco com zinga em corixo com baceiros .....	50
<b>Figura 13:</b> Lancha de pequeno porte transportando passageiros pelo rio Taquari ..51	
<b>Figura 14:</b> Leito seco do rio Taquari.....	53
<b>Figura 15:</b> Moradia de dona Cleuza Soares Cunha - Comunidade Cedrinho .....	65
<b>Figura 16:</b> Jardim de dona Rosa Miriam - Colônia São Domingos.....	89
<b>Figura 17:</b> Casa coberta com folhas de acurí.....	90
<b>Figura 18:</b> Fogão a lenha utilizado para cozinhar alimentos .....	93
<b>Figura 19:</b> Buraco cavado no solo para coletar água para consumo humano e animal.....	98
<b>Figura 20:</b> Dona Valdiana coletando água do poço - Colônia São Domingos.....	99
<b>Figura 21:</b> Porcos se refrescando nas poças d'água .....	102
<b>Figura 22:</b> Paisagem devastada pelo fogo .....	103
<b>Figura 23:</b> Fogão a lenha apurando caldo de cana para transformar em rapadura - Colônia São Domingos (Casa do seu Ney e dona Jorvania) .....	106
<b>Figura 24:</b> Objetos usados para suporte de vasos de plantas- Quintal de Rosa Miriam Rocha Medina - Colônia São Domingos.....	108
<b>Figura 25:</b> Barco servindo de bebedouro para animais.....	109
<b>Figura 26:</b> Gamela feito de madeira .....	109

## LISTA DE SIGLAS

<b>CEB's</b> = Comunidades Eclesiais de Base
<b>CNBB</b> = Confederação Nacional dos Bispos do Brasil
<b>CNS</b> = Conselho Nacional dos Seringueiros
<b>CONTAG</b> = Confederação dos Trabalhadores na Agricultura
<b>CPT</b> = Comissão Pastoral da Terra
<b>CUT</b> = Central Única dos Trabalhadores
<b>EFA</b> = Escola Família Agrícola
<b>GO</b> = Goiás
<b>INCRA</b> = Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
<b>MMA</b> = Movimento de Mulheres Agricultoras
<b>MMCC</b> = Movimento de Mulheres do Campo e da Cidade
<b>MMTR</b> = Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais
<b>MS</b> = Mato Grosso do Sul
<b>MST</b> = Movimento dos Trabalhadores sem Terra
<b>MSTTR</b> = Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
<b>MT</b> = Mato Grosso
<b>Redelac</b> = Rede de Mulheres Rurais da América Latina e Caribe

## INTRODUÇÃO

O início desta dissertação traz um breve relato dos fatos que me motivaram a seguir com os estudos, ingressar no mestrado, escolher o tema para a pesquisa e os caminhos que foram percorridos para chegar até aqui.

Sou trabalhadora rural, filha de trabalhadores rurais, nasci no estado do Paraná e com cinco anos de idade vim com minha família para Mato Grosso do Sul no ano de 1980 morarmos em uma fazenda no município de Sete Quedas, próximo à fronteira com Paraguai, onde passei parte da minha infância vendo meu pai Sr. Geraldo da Silva Ferreira e minha mãe Maria da Glória Ferreira trabalhavam como arrendatários, preparando terra para fazer roça e deixar pasto formado para fazendeiro. Nessa ocasião meus irmãos, Adilson Aparecido Ferreira, José Roberto Ferreira e Odair Rosa Ferreira tinham entre 10 e 12 anos de idade, os dois irmãos menores, Messias Ney Ferreira com quatro anos e a Ruth Ferreira um ano de idade. Nesse período entrei para as séries iniciais, ia a pé estudar em uma escola de outra fazenda próxima.

Em 1985 fomos para o acampamento de sem-terra em Sete Quedas, após um ano acampado às margens da cidade, passando todo tipo de privações possíveis, seguimos para o acampamento Santo Inácio próximo a Dois irmãos do Buriti em uma área onde se concentraram o maior número de acampamentos de todo o estado de Mato Grosso do Sul.

Foi indo para o acampamento que minha família viu a possibilidade de ter uma terra para trabalhar e tirar dela o sustento, pois nunca tivemos recursos próprios para adquirir uma terra.

Foram sete anos de muitas lutas, batalhas e momentos em que pensamos não resistir a tantas dificuldades, mobilizações, enfrentamentos com a polícia com o estado e enchentes que inundaram os barracos e levaram parte dos poucos bens materiais que possuíamos.

Em 1987 aconteceu a mudança para Corumbá, após três dias acampados esperando o trem na estação ferroviária de Palmeiras próximo a Aquidauana embarcamos para Corumbá, com as bagagens e alguns animais que acompanhava a famílias desde o início do acampamento e foram mantidos, e outros adquiridos ao longo do período. Chegando a Corumbá seguimos para fazenda Taquaral onde deparamos outras tantas vezes com as mobilizações em frente à sede do INCRA na cidade, confronto com as forças do Estado e despejo.

Diante de todas as formas de discriminações por parte do poder público e da população local tivemos que reinventar um jeito novo de lidar com as diversidades do lugar. A água salobra, pernilongo e o calor excessivo mostravam que mais uma vez era preciso resistir.

Neste lugar passei toda minha adolescência, envolvida nas organizações de grupos onde meu pai era liderança e nas questões religiosas da igreja católica participando dos encontros de preparação de catequistas, formação bíblica, coordenação de comunidade e movimento de mulheres, organizados pela Pastoral da Terra junto a igreja Católica.

No dia 20 de setembro de 1991 aconteceu enfim o sorteio dos lotes no Taquaral. No mesmo dia partimos para o lote para conhecer. Quatro meses depois mudamos definitivo para o lote, na ânsia de produzir comida para sustentar a família meu pai fez um barraco cercado de pau a pique e coberto com folhas de acurí para morarmos, sem água, energia elétrica e sem estradas, com a graça de Deus, meus irmãos cavaram um poço manual e com a enchente que aconteceu na região naquele ano o poço que ficou submerso por alguns dias, quando baixou a água da enchente ele permaneceu com água e por muitos anos abasteceu várias famílias que moravam nas proximidades, e nunca secou.

Durante o período do acampamento no taquaral as famílias se mobilizaram e construíram de pau a pique e folhas de acurí, a escola Monte Azul.

Nessa escola a qual ajudei a construir, estudei os últimos quatro anos do ensino fundamental, para chegar até a escola caminhava seis quilômetros a pé todos os dias, pois não tinha transporte, condução nem condições de ter até mesmo uma bicicleta para ir para escola.

Em 1996 quando iniciou em Campo Grande a Escola Família Agrícola (EFA) sobre a organização do saudoso Rosalvo da Rocha Rodrigues, mediada pela professora Maria Pereira da escola Monte Azul fui estudar na EFA. Na ocasião, fiz ensino médio técnico em agropecuária e continuei no sítio trabalhando com minha família.

Em 2002 passei no concurso público da secretaria de saúde em Corumbá para agente de saúde no assentamento taquaral onde permaneci trabalhando por um ano.

Em 2003 fui embora para Tangará da Serra Mato Grosso no intuito de levar minha família para morar em outro lugar, onde o clima fosse mais favorável ao trabalho

na roça, pois nessa região de Corumbá estava cada dia mais difícil à sobrevivência no lote. Felizmente a tentativa não deu certo, após cinco anos voltei e finquei os pés no chão com um novo olhar para a terra que adquirimos com tanta luta e sofrimento. Reinventamos um jeito favorável de trabalhar a terra e dela tirar o sustento necessário, passamos a plantar culturas de subsistência e hortaliças, aumentando a diversidade de alimentos tanto para consumo da família como para o comércio nas feiras livres na cidade. Com tudo conspirando a meu favor no mesmo ano que voltei para o sítio no taquaral ingressei no curso de Licenciatura em Ciências Sociais pelo PRONERA na UFGD.

Em 2012 fiz parte do projeto Mais Educação na Escola Monte Azul como professora de teatro para alunos do ensino fundamental onde permaneci por dez meses.

Na ocasião a coordenadora da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em Corumbá, Amélia Pereira Santana Zanella, juntamente com uma equipe vinda da Itália e com apoio da Diocese de Corumbá elaboraram um projeto intitulado “Projeto Geração de Renda para as Comunidades do Pantanal” que foi financiado pelo Programa Desenvolvimento e Cidadania da PETROBRAS.

Em 2013 com o projeto já em andamento nas comunidades do Paiaguás no Pantanal, fui convidada pela Coordenadora da CPT para integrar a equipe como técnica em Agropecuária. Nessa ocasião através do desenvolvimento do projeto conheci as comunidades do Paiaguás no Pantanal, com as constantes idas às comunidades pude perceber o modo de vida simples, difícil é peculiar que tem o povo que vive no Pantanal profundo, o jeito como lida com as diversidades do lugar, considerando que estão em locais extremamente difíceis, e aqui falo de uma dificuldade extrema, uma superação de todos os limites. Confesso que foi impactante o momento que cheguei ao local. Uma das primeiras questões impactantes em que surgiu foi com relação à falta de água própria para consumo humano. Como é viver dentro do Pantanal que é considerada a maior área alagada do mundo e não ter água? Essa questão me deixou um tanto intrigada, mas existiram outras questões que foram surgindo e causando imenso desejo de desmistificá-las. E a principal foi porque essas mulheres vivem aqui? O que as motivam a viver em uma região tão difícil?

Diante dessas questões, o desafio e a oportunidade de realizar um trabalho de desenvolvimento social e melhorias de vida para um povo, expressou grande responsabilidade e proporcionou enorme satisfação pessoal, a oportunidade de

conhecer e conviver com pessoas e culturas que jamais imaginava existir dentro do Pantanal.

A partir desse contato com as famílias das comunidades surgiu a ideia de um dia escrever sobre esse povo, especificamente sobre as mulheres da região do Paiaguás.

Ao término do projeto geração de renda para as comunidades do Pantanal em 2015, permaneci no sítio trabalhando com minha família. No ano seguinte resolvi dar continuidade aos estudos, ingressei em mais uma graduação desta vez Licenciatura em Educação do Campo na Faculdade Intercultural Indígena na Universidade Federal da Grande Dourados, mas o preenchimento do meu tempo não firmou na universidade desta vez, dois meses após a primeira etapa tive a imensa felicidade de saber que estava grávida de minha primeira e única filha.

Acabei deixando o curso, não porque minha gravidez viesse atrapalhar, mas por ter tido a oportunidade de gerar uma vida aos 40 anos de idade. Dediquei o tempo cuidando de minha gestação que era considerada de risco e o trabalho na horta com minha família no sítio no assentamento taquaral. No dia 3 de outubro de 2016 minha filha, Thainá Ferreira Acosta dos Santos nasceu.

Após a Thainá completar três anos de idade surgiu a oportunidade de eu ingressar no mestrado em Educação e Territorialidade, um curso voltado para pessoas do campo na Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados.

Logo, a partir do momento de minha inscrição no curso me veio à mente o meu local de pesquisa e o meu objeto de pesquisa, ou seja, as comunidades do Paiaguás e especificamente as mulheres das seis comunidades da Região do Paiaguás no Pantanal de Mato Grosso do Sul, beneficiadas com o Projeto Geração de Renda desenvolvido pela Comissão Pastoral da Terra regional de Corumbá Mato Grosso do Sul.

Até aqui o relato de minha trajetória. Na constituição histórica de minha subjetividade misturam-se a luta e o vínculo com a terra, a busca de conhecimento junto com a condição de mulher e mãe. Explica-se assim a escolha do tema de pesquisa, **DAS ESTRADAS DAS ÁGUAS À BEIRA DO QUINTAL: Um olhar para a mulher em movimento nas Comunidades Tradicionais do Paiaguás Pantanal-Corumbá-MS.**

Uma subjetividade que me permite a compreensão de parte do modo ser de mulheres resistindo em um território marcado pelo isolamento, rusticidade e ausência do Estado. Contudo instiga-me a pergunta pelo vínculo e perseverança dessas mulheres em permanecer no lugar uma vez que as comunidades Corixão, Cedrinho, Cedro, Limãozinho, Colônia São Domingos e Colônia Bracinho se encontram em uma região de difícil acesso dentro do Pantanal. Estas comunidades encontram-se localizadas às margens do rio taquari, abrigando um total de 175 famílias segundo dados da Comissão Pastoral da Terra regional de Corumbá (2015).

O **Objetivo:** Essa dissertação tem como objetivo a caracterização e análise do modo de vida das mulheres pantaneiras, o desenvolvimento socioeconômico, a relação com o meio ambiente, as resistências e práticas diante de um conjunto de diversidades que ditam o rumo da vida dentro do Pantanal.

Nesta pesquisa, diante do contexto sociocultural, busco evidenciar como se dá às relações de gênero no âmbito de Comunidades Tradicionais<sup>1</sup>, perguntando pelas possibilidades de a mulher ser protagonista na unidade familiar e na dinâmica de trabalho dentro de uma região marcada pelo isolamento territorial.

**Dos objetivos específicos:** Nesta pesquisa tem-se abordado problemática que aprofundam o enredo de pertencimento ao lugar, dentro de um modo tradicional, cultural, social e ambiental, próprio de cada comunidade da região.

Esta dissertação está dividida em três capítulos.

**No primeiro capítulo** fez necessário um diálogo com o tema: RE-CONHECENDO A HISTÓRIA: As comunidades tradicionais do Pantanal Paiaguás sobre um olhar de mulheres diante do cenário pantaneiro, no intuito de visibilizar um emaranhado de redes e contatos na busca por:

- re-conhecer a história das Comunidades Tradicionais do Paiaguás Pantanal-Mato Grosso do Sul;

---

1

Comunidades Tradicionais: Segundo o decreto nº 6.040/2007, povos e comunidades Tradicionais são “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição” (BRASIL, 2007).

- visibilizar a atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) regional de Corumbá: o trabalho através de projetos sociais para desenvolvimento econômico das famílias da região do Paiaguás no Pantanal;
- compreender a importância das estradas das águas que aparecem e desaparecem diante do olhar das mulheres.

**No segundo capítulo** um recorte sobre: **GÊNERO CAMPESINATO E A REPRODUÇÃO SOCIAL CAPITALISTA**: Um diálogo frente às comunidades do Paiaguás no Pantanal, um momento para:

- elucidar a relação de gênero e o patriarcado em comunidades tradicionais;
- discorrer sobre divisões sexuais do trabalho no campesinato;
- dialogar sobre a mulher na reforma agrária e os avanços através dos movimentos sociais do campo com políticas públicas e específicas;
- analisar a gestão da unidade familiar e os papéis econômicos diante do protagonismo de mulheres resistindo às mudanças sociais do agronegócio;

**No terceiro capítulo** com um olhar dimensional sistêmico: **AS MULHERES DAS COMUNIDADES DO PAIAGUAS EM MOVIMENTO EM UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E ISOLAMENTO TERRITORIAL**, a mulher pantaneira diante as várias formas alternativas que o ambiente pantaneiro proporciona buscando:

- visibilizar mediante um espaço de isolamento territorial educação e saúde caminhando sobre um processo de resistência e dedicação das mulheres;
- trazer para o conhecimento a moradia como local de troca de saberes e espaço de socialização cultural;
- refletir sobre o dilema de um povo das águas sem água;
- perceber as mudanças na natureza que tem provocado diversidade no trabalho e renda ameaçando a subsistência dos quintais produtivos nas comunidades do Paiaguás;
- identificar a relação entre exploração da natureza e o corpo da mulher pelo capital - uma reflexão alicerçada nas dimensões do ecofeminismo.

Para realização deste trabalho figuram as pesquisas teóricas sobre as Comunidades Tradicionais do Paiaguás no Pantanal, a organização e atuação da Comissão Pastoral da Terra estadual e regional interligando a história de formação sociocultural do Brasil, gênero, campesinato e a reprodução social capitalista com

recorte na conjuntura histórica das mulheres trabalhadoras rurais dos assentamentos de Mato Grosso do Sul, mesclando a história das mulheres pantaneira do Paiaguás.

**Procedimentos metodológicos:** A pesquisa de campo teve registro de memórias, relatos de fatos vivenciados na prática pelas mulheres pantaneiras das comunidades da região do Paiaguás no Pantanal, com fotos e registros de impressões pessoais, a partir de um diário etnográfico e entrevistas qualitativas com questões abertas e semiestruturadas.

Foi adotado o critério de afinidades criadas durante a realização do projeto geração de renda nas comunidades, do qual foi feito uma lista com o nome das mulheres a serem entrevistadas, sendo:

**Comunidade Corixão** - Aracilda Souza de Arruda, Araci Souza de Arruda, Divina Maria Santana de Souza.

**Comunidade Cedrinho** - Deolinda Soares Cunha, Clarislene Silva Soares, Rosa Vieira Soares, Suelen de Oliveira Batista.

**Comunidade Limãozinho** - Dina Angélica Moraes, Regina de Moraes Vieira.

**Comunidade São Domingos** - Arcelina soares vieira castelo, Ana Regina Martins Paes, Maria Helena dos Santos, Rosa Miriam Rocha Medina e Lino Gomes.

Na sequência foi enviado aviso com data a ser realizada à visita para entrevista, através do senhor Walmor Espíndola responsável pelo transporte de pessoas e mercadorias na comunidade. No dia 27 de outubro de 2022 pela manhã foi feito um roteiro da viagem e definindo por onde começar as visitas.

A equipe de pesquisa foi composta pela pesquisadora do mestrado em Educação e Territorialidade FAIND-UFGD Maria de Fatima Ferreira, o professor e orientador do curso de mestrado em Educação e Territorialidade da FAIND-UFGD, Dr. Walter Roberto Marschner, o professor Dr. Daniel Valério Martins, o acadêmico do curso de Educação do Campo-UFGD, Sebastião Acosta dos Santos, e o piloto<sup>2</sup> do barco voadeira e motorista da caminhonete de transporte João Igor Monroe das Neves

---

2

Piloteiro - É a pessoa responsável em conduzir a embarcação pelo rio, geralmente é habilitado com carteira profissional de piloto expedido pela Marinha do Brasil.

Urquiza partiu do porto de Ladário em um barco voadeira<sup>3</sup> Através do rio Paraguai até o porto formigueiro no mesmo rio, esse trajeto durou uma hora e meia, a partir desse local a equipe embarcou em uma caminhonete com tração nas rodas e seguiu viagem por mais duas horas até as comunidades, começando as visitas pela comunidade do Corixão.

O local de apoio foi montado nas dependências da moradia da senhora Rosa Vieira Soares na comunidade do Cedrinho, onde foram realizadas as refeições e pernoite em barracas. Foram realizadas visitas em 05 comunidades Corixão, Cedrinho, Cedro, Limãozinho e Colônia São Domingos para coleta de informações através de questões abertas e semiestruturadas para as mulheres residentes nas comunidades. Devido às condições de transporte e trajetos devido a seca do rio Taquari, não foi possível realizar entrevista com as mulheres da comunidade da Colônia Bracinho e Cedro.

Foi entrevistado um total de 13 mulheres e 01 homem entre os dias 27 e 29 de Outubro de 2021 na faixa etária entre 20 e 70 anos de idade.

No dia 25 de março de 2022 foi realizada entrevista com o senhor Dorival Canavarro dos Santos, gestor da unidade avançada do INCRA em Corumbá.

Entrevistado também no dia 26 de março de 2022 o senhor Walmor Espíndola, responsável pelo transporte de pessoas e mercadorias com caminhonetes das comunidades da região do Paiaguás até o porto formigueiro no Rio Paraguai e vice-versa. A partir desse porto as pessoas e mercadorias são transportadas de barco voadeiras pela mesma equipe até a cidade e da cidade para o porto seguindo nas caminhonetes até as moradias.

Entrevistado também no dia 29 de julho de 2021 o professor Advanir Oliveira Malheiros Supervisor do Núcleo educacional do Campo-Semed e programa Escola das Águas da secretaria municipal de Educação de Corumbá-MS.

Foi entrevistada via celular no dia 10 de julho de 2022 a Ex-coordenadora da Comissão Pastoral da Terra regional de Corumbá Amélia Pereira Santana Zanella. As questões que foram utilizadas nas entrevistas estão listadas no (Apêndice 1).

---

<sup>3</sup> Barco voadeira – Geralmente é barco de alumínio com um diâmetro de 6 metros de comprimento por 1,80 de largura com motor de 40hp.

Foram realizadas pesquisas via internet sobre o programa povo das águas da secretaria municipal de saúde da prefeitura de Corumbá e leitura de bibliografias pertinentes ao tema. Durante essa pesquisa pode verificar que existem poucos escritos científicos relacionados à história das comunidades do Paiaguás no Pantanal, dificultando as citações e referências bibliográficas para sistematização da escrita.

Todo contexto da pesquisa culmina na busca pela compreensão do modo de vida das mulheres dentro das comunidades do Pantanal, como elas se desenvolvem economicamente e socialmente dentro de um cenário isolado territorialmente, rústico com peculiaridades próprias e diversidades abundantes em todo contexto ambiental do Pantanal. A pesquisa de campo buscou junto a estas mulheres perceber as reações às transformações do território descrevendo assim um protagonismo característico de um tipo de mulher camponesa.

Para o desenvolvimento teórico do texto as pesquisas foram fundamentadas junto a alguns pesquisadores, em destaque: **Scott** trazendo um diálogo sobre relações de gênero; **Gebara** apontando um patriarcado enraizado nas leis religiosas, e a perspectiva ecofeminista; **Saffioti** abrangendo o diálogo entre gênero patriarcado e violência; **Cândido** traz um diálogo sobre as categorias sociais, além de outros.

## CAPÍTULO 1 - RE- CONHECENDO A HISTÓRIA: AS COMUNIDADES TRADICIONAIS DO PANTANAL PAIAGUÁS SOBRE UM OLHAR DAS MULHERES DIANTE DO CENÁRIO PANTANEIRO

*“Meu nome é Aracilda Souza de Arruda<sup>4</sup>. Eu nasci aqui, e aí foi embora para lá, retiro piúval, passamos uns 10 anos aí voltamos em 74, voltamos para cá e continuamos aqui”.*

*“Aqui convive no meio dos passarinhos a natureza é muito melhor o ar que nós respiramos aqui no campo”* Comunidade Corixão (2022).



Diante da condição de viver em um lugar que traz sossego e tranquilidade, as mulheres do Paiaguás conservam em si um sentimento de pertencimento ao lugar. Neste primeiro capítulo fez-se necessário um diálogo no intuito de reconhecer a história de formação das comunidades da sub-região do Paiaguás no Pantanal de Mato Grosso do Sul, visibilizar a atuação da Comissão Pastoral da Terra nas comunidades e compreender a importância das estradas das águas que aparecem e desaparecem no cenário pantaneiro.

O Pantanal é a maior planície inundada do mundo. “Situa-se no centro da América do Sul, na Bacia do Alto Paraguai que, por sua vez, está compreendida, a grosso modo, entre os paralelos de 14°00’ a 22°00’ de latitude Sul e os meridianos de 53°00’ a 66°00’ de longitude Oeste de Greenwich (OLIVEIRA, 1995, p. 21)”.

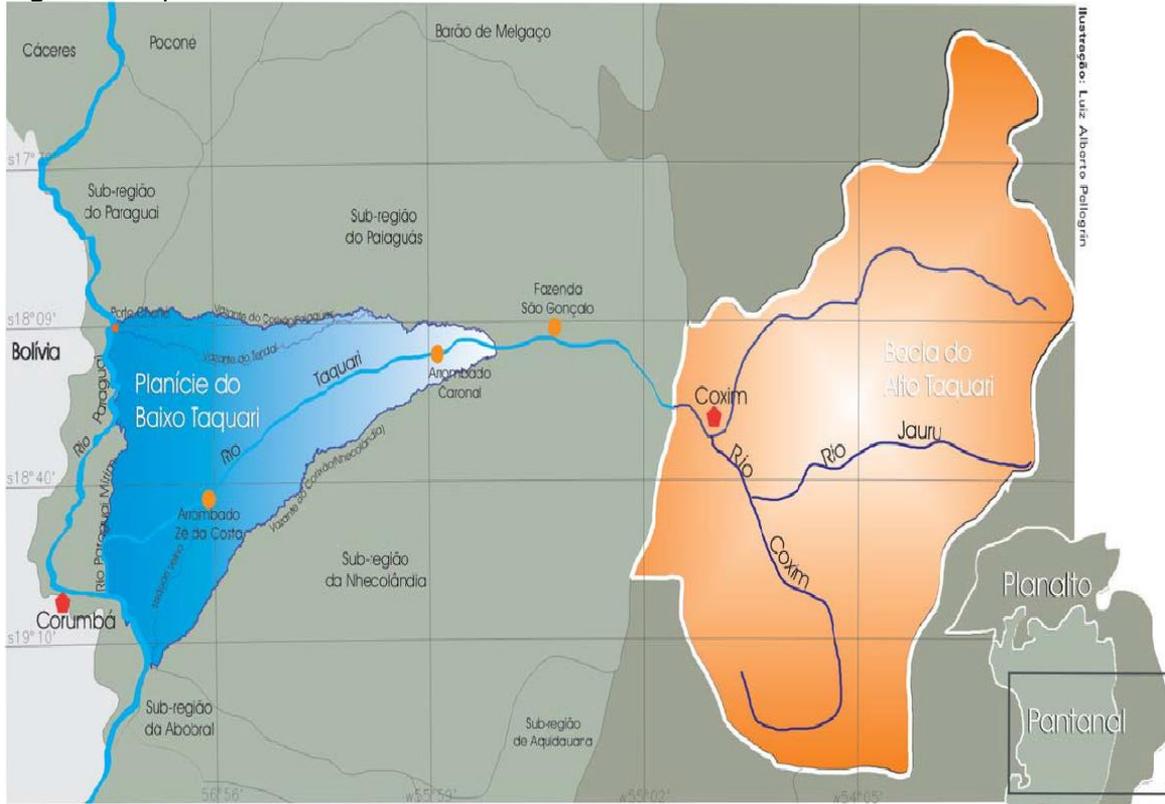
O Pantanal em descrição apresentada não é um ecossistema homogêneo, existem variações de uma região para outra em sua planície, o tipo de vegetação, relevo, solo, e períodos de inundação varia de uma região para outra.

<sup>4</sup> Aracilda Souza de Arruda – Comunidade Corixão.

Nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, pantanal não é sinônimo de grande pântano, brejo, charco ou outros termos semelhantes, normalmente mencionados em dicionários da língua portuguesa. É um vocábulo utilizado para substantivar a porção brasileira de uma das maiores planícies de inundação do globo, conhecido como Pantanal Matogrossense (OLIVEIRA, 1995, p. 21).

A figura abaixo mostra a bacia do Pantanal, onde está localizada a bacia do alto Taquari e a planície do Baixo Taquari.

**Figura 1:** Mapa da bacia do Pantanal



Fonte: Galdino (2006)

“O Pantanal está localizado na Bacia do Alto Paraguai (BAP), sendo o rio Paraguai seu principal tributário (CALHEIROS; OLIVEIRA, 2010 apud ZERLOTTI, 2014)”.

A Bacia do rio Taquari, uma sub-bacia do rio Paraguai, está localizada na região norte do estado de Mato Grosso do Sul, estendendo-se por cerca de 800 quilômetros e ocupando uma área de aproximadamente 80.000 km<sup>2</sup>. Ao longo de seu trecho, atravessa os municípios de Alto Taquari e Alto Araguaia no Estado de Mato Grosso e os municípios de Alcínópolis, Bandeirantes, Camapuã, Costa Rica, Pedro Gomes, Rio Verde, São Gabriel do Oeste, Sonora, Corumbá e Ladário no Estado de Mato Grosso do Sul (CURADO, 2004, p. 14.).

Está localizado dentro do bioma do cerrado e é possível encontrar dentro do Pantanal variados tipos de áreas com vegetações de mata atlântica, savanas, e cocais, PORTO GONÇALVES (2019).

O Pantanal encontra-se subdividido em 11 pantanais, quatro dessas sub-regiões estão no estado do Mato Grosso e outras 07 estão no Pantanal de Mato Grosso do Sul.

Entre as sub-regiões do Pantanal de Mato Grosso do Sul encontram-se em destaque na literatura algumas regiões como Nhecolândia e Nabileque, onde as comunidades estão localizadas às margens do Rio Paraguai facilitando o acesso.

Na região do Paiaguás as comunidades pesquisadas se encontram localizadas nas proximidades do rio Taquari, onde o acesso é muito difícil, e com a seca do Taquari na região dificultou mais ainda este acesso.

Embora todas as regiões da planície pantaneira tenham semelhanças entre si, existem detalhes característicos naturais que diferenciam cada sub-região, a vegetação, a umidade, o relevo e a sedimentação são algumas dessas características.

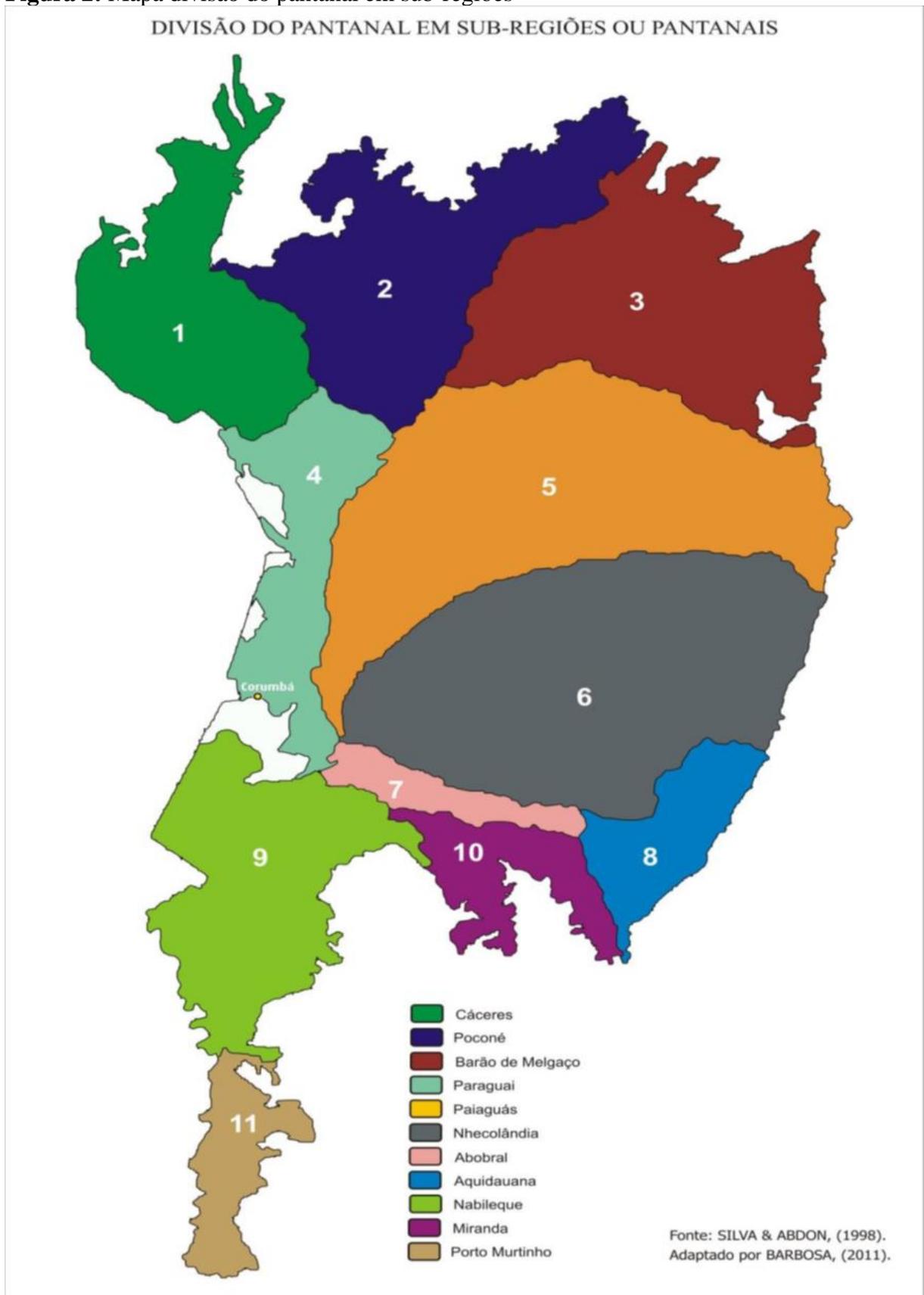
A sub-região do Paiaguás é uma das regiões que recebe grande parte de sedimentos trazidos pelo rio Taquari devido às imensas áreas cultivadas às margens do rio e a intensiva criação de gado na região denominada alto Taquari.

Segundo CURADO, (2004) a região do Paiaguás e Nhecolândia ocupa a maior área da bacia do Pantanal maior leque fluvial do mundo.

A figura mostra o mapa do Pantanal dividido em sub-regiões, nos dois Estados, em Mato Grosso estão às sub-regiões de Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço e Paraguai, em Mato Grosso do Sul estão às sub-regiões do Paiaguás, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Nabileque, Miranda, porto Murtinho.

Essas sub-regiões possuem grandes extensões de áreas de planícies alagáveis e morrarias, proporcionando assim diversidades na fauna e flora da região, em locais alagados percebe-se vegetações aquáticas, pastagens nativas, cocais e arbustos de média estatura, nas áreas de morrarias matas intensas com arbustos de grande porte.

**Figura 2:** Mapa divisão do pantanal em sub-regiões



Fonte: Silva e Abdon (1998) Adaptado por: Barbosa (2011)

## 1. 1 – As comunidades da região do Paiaguás no Pantanal - Mato Grosso do Sul.

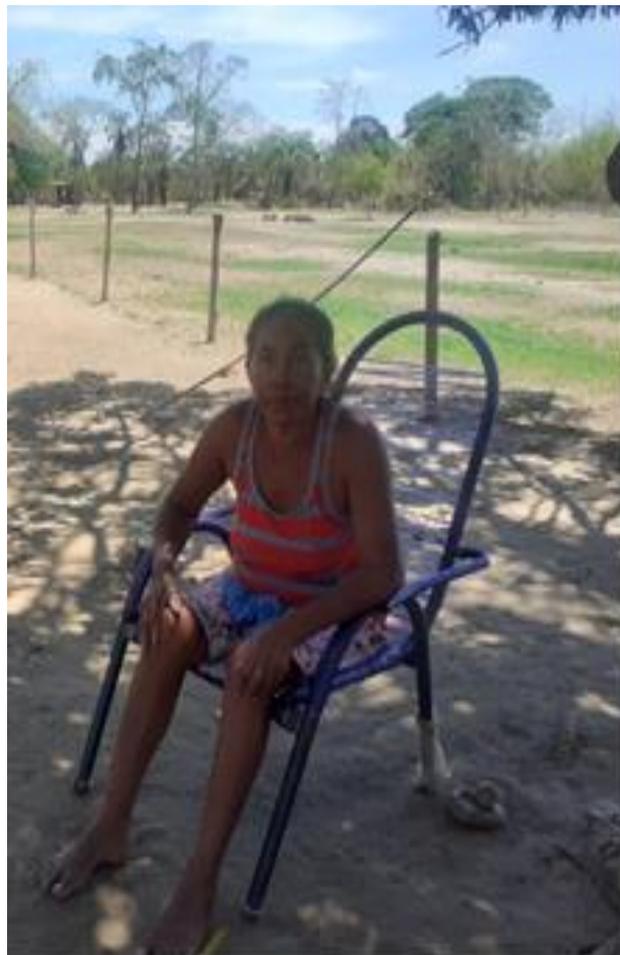
*Meu nome é Regina de Moraes Vieira.<sup>5</sup>*

*Eu nasci aqui, foi nascido tudo aqui essa terra aqui era dele, (refere-se ao esposo já falecido) o pai dele a mãe dele tudo morava aqui. Aqui é muito bom. A gente que é acostumada pra cá foi nascido e criado tudo aqui a gente não se acostuma em outro lugar né.*

*Gosto muito de ficar aqui, porque eu trabalho né, faço um servicinho ali outro ali. Aqui plantava milho, rama de mandioca, arroz, banana, com essa seca não dá para plantar mais nada.*

*Aqui mudou muito de primeiro nós não tínhamos casa era casa de palha né, hoje é de telha, tenho uma placa<sup>6</sup>, a gente comprou um frizerzinho está tomando água gelada, de primeiro não*

*tinha nada disso era só água mesmo do corixo. Nois não tinha um gadinho agora nós temos, cavalo. De primeiro nós não tínhamos nada disso, era só mesmo roça, lidava só com roça.*



*tinha nada disso era só água mesmo do corixo. Nois não tinha um gadinho agora nós temos, cavalo. De primeiro nós não tínhamos nada disso, era só mesmo roça, lidava só com roça.*

Para saber como se deu o processo de colonização da sub-região do Paiaguás onde estão localizadas as comunidades do Corixão, Cedrinho, Cedro, Limãozinho, Colônia São Domingos e Colônia Bracinho é preciso reviver os caminhos percorridos pelos povos e pelas águas do Pantanal ao longo dos anos que antecedem esse momento da história das mulheres, homens, jovens e crianças que vivem nessa região, um processo que confundem com a ocupação tradicional pela numerosa e diversificada população indígena que habitaram essas terras.

<sup>5</sup> Regina de Moraes Vieira – Comunidade Limãozinho.

<sup>6</sup> Aqui a senhora Regina de Moraes Vieira refere-se à placa solar cedida pelo Projeto Geração de Renda (CPT, 2015).

Muitos colonos vindos de outras regiões principalmente do leste e nordeste do Brasil adentraram o Pantanal invadindo e ocupando as terras indígenas e instalando grandes fazendas de criação de gado.

Na região do Paiaguás Pantanal de Mato Grosso do Sul há indícios<sup>7</sup> que existiram várias aldeias indígenas às margens do rio Taquari. Moradores relatam que todas as comunidades indígenas da região foram exterminadas, restando alguns poucos índios que fugiram do confronto entre os colonos e fazendeiros que adentravam as terras invadindo e ocupando os espaços, antes ocupados por esses povos indígenas.

“As sociedades indígenas existentes entre os rios Paraguai, São Lourenço e Cuiabá - Bororo, Paiaguá, Guató, Guaikuru, principalmente, e Kayapó que faziam incursões neste território, passam a ser perseguidas e guerreadas, como se fossem intrusas em seu próprio território”. Como afirma DA SILVA & SILVA (1995, p. 33).

Para compreender a história do início da formação das comunidades da região do Paiaguás é preciso um estudo minucioso onde os registros de fatos históricos das comunidades desta região estão fragmentados. Em todas as pesquisas realizadas não foi possível encontrar detalhes de cada comunidade aqui relatada. Como afirma Galdino (2006).

Esses dados relativos à origem destas colônias exigem informações mais precisas e de fontes mais seguras, possivelmente em Cuiabá, no sentido de confirmarem (ou não) os depoimentos concedidos, haja vista que se tratam de fatos ocorridos num passado distante e de não se ter identificado neste estudo, nenhum interlocutor cujo nascimento ocorrera antes da criação destas colônias (GALDINO, 2006 p. 325).

Diante das informações possíveis sobre essas famílias que residem na região do Paiaguás a pesquisa em Galdino (2006) aponta que:

Aqui podemos ressaltar parte da história da “conformação da Colônia São Domingos, às margens do Rio Taquari, encontra-se associada ao contexto que sucede a Guerra do Paraguai (1864-1867) e envolve a presença, principalmente, de índios Guaná e Quinquinau dispersos após a invasão paraguaia”. (Galdino, 2006, p. 325).

Ainda para Galdino existem relatos da história da colônia Bracinho, ocorridos por volta do século passado.

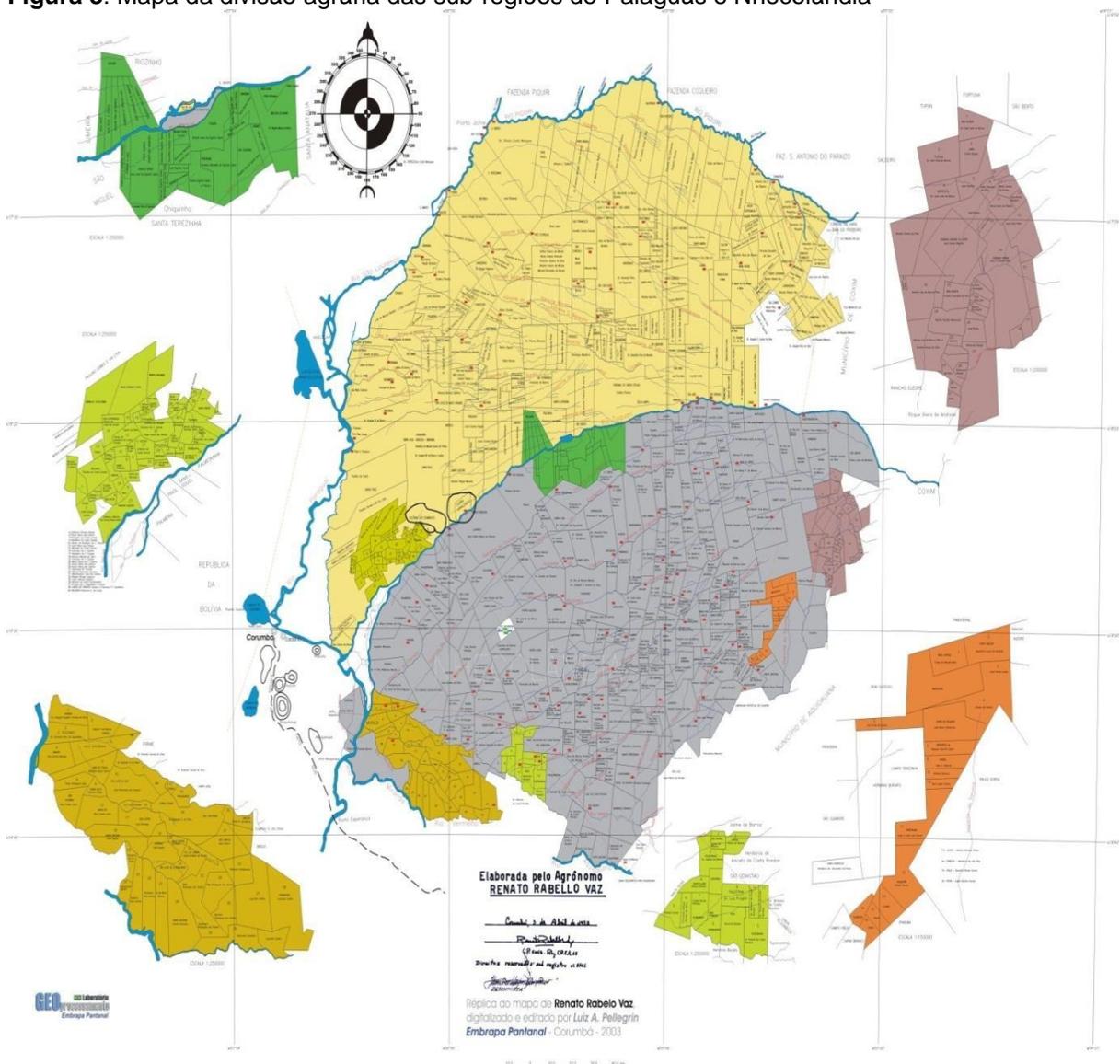
---

<sup>7</sup> Sobre a presença indígena já no período pré-colonial, valem as referências arqueológicas de Peixoto (1998) que dão conta da presença Tupi-guarani na região. Para a presença indígena mais recente no Paiaguás valemo-nos da hipótese levantada por Oliveira (1999), que sugere a presença de Guató como resultado dos deslocamentos de seus territórios tradicionais, a partir da grande cheia de 1976 para áreas mais elevadas, como a dos territórios que aqui pesquisamos.

Segundo Berenice Castello, proprietária de terras inundadas pelo Rio Taquari e ex-professora do ensino público municipal na região, a origem da Colônia Bracinho está relacionada com a intervenção de um fazendeiro (Jesuino Pereira Alves) que havia doado parte de suas terras para a “pobreza da região”. Antes disto, no entanto, provavelmente nos idos dos anos 30 ou 40 do século passado, como destacado pela mesma interlocutora, foi primordial o apoio do então arcebispo de Cuiabá, Dom Aquino Correia, na concessão de terras e conseqüente formação da Colônia Bracinho (GALDINO, 2006 p. 325).

A figura abaixo mostra as sub-regiões do Paiaguás e Nhecolândia, as partes em destaque colorido estão os núcleos familiares com os nomes dos proprietários.

**Figura 3:** Mapa da divisão agrária das sub-regiões do Paiaguás e Nhecolândia



**Fonte:** Renato Rabelo Vaz (03 de abril de 1952)  
**Digitalizado e editado por:** Luiz Alberto Pellegrin (2003).

Excetuando-se as dinâmicas organizacionais das populações indígenas, tradicionais habitantes dessa região e hoje praticamente dizimadas, a fazenda de

criação de gado representa o cenário central onde se desenvolveram historicamente as relações sociais no Pantanal.

Neste mapa da sub-região do Paiaguás e Nhecolândia é possível visualizar como estão divididas as terras na região e como foram agrupadas as comunidades.

Este mapa não traz detalhes das comunidades relatadas nesta pesquisa, portanto foi possível identificar somente duas comunidades, Colônia São Domingos e Colônia Bracinho, estas estão circuladas em cor preta, as demais comunidades não aparecem com os respectivos nomes.

Na sede do INCRA em Corumbá foram encontrados alguns documentos, mapas e registros que mostram como foram feitas a demarcação das terras da região do Paiaguás.

Segundo relato do senhor Dorival Carvalho dos Santos Canavarro, gestor da unidade avançada do INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária) em Corumbá, existem nos arquivos da unidade documentos com datas de 1830 onde comprovam a existência de ocupação por colonos na região do Paiaguás. Nesse período no Brasil.

No que se refere ao domínio de terras, houve um vazio constitucional entre 1822 e 1850. Nesse período, coexistiram sesmarias e posses, o que levou à pressão dos latifundiários sobre os posseiros. Em áreas distantes ou de menor interesse do latifúndio, o vazio legal permitiu também a acomodação de usos costumeiros associados à posse da terra (FERRARO JÚNIOR 2010, p.387).

Mesmo com todas problemáticas existentes os colonos pantaneiros, semelhante à concepção de Antônio Cândido (2010), podem ser chamados também de transitórios. Aqueles que não possuem títulos legais da terra onde moram podem vir a perdê-la a qualquer momento, colonos os quais a terra foi distribuída no início da colonização do Brasil.

Os mapas aqui apresentados foram desenhados manualmente em papel manteiga e estão datados de 1940, como vemos na planta de um mapa de demarcação de terras da sub-região do Paiaguás onde traz em sua legenda “Planta da Colônia Municipal do Taquari / Corumbá”.

**Figura 4:** Desenho cartográfico da demarcação de terras na região do Paiaguás



**Fonte:** Acervo do INCRA - Corumbá/MS (2022)

As propriedades mais extensas como, as grandes fazendas tomam uma área que circundam áreas menores, causando incessantes conflitos entre os ocupantes da região.

Segundo o senhor Dorival, grande parte dos arquivos e registros da história dos povos dessas comunidades do Pantanal se encontra em bibliotecas na capital Cuiabá no Estado do Mato Grosso.

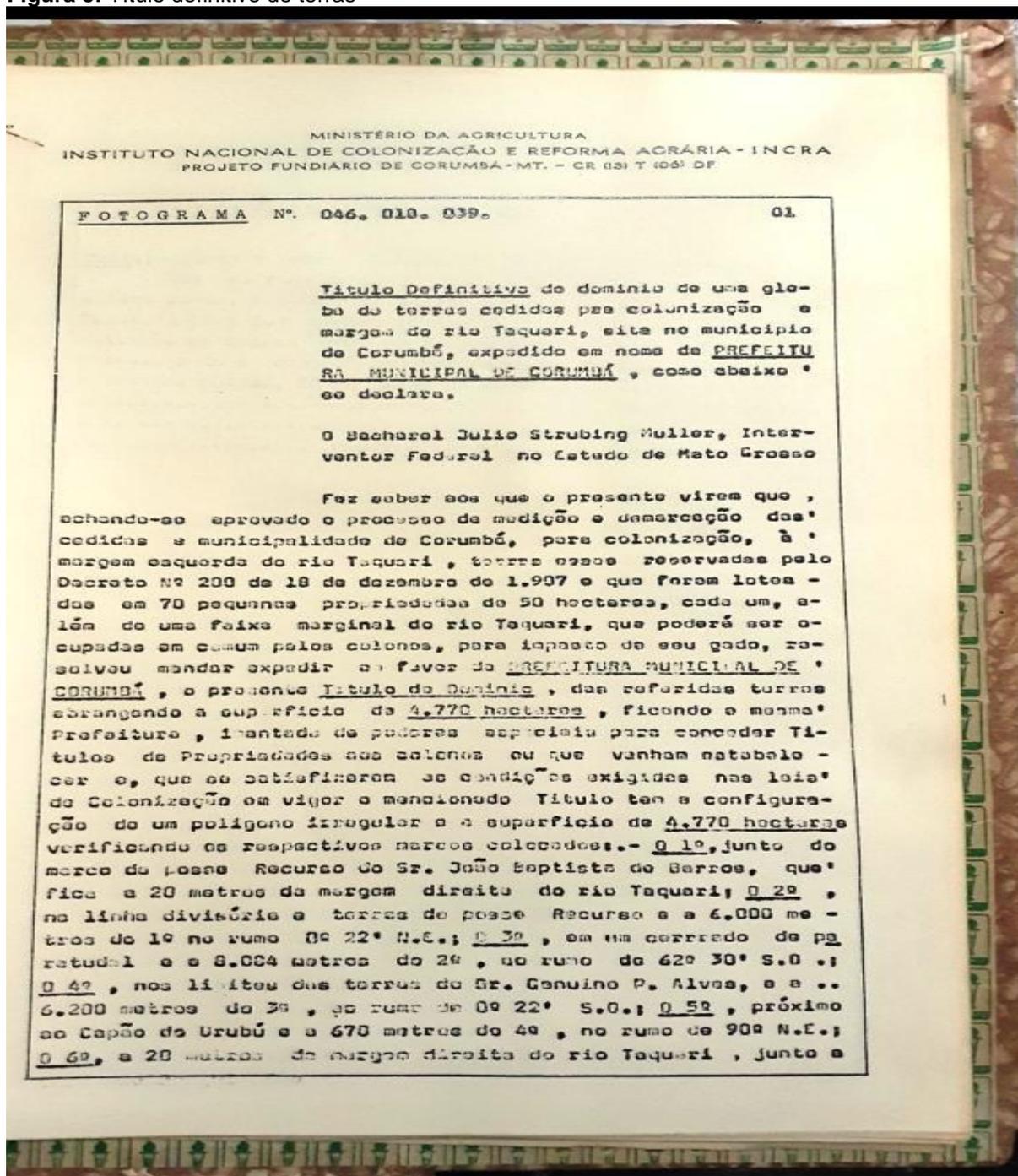
Também foi encontrado nos arquivos do INCRA em Corumbá documentos expedidos pelos cartórios de Cuiabá/MT legitimando a demarcação de terras na região do Paiaguás no ano de 1940.

A figura abaixo traz um registro em cartório de terras federais cedidas ao município de Corumbá para colonização à margem esquerda do rio Taquari.

Demarcação de 70 lotes com 50 hectares em uma área total de 4.770 hectares de terras.

Esse registro foi concedido à prefeitura de Corumbá em 10 de julho de 1940 para formação de colônias agrícolas, através destes documentos fica subentendido que nessas áreas estão as comunidades da Colônia São Domingos e Colônia Bracinho.

Figura 5: Título definitivo de terras





que aos poucos iam adentrando as propriedades menores expulsando o colono morador daquele local.

As comunidades da região do Paiaguás estão distantes cerca de 80 a 150 km do perímetro urbano e até meados dos anos 90 não tinham nenhum apoio por parte do poder público, tanto da prefeitura de Corumbá quanto do Estado de Mato Grosso do Sul.

A região possui acesso pelas águas do Rio Paraguai e rio Taquari no Pantanal de Mato Grosso do Sul. Saindo de Corumbá, descendo pelo Rio Paraguai e posteriormente subindo o rio Paraguai-mirim, chega-se ao rio Taquari.

Subindo o rio Taquari pelo lado esquerdo estão localizadas as seis comunidades, Corixão, Cedrinho, Cedro, Limãozinho, Colônia São Domingos e Colônia Bracinho, as quais abrigam um total de 175 famílias.

A maioria dos moradores das comunidades do Paiaguás não possui titularização com demarcação de terras feita pelo Estado. A maioria permanece ocupando as terras que foram de seus antepassados, avós ou pais, e tem o direito como herança. Esse modo de ser retratado entre os caipiras de Antônio Cândido, é típico de estruturas de posse da terra muito antigas.

“A posse, mais ou menos formal, ou a ocupação, pura e simples, vêm juntar-se aos tipos de exploração e ao equipamento cultural, a fim de configurar uma vida social marcada pelo isolamento, a independência, o alheamento à mudanças sociais” (CÂNDIDO, 2010 p. 56).

Esse modo de vida firmado nesse ambiente rústico simplista permeia um sentimento de pertença de amor ao lugar não se importando nem mesmo com o isolamento territorial que ele proporciona pelo motivo de estar em uma região de difícil acesso. O sentimento de pertença se expressa por último na capacidade de adaptação, num equilíbrio ideal entre as necessidades dos moradores e nos recursos naturais, de forma a conquistar uma autonomia relativa no local.

A existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos do meio físico, requerendo, da parte do grupo, soluções mais ou menos adequadas e completas, das quais depende a eficácia e a própria natureza daquele equilíbrio. (CÂNDIDO, 2010, p. 28)

Para Dona Deolinda Soares Cunha moradora na Comunidade do Cedrinho essas terras estão no domínio da família a mais de 80 anos, e vem passando de geração em geração de pais para filhos, “*os pais deles meu avô que era o dono da*

*terra que daí teve ele, ele também é legítimo minha mãe também é a legítima pantaneira... eu nasci aqui quer dizer que eu tô com 66, então faz 66 anos”.*

Segundo os moradores residentes nessas comunidades, eles permanecem ali atraídos pelo amor enraizado pelos avôs e os pais que viveram nessas terras como afirma Rosa Mirian Rocha Medina moradora na Colônia São Domingos, *“O que me faz ficar aqui nesse lugar é o amor, o amor que a gente tem pelo lugar sabe pelas coisas que a gente já tem pelas coisas que a gente já plantou”.*

A terra não é vista simplesmente como terra. Existem peculiaridades que fazem do lugar o sossego, a tranquilidade, a liberdade e a abundância da fauna e flora da região.

“Dotados de um jeito próprio e peculiar de viver a vida, [...] desconfiando do estranho, mas prontos à hospitalidade desde que não surgissem dúvidas” (CÂNDIDO, 2010, p. 49).

As famílias cultuam as tradições e os costumes seguindo o curso da natureza preservando memórias como as histórias de seus antepassados que se utilizavam das rezas e costumes para se firmarem em suas tradições. Histórias comuns como a cobra d'água, o minhocão, o pé de garrafa, o capa preta entre outras são comuns em toda região do Pantanal, essas histórias eram contadas pregando respeito entre as gerações principalmente na relação homem-ambiente natural. O mito faz parte da cultura pantaneira de todos os Pantanais.

O mito é o aspecto que dá a dimensão da realidade inatingível racionalmente, com significado e consistência, pondo limite a reflexão filosófica, que é rigorosamente racional, a tradição milenar de determinadas sociedades comprovam essa consistência mítica, ao mesmo tempo em que cria ou estabelece relação da identidade do homem com o mito, como forma de explicar sua existência e a existência da própria sociedade (OLIVEIRA; LIMA, 2006, p. 9, apud ZERLOTTI, 2014, p.34).

Com um modo tradicional muitas famílias das comunidades permanecem preservando seus costumes.

Saberes tradicionais como a construção de canoas de um pau só, o carro de boi o laço pantaneiro para lidar com o gado, os remédios caseiros para os males do corpo, os artesanatos comuns como os utensílios, vasilhas de barro de madeira e o penacho<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> O penacho é um utensílio feito de parte do cacho de coco do acurí. Quando ainda verde o pedaço de talo do cacho é trabalhado para desfiar e ficar com o leque bem espalhado e macio para melhor utilidade, ou seja, espantar os pernilongos.

As comunidades dessa região do Pantanal ainda sobrevivem às mudanças sociais e culturais impostas pelos meios de comunicação como, telefone, rádio e televisão, que aos poucos chegam às mais distantes localidades.

Além da influência dos meios de comunicação existe outro aspecto bem relevante: o vai e vem de familiares que residem na cidade, prática que acaba trazendo informações e outros conhecimentos para dentro da comunidade, mesclando com a cultura local e os saberes tradicionais.

Essa prática do ir e vir de pessoas da comunidade para a cidade e vice-versa é feita para busca de mantimentos na cidade ou para tratamento de algum problema de saúde, ou então para receber algum benefício social. Uma rotina que acontece a cada três meses, quando os mais idosos vão à busca da aposentadoria, como afirma Dona Deolinda, quando questionada de quanto tempo vai à cidade.

*“De quase três meses não chega os três meses aí eu vou porque a aposentadoria não pode chegar aos três meses, por exemplo, faltando três ou cinco dias tem que estar lá aí a gente aproveita para fazer tudo e aí lá a gente aproveita também agora já vai dar para passear por causa a epidemia já tá passando graças a deus né”.*  
(Deolinda Soares Cunha - Comunidade Cedrinho, 2021).

A relação das pessoas das comunidades com a cidade está baseada na necessidade da aquisição de algo que esteja em falta naquele momento na residência, tais como alimentos ou remédios, dificilmente vão a cidade simplesmente para passeio ou algum tipo de descontração, *“já cheguei de passar cinco anos aqui sem ir à cidade”* (Rosa Miriam Rocha Medina – Colônia São Domingos).

As comunidades do Paiaguás são compostas por um número expressivo de pessoas idosas, aposentados que vivem no lugar de origem desde que nasceram.

A maioria dos filhos desses colonos pantaneiros vai à busca de trabalho nas fazendas próximas ou na cidade, alguns desses jovens retornam para o convívio da família, mas muitos acabam seguindo em busca de trabalho e retornam ao local de origem somente para visitar os familiares que ficaram na propriedade.

Essa é uma prática que está se tornando cada vez mais comum entre as famílias, uma vez que a atividade rentável dentro da propriedade não está suprimindo as necessidades de todos da família que muitas vezes é numerosa. Geralmente as principais atividades nas fazendas próximas são serviços braçais no campo, lida com gado, tratoristas e cozinheiras.

Na figura abaixo vemos uma comitiva com boiada passando nas dependências da comunidade da Colônia Bracinho, seguindo de uma fazenda para outra.

**Figura 7:** Comitiva com boiadas



**Fonte:** Autora (2014)

É comum dentro do Pantanal as comitivas de gado com boiadas tocadas por homens montados a cavalo seguindo longos trechos entre uma fazenda e outra.

Essas comitivas geralmente são compostas por homens moradores das comunidades das regiões do Pantanal, durante esse período de trabalho nas comitivas as mulheres esposas desses homens permanecem realizando o trabalho na propriedade, sozinha ou com os filhos, não há relatos de mulheres integrando essas comitivas.

A maioria dos trabalhos realizados na propriedade é na agricultura, nos cultivos de culturas de subsistência e na criação de gado, além do trabalho doméstico e o cuidado com os filhos.

Com atividades culturais tradicionais, esses agrupamentos de pantaneiros tradicionais da região do Paiaguás preservam sua origem, seus costumes e identidade, são pessoas reservadas receosas, mas muito festivas e devotas à religião católica, foi percebido pouca manifestação em outros segmentos religiosos nas comunidades.

Diante da cultura tradicionalista pantaneira a igreja católica tem presença bem marcante, as pessoas preservam as devoções aos santos que são cultuados nas datas comemorativas com os festejos.

Todos os anos algumas famílias com maior poder aquisitivo realizam as festas dos santos de devoção. Estas festas geralmente são regadas com muita comida, bebida e churrasco. Como se pode observar na figura abaixo o churrasco nos espetos sobre o braseiro.

**Figura 8:** Churrasco pantaneiro. Festa do divino na casa de dona Lucíla e seu Sebastião – Comunidade do Cedro



**Fonte:** Autora (2014)

É tradição dos moradores da região a carne do churrasco ser assada sem tempero e sem sal em espetos de madeira sobre estrado também de madeira no buraco no chão. Os preparadores do churrasco cavam um buraco no chão e enchem de madeira para queimar e formar o carvão onde em sequência a carne espetada em madeiras roliças sem casca é colocada sobre o estrado preparado com forquilhas, com uma altura mínima sobre o braseiro para assar.

As festas mais importantes do calendário são a festa de São Sebastião, Divino Pai Eterno, as festas de Santo Antônio, São João, São Pedro e Nossa Senhora Aparecida.

Durante esses dias festivos os participantes vindos de outras comunidades ou vizinhos mais distantes e até mesmo pessoas que vão da cidade ficam acampados no local e durante uma semana festeja com a família. Essa prática ocorre como forma de socialização, rompendo ainda que de forma episódica, o isolamento imposto às famílias.

Outra tradição bem marcante é o baile todos os dias, enquanto duram os festejos, com música ao vivo, os ritmos mais requisitados para a dança são o chamamé e a polca paraguaia.

## **1. 2 - Comissão Pastoral da Terra (CPT) regional de Corumbá: o trabalho através de projetos sociais para desenvolvimento econômico das famílias da região do Paiguás no Pantanal**

“A Comissão Pastoral da Terra (CPT) nasceu em junho de 1975, durante o Encontro de Bispos e Prelados da Amazônia, convocado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizado em Goiânia (GO) (CPT nacional 2010)”.

A CPT foi criada para ser um serviço à causa dos trabalhadores e trabalhadoras do campo e para ser um suporte para desenvolver e manter a organização. O homem e a mulher do campo são os que definem os rumos a seguir, seus objetivos e metas, são eles e elas os protagonistas de sua própria história. A CPT os acompanha, não cegamente, mas com espírito crítico (CPT Nacional 2010).

A CPT foi fundada em um período em que o Brasil era comandado pelo regime da ditadura militar, período em que muitas organizações foram perseguidas e exterminadas e líderes assassinados por este regime. A CPT em sua organização veio buscar resposta à grave situação que acometia os trabalhadores rurais, posseiros peões, expulsos das terras que ocupavam, principalmente na Amazônia onde os trabalhadores eram explorados e submetidos a situações análogas ao trabalho escravo (CPT, 2010).

“Fundada junto à igreja católica com apoio da CNBB, esse vínculo deu suporte aos agentes da pastoral e lideranças sindicais, em um período em que a repressão da ditadura militar era fortemente aplicada (CPT Nacional, 2010)”.

A CPT tanto nacional como regional tem buscado em seu âmbito social vários enfoques sobre as categorias de trabalhadores do campo dentro dos projetos de desenvolvimento rural. São visíveis as relações de poder que estão ligados diretamente às relações de gênero, estes enfoques trazem para as comunidades um repensar nas condições e situações que se encontram muitas mulheres que diante de fragilidade emocional acabam vítimas deste sistema.

Segundo Beth Siqueira, (2019), gênero é um conceito importante por ser ferramenta analítica para nos ajudar a compreender as formas de interação dessas múltiplas discriminações que marcaram as trajetórias e as experiências de vida das mulheres agricultoras, ou seja, a análise de gênero é interseccional.

A noção de interseccionalidade possibilita entender como estas opressões operam e se estruturam dentro de uma “matriz de dominação”, na medida em que esclarece as maneiras como estas opressões interseccionais de gênero, classe, raça, etnias, geração, regionalidade e outras, ocorrem nas instituições sociais, como, por exemplo, na família e na associação comunitária, pensando no caso das mulheres agricultoras. (Beth Siqueira, 2019).

Desde a década dos anos 80 a Comissão Pastoral da Terra (CPT) apoiada pela Diocese de Corumbá tem acompanhado de perto as famílias que residem em comunidades rurais no Pantanal e assentamentos, com trabalhos voltados às orientações e organizações de desenvolvimento social e econômico.

A partir do ano de 1992, segundo a coordenadora da CPT regional Amélia Pereira Santana Zanella.

*“As visitas no Paiaguás iniciaram a partir do momento que o senhor Miguel da Silva procurou o padre pascoal e colocou a situação em que viviam lá isolados precisava de ajuda, principalmente pediu para pastoral fazer uma visita para conhecer as necessidades deles para ver como eles viviam lá. Ai o padre Pascoal conversou com a equipe e a primeira visita na comunidade foi feita por Ivaneide e Milton que trabalhavam na pastoral na época (10/07/2022)”.*

Com conhecimento sobre a situação das famílias que viviam na região do Pantanal, após o contato do senhor Miguel da Silva, a CPT seguiu com o propósito de melhorar as condições de vida das famílias. Amélia afirma que a intenção da CPT naquele momento foi:

*“Melhorar as condições de vida das famílias da comunidade principalmente a questão da moradia esse era o nosso propósito melhoria das condições de vida das comunidades melhorar a quantidade de educação né, desse condições das crianças estudar além da quinta série né pelo menos até o nono ano, só falta ensino médio (10/07/2022)”.*

Diante dessas demandas o trabalho da CPT foi ganhando corpo dentro das comunidades, com orientações que viessem a melhorar as condições de vida das famílias. Um dos principais problemas encontrados pela organização da CPT foi a regulamentação de documentos pessoais, a maioria das pessoas não tinham nem mesmo registro de nascimento.

Na década de 80 e 90 as comunidades do Paiaguás tinham um bom desenvolvimento econômico, a região produzia grandes quantidades de banana e laranja e boa parte dessa produção chegava aos portos de Corumbá para comercialização através de atravessadores.

A CPT a partir do conhecimento de toda situação em que se encontravam as famílias buscou meios para organizar e dar visibilidade às famílias para que essas pudessem ter melhor renda com a produção de suas culturas.

Após o contato com as famílias a CPT iniciou uma organização de grupos de produção, inicialmente com recursos da universidade de Torino na Itália, para desenvolvimento de pequenos projetos visando uma organização da produção e agregando melhorias econômicas para as famílias.

A partir da necessidade de organizar a produção foi criada uma pequena associação dos produtores.

“[...] a prática do associativismo formal foi observada apenas na Colônia São Domingos, através da experiência da Associação de Pequenos Produtores da Colônia São Domingos, criada na segunda metade da década de oitenta, com o apoio de pesquisadores da Embrapa Pantanal” (GALDINO 2006, p. 326).

Esta associação teve organização e apoio da CPT por alguns anos dando oportunidade para as famílias se organizarem e conseguirem com maior tranquilidade comercializar os produtos colhidos nas comunidades. Devido à cultura e o modo tradicional das famílias e a falta de costume do trabalho com regras e legislação a associação acabou se desfazendo um período após.

Com apoio da Diocese de Corumbá e através do trabalho do Padre Pascoal Forin, na época pároco da igreja Dom Bosco em Corumbá, sempre muito envolvido com as causas dos pobres buscou com alguns projetos junto a Universidade de Torino na Itália recursos para financiar vários miniprojetos de desenvolvimento econômico, viabilizando a compra de materiais para melhoramento da produção agrícola, e a aquisição de pequenas embarcações para o transporte dos produtos para comercialização na cidade.

A CPT durante sua trajetória dentro das comunidades também auxiliou os moradores nas questões de saúde, preparo de alimentações alternativas, e assessoria nas questões judiciais, com orientações sobre registros de nascimento e retirada de documentos de identificação pessoal bem como orientação sobre documentação da terra onde residem, sendo que a maioria não possuía nem mesmo registro de nascimento.

Em 2012 a CPT juntamente com uma equipe de pesquisadores italianos redigiram um projeto social de geração de renda para as comunidades da região do Paiaguás no Pantanal e enviaram para o fundo social da PETROBRAS. O projeto foi aprovado e teve início em 2013 com duração de dois anos. O projeto teve como objetivo a melhoria das condições de vida de 175 famílias das comunidades do Corixão, Cedrinho, Cedro, Limãozinho, Colônia São Domingos e Colônia Bracinho na região do Paiaguás no Pantanal.

Em 2013 a CPT, sob a coordenação de Amélia Pereira Santana Zanella e uma equipe de oito integrantes a qual fiz parte, deu início ao desenvolvimento do “Projeto Geração de Renda para as Comunidades do Pantanal”.

Durante o projeto as famílias receberam materiais para melhorar a moradia, construir poços manuais, arame e tela para cercar o quintal produtivo, também foram distribuídas carroças, um kit placas solares para cada família e um barco de alumínio com motor rabeta para cada comunidade, este para transporte das mercadorias para comercialização na cidade. Durante a realização do projeto foi construído uma unidade de viveiro em cada uma das seis comunidades. O viveiro para preparação de mudas de frutíferas e hortaliças para serem distribuídas para todas as famílias da comunidade.

Receberam orientações técnicas para implantação do sistema Agroflorestal e quintal produtivo. Cursos sobre a utilização e processamento das frutas nativas e cultivadas para gerar renda e organização de trabalhos em grupos para comercialização do produto nas feiras e pontos turísticos da cidade.

A partir do trabalho junto a Pastoral da Terra, onde por um período atuei como Técnica Agropecuária e em outro momento como assessora pedagógica dentro das comunidades pude conhecer um pouco da cultura e dos costumes das famílias, dialogar e orientar naquilo que era permitido. Durante a realização do trabalho prático durante as oficinas temáticas pude observar que as pessoas recebem as informações com um pouco de resistência devido aos costumes de seus antepassados. Em alguns

momentos foi preciso pôr em prática algumas orientações para que aceitassem (demarcação de área agrofloresta). Nesse período a equipe atuou com preparação, realização e apresentação de oficinas temáticas com assuntos sobre: saneamento básico, quintal produtivo, sistema agrofloresta e outros.

Várias dessas atividades foram aceitas com certo desconforto pelas famílias, uma delas em destaque o sistema agroflorestal. Culturalmente acostumadas ao jeito simples e pacato da realidade local, outra principal atividade bastante perceptível aceita com receio foi à mudança do telhado, pois, acostumados com a construção com uma inclinação bastante íngreme com folhas de acurí, o Eternit trouxe certa desconfiança.

Outra questão em destaque também foi qual parte da casa gostariam que melhorasse. Segundo Amélia coordenadora da CPT na época do desenvolvimento do projeto geração de renda, em reunião com a comunidade, quando questionados sobre o que gostariam de melhorar em sua moradia, a maioria das famílias optou por melhorar o telhado da cozinha, para evitarem as sujeiras deixadas pelos morcegos junto aos alimentos, pois a região naturalmente abriga muitos morcegos e o telhado de palha é um dos locais ideais para sua proliferação.

As visitas às comunidades aconteciam a cada dois meses, com toda a equipe ou composta por duas ou três pessoas mais o piloto, saindo pela manhã do porto de Corumbá com barco motor 40hp. As viagens de barco duravam em torno de quatro a seis horas pelo rio Paraguai e rio Taquari. No porto das comunidades algumas pessoas aguardavam a equipe com cavalos para acomodar as traíás<sup>9</sup> e seguir por um período de duas horas ou mais até o local de fixar o acampamento com barracas.

Esse trajeto trazia muitas vezes apreensão, pois em várias partes do caminho as travessias eram em locais alagados que quase cobria de água o cavalo e conseqüentemente molhavam traíás e bagagens.

Esses locais demandam cuidado excessivo, pois devido aos alagados e vegetações nativas é muito presente o animal peçonhento como cobras sucuri, jararaca, “boca de sapo”, também animais silvestres como o porco do mato “queixada” a onça pintada e o jacaré.

---

<sup>9</sup> Traíás - Termo usado pelos pantaneiros a todo tipo de materiais carregados em sacos ou em caixas, ou seja, alimentos, objetos. Quando mudam de casa “vai carregar as traíás no carro de boi” as coisas da casa, a mobília, ou seja, as roupas, os alimentos, as panelas e as camas. Traíás também é um termo usado para os materiais usados na montaria a cavalo.

Uns dois dias antes das viagens a equipe enviava aviso no “Alô Pantanal”<sup>10</sup> através da programação de uma das emissoras de rádio da cidade de Corumbá avisando os moradores sobre a visita que iria acontecer à determinada comunidade. Na região o rádio é o meio de comunicação mais pujante no longínquo Pantanal, utilizado para enviar e receber recados e comunicação com familiares nas mais remotas localidades.

Após receberem os avisos as famílias se mobilizaram para buscarem a equipe no porto, participarem das reuniões e dos trabalhos de mutirões.

A CPT com um espírito organizativo humanístico e espiritual, preocupada com o bem-estar do povo do campo, esteve presente nas mais difíceis regiões e localidades com trabalho social e celebrações religiosas.

**Figura 9:** *In memoriam* Padre Pascoal Forin - Missa na casa de dona Lucila – Cedro



**Fonte:** Autora (2014)

Muitas vezes sob condições bastante difíceis de trajeto, os padres da igreja católica com organização da CPT realizaram celebrações e missas em dias festivos, batizados e casamentos dentro das comunidades, com presença de várias famílias das comunidades vizinhas da região. Por longos anos estas celebrações foram

---

<sup>10</sup> Alô Pantanal é um programa de rádio de uma emissora da cidade de Corumbá, onde as pessoas de toda região se utilizam para enviar avisos a familiares e outros que estão nas fazendas ou regiões distantes onde a comunicação por outro meio é inviável.

presididas pelo saudoso Padre Pascoal Forin, pronto e disposto a atender as famílias das comunidades em geral, não somente nas celebrações, mas buscando ajuda em outros países, visando a melhoria das condições de vida das pessoas das comunidades. A Universidade de Torino na Itália foi uma das parceiras nestas organizações. Também aconteciam visitas de estudantes Italianos, Eslovenos e tantos outros que vinham mediados pelo Padre Pascoal Forin.

**Figura 10:** Estudantes Eslovenos e o Padre Pascoal Forin atravessando corixo com baceiros



Fonte: Autora (2014)

### **1. 3 - Das estradas das águas a beira do quintal: os caminhos que aparecem e desaparecem**

Diante deste território de águas que vão e vem observar se a importância das estradas que aparecem e desaparecem com estas idas e vindas das águas que chegam à beira do quintal formando as estradas submersas, locais utilizados para escoamento de produção e transporte.

Em síntese, destacamos aqui perante o isolamento e rusticidade (usando as categorias de Cândido) das comunidades pantaneiras do Paiaguás, como características de um modo de ser fortemente marcado pelas condições territoriais.

Percebe-se nos relatos das mulheres uma relação de “simbiose” com as áreas inundáveis, sobremaneira com os grandes cursos d’água, como rios, lagoas e corixos esses se fazem estradas de águas que chegam à beira do quintal.

Contudo, as cheias e vazantes do Pantanal, outrora fenômenos naturais, foram sensivelmente modificados, perdendo sua sazonalidade, com secas prolongadas, irregularidade das chuvas, desaparecimento dos corpos d’água tradicionais – os corixos, córregos e até rios outrora caudalosos.

Tudo isso representa para as comunidades, sobretudo para as mulheres, uma reformulação das estratégias de sobrevivência.

Buscando nos escritos recentes mais precisamente o que nos diz GALDINO (2006) a partir da década de 70 houve uma grande cheia que inundou boa parte da região do Paiaguás, muitos moradores tiveram que abandonar suas terras por ter alagado tudo com a cheia, CURADO (2004) muitos foram para cidade, e lá permaneceram, abandonando a terra. Aos que ficaram ou voltaram para a região após as águas baixarem enfrentam grandes dificuldades com as águas, ora estavam às margens do corixo ora as águas do corixo subiam e eles tinham que mudarem as moradias.

A região do Pantanal em sua totalidade é um emaranhado de águas e vegetação e na maior parte do tempo fica encoberta pelas águas que determinam em grande parte do tempo o ir e vir dos habitantes e as várias atividades realizadas no local.

Com extensa área alagada as terras habitadas pelas famílias que vivem nas comunidades do Corixão, Cedrinho, Cedro, Limãozinho, Colônia São Domingos e Colônia Bracinho são divididas entre o cultivo de culturas de subsistência e as pastagens para pequenas criações de gado, cavalos e outros animais domésticos como, porcos e galinhas.

A região do Paiaguás tem sofrido grandes transformações com relação às cheias e secas, em decorrência dos desmatamentos as margens do rio Taquari na região denominada Alto Taquari.

“Este processo ocorre também devido aos “arrombados”, por alterarem o eixo do leito de rios, que entram nas várzeas, levando a população a fechá-los para

preservar suas propriedades, produzindo impactos semelhantes ao mencionado” (CURADO, 2004, p. 13, apud, BRASIL, 1997).

O rio Taquari devido os sedimentos trazidos das terras cultivadas ao longo de seu leito na parte denominada alto Taquari, quando suas águas chegam às planícies do Pantanal principalmente na região do Paiaguás se espalham pelas terras das propriedades levando alguns proprietários fazerem alguns diques para conter as águas ou desviarem para outro local, causando certo descontrole das águas que acabam invadindo outros locais e alagando algumas residências como ocorreu com o Arrombado do Caronal na margem do rio Taquari nos anos 90.

“O Arrombado do Caronal<sup>11</sup> Surgiu na década de 90 e estima-se que aproximadamente 50% das águas do Médio Taquari estão vertendo por esse arrombado” (GALDINO, 2006, p. 39).

Com a problemática dos arrombamentos do leito do rio Taquari, as comunidades da região do Paiaguás foram fortemente afetadas pelas inundações desses arrombados.

As suas águas estão inundando grandes extensões de terras usadas Pela pecuária bovina na Sub-região do Paiaguás. Produtores locais informam que boa parte das águas do Arrombado do Caronal, está desembocando no Rio Paraguai, na localidade de Porto Chané, através do Corixo Mata Cachorro (GALDINO, 2006, p. 39).

---

<sup>11</sup> Arrombado do Caronal é um local onde as águas do rio Taquari se romperam nos anos 90 inundando grandes áreas de fazendas de criação de gado e principalmente as comunidades do Paiaguás.

**Figura 11:** Vista aérea do Arrombado do Caronal



**Fonte:** Emiko Kawakami de Rezende

“A inundação permanente dessa imensa área tem sido apontada como o mais grave impacto ambiental e socioecon mico do Pantanal (GALDINO, 2006, p. 40)”.

Até meados do ano de 2019 as famílias das comunidades se utilizavam dos corixos como estradas que passavam na beira do quintal para se locomover. A maior parte do tempo às travessias de uma região para outra se dava dentro d’ gua.

A p  ou montado em cavalos as idas e vindas para qualquer parte dentro da região se tornava uma aventura, a mística do ir e vir das  guas e a mudança de cenário proporcionado pelo contraste da vegeta o e das águas enredam e remetem um sentimento de mistério das  guas.

Diante da necessidade de locomo o das pessoas animais e mercadorias, dentro da região do Paiaguás, várias formas de meios de transportes são utilizados com frequência pelas pantaneiras e pantaneiros, diante das passagens de corixos próximos das moradias, a locomo o por esses canais eram feitas por canoas com zinga<sup>12</sup> e barcos com motor rabeta.

---

<sup>12</sup> Zinga é um pedaço de madeira roliça com aproximadamente dois metros e meio a três metros para ajudar o barco a se locomover sobre a água do corixo com baceiros.

Em alguns portos no rio Taquari se fazia presente a saída de Corixo.<sup>13</sup> Era preciso adentrar através do mesmo com o barco com zinga para chegar à terra firme para então seguir viagem a cavalos, carro de boi, trator, carroça com cavalos ou a pé.

Nesses locais a vegetação aquática forma-se baceiros<sup>14</sup> tornando impossível a navegação com barco a motor. Por esse motivo, é preciso saber observar o movimento das vegetações aquáticas para não perder o rumo do caminho dentro da água. No período das águas o rio se camufla com as vegetações que se locomovem no seu percurso fechando alguns locais onde transitam os barcos. Para atravessar esses locais muitas vezes os navegantes precisam cortar com facão os camalotes para então conseguir passagem para o barco.

Os moradores da região do Paiaguás se utilizavam do transporte fluvial, ou seja, de pequenas embarcações como canoas com zinga para se locomoverem nos corixos que serviam como estradas para escoadouro da produção, chalanas, barcos com motor rabeta, também se utilizavam da lancha de médio porte que faziam o trajeto da cidade até a região das comunidades e vice-versa, levando mantimentos, mercadorias, passageiros, animais de pequeno porte e gado. Os pequenos veios d'água assim também chamado pelos pantaneiros eram utilizados como estrada até o rio.

Essas idas e vindas das águas no Pantanal acabaram criando caminhos e alternativas como um mosaico moldando a paisagem do local. Quando os caminhos terrestres estão cobertos pelas águas é preciso conhecer e perceber o movimento dos baceiros para não afundar os pés sobre a vegetação, OLIVEIRA (1995) que cobre a água, essas em alguns locais chegam alcançar metro e meio de profundidade. Essa vegetação permanece sobre o solo se decompondo e tornando o solo do Pantanal rico em matéria orgânica.

Como se observa na figura abaixo os moradores sempre utilizou o barco com zinga para se locomoverem nos corixos e em locais com esse tipo de vegetação sobre

---

<sup>13</sup> Corixo é um pequeno braço do rio que segue as partes mais baixas do terreno, desaguando sempre em lagoas ou baías.

<sup>14</sup> Baceiro- é a vegetação aquática que fica submersa na água dos corixos e terrenos fechando a passagem normal dos barcos. Essa vegetação se forma sobre as águas que alagam os terrenos, formando uma densa camada, onde com cuidado é possível andar a pé sobre os mesmos, quando a água seca nos terrenos que foram alagados e cobertos pelos baceiros ele acaba incorporando no solo aumentando a fertilidade do mesmo.

a água, devido o barco a motor não conseguir romper os baceiros, pois esses enroscam na hélice do motor dificultando o funcionamento dele.

**Figura 12:** Roni - morador da comunidade Cedrinho se utilizando do barco com zinga em corixo com baceiros



**Fonte:** Autora (2014)

O Pantanal tem dois períodos bem-marcados no que diz respeito ao clima da região, ou seja, o período das águas e o período da seca.

Existem áreas de inundação de caráter permanente, onde os níveis de água flutuam de acordo com os anos secos e chuvosos e áreas que inundam e secam dentro do ano ou na sequência de anos secos. Nestes últimos, devido à redução dos níveis d'água e ao assoreamento, podem ocorrer impactos ambientais naturais, tais como morte de peixes e da vegetação aquática e ainda dificuldades quanto à navegabilidade (CURADO, 2004, apud BRASIL, 1997).

As viagens de barco motor 40hp duravam em torno de 4 a 6 horas, dos portos do rio Taquari até os portos do rio Paraguai na cidade de Corumbá e Ladário. Pelo mesmo percurso essas viagens de lancha duravam de 10 a 12 horas.

A pantaneira Deolinda Soares Cunha, moradora na Comunidade Cedrinho relata que as viagens saindo da comunidade para a cidade duravam:

*“12 horas né, é porque a gente saía daqui já punha desde o horário que a gente saía daqui chegava no porto ficava lá umas horas esperando a lancha passar né ia embora aí a gente cansava de olhar daí a gente armava rede dentro da lancha para viajar e ia embora passava a noite inteirinha, passava a noite inteirinha (2021)”.*

Segundo os moradores dessas Comunidades as viagens até a cidade eram feitas a cada três, seis meses ou até mesmo uma vez por ano, devido às condições

de tempo, locomoção e recurso financeiro. Na figura abaixo uma chalana pequena transportando pessoas, bagagens e mantimentos através do rio Taquari.

**Figura 13:** Lancha de pequeno porte transportando passageiros pelo rio Taquari



**Fonte:** Autora (2015)

O transporte de pessoas, cargas e mercadorias nesta região do Pantanal eram realizados em chalanas de médio e pequeno porte e em barcos a motor 40hp ou rabeta.

Diante das constantes mudanças que vêm ocorrendo percebe-se o quanto essa condição da variação do tempo tem impactado a vida das pessoas que vivem na região, no período das águas e nas sequências dos anos secos.

Com o período prolongado de estiagem e a seca do rio Taquari na região dificultou muito a situação das pessoas nas comunidades, principalmente nas questões de locomoção. “*Quando nós saíamos de barco aí a passagem não era tão caro né*”. Disse dona Aracilda Souza de Arruda, moradora na comunidade do Corixão.

O trajeto que antes era feito por água hoje é feito por terra, com tratores e caminhonetes com tração nas rodas.

Na região do Pantanal as constantes mudanças no cenário natural alteram ciclos e paisagens, dando ao pantaneiro uma diversidade de conhecimento fazendo com que esses reinventem e se adaptem às mudanças que são oferecidas sejam por

causas naturais ou provocadas pelas mãos do homem é preciso observar e seguir o curso que o tempo proporciona.

No ano de 2020 aconteceram fatores que marcaram muito a vida dos pantaneiros. Uma das situações foi a seca dos corixos e do rio Taquari que passa na região e as queimadas, esses ocorridos destruíram muito da fauna e flora local.

Diante das transformações do cenário das águas os moradores afirmam nunca imaginar que pudesse ocorrer a seca do rio Taquari, “*chegaram de fazer poço no meio do rio já pensou onde era o rio canalizado já pensou*” (Rosa Mirian), pois a região do Paiaguás sempre foi banhada por águas dos corixos que escoavam com as águas do rio Taquari.

*“[...] mais foi indo de uns tempos pra cá de 3 ou 4 anos pra cá a seca veio mesmo, a gente admira achava que pra cá essa seca nunca ia ser assim porque o rio os corixos né, tá com uns 4 ou 5 anos que esse rio secou né, quem que ia falar que esse rio taquari famoso Rio Taquari ia secar, secou né você passa aí de carro no meio dele né” (Rosa Miriam Rocha Medina, 2021).*

A relação sincronizada e acentuada que existia entre a mulher pantaneira, o homem pantaneiro e a natureza sofreram grandes avarias causando um sentimento de rompimento com a pertença ao lugar. Para esses moradores dessas comunidades viverem nessa região inóspita é um desafio constante diante de tantas adversidades, dar sentido a tudo que é realizado e materializado em seu cotidiano os torna pessoas de forte sensibilidade em relação ao meio em que vivem.

De acordo com dona Dina Angélica, moradora na comunidade Limãozinho, a seca trouxe muitas dificuldades e uma delas está relacionada a locomoção.

*“Ficou mais difícil né, porque nós pega condução nós tinha nosso barco né, aquele que a Dona Amélia deu, comprava um óleo embarcava nele ia embora ia bater na cidade agora ficou pior, até o bote ficou parado não tem água pra navegar. De carro tem que estar ligando para as pessoas vim aqui buscar tem que ir lá no Tiago pra ligar porque nós não temos telefone né, tem de ir lá no Tiago ligar para o Ramiro vir aqui pegar a gente, porque aqui é com ele que vai” (2021).*

Nos dias atuais, devido o desvio das águas e assoreamento que vem ocorrendo há tempos no rio Taquari, a água que era o quintal da moradia agora está cada vez mais distante, na região das comunidades acima citadas.

Com a seca do rio Taquari na região, a estrada que era o rio hoje virou uma estrada de terra e areia como pode ser observado na figura abaixo.

**Figura 14:** Leito seco do rio Taquari



**Fonte:** Autora (2021)

Para dona Aracilda, a falta do transporte aquático trouxe dificuldades, mas, com a falta de água e a inserção do transporte com automóvel facilitou a chegada até as residências. *“agora melhorou, porque as pessoas estão vindo de carro aqui né”*.

Com a falta dos cursos d’água houve impacto expressivo no transporte de pessoas e mercadorias, os locais que antes chegavam navegando com barcos e canoas hoje se atravessam com carros e caminhonetes.

*“De carro você sai de lá 5 ou 6 horas de viagem você sai e chega num dia só de primeiro não, com a lancha você saía num dia, numa noite, no outro dia que você ia chegar aqui na colônia” explica dona Rosa Miriam moradora da Colônia São Domingos.*

Diante da dificuldade de locomoção das pessoas para a cidade e vice-versa devido à seca do rio Taquari, que serviam de estradas para esses fins, as famílias tiveram que adotar novas estratégias.

O traslado passou a ser feito de barco pelo rio Paraguai até um local acessível para a partir daquele local seguir de carro. Essa situação acarretou muitos transtornos. Apesar da comodidade em chegar de carro na porta da casa e com menos tempo, o custo da viagem teve um aumento expressivo no valor pago por pessoas e bagagens, como afirma o responsável pelo transporte para as comunidades e região do Paiaguás, Walmor Spindola.

*“[...] na verdade o que me levou a fazer isso foi a necessidade que o povo de lá tem em se locomover da cidade para lá e de lá para cá também no caso para levar material básico alimentação remédio em caso de doença extrema apesar de dificuldade de ir e vir a gente foi estudando sempre um meio e conseguimos chegar até descobrir esse canal aí de colocar numa embarcação aqui na cidade no caso quando eles estão aqui na cidade, a gente coloca na embarcação navega mais ou menos uma hora de voadeira deixamos nossos carros na beira do rio chamado Pacú daí para lá a gente vai ao término da viagem rodando mais ou menos entre 3 horas ou 4 horas para deixá-los em suas casas com suas compras” (2022).*

Segundo Walmor durante as viagens é comum também o transporte de pessoas doentes, houve casos em que não se podia esperar o corpo de bombeiro ou a Marinha do Brasil, órgãos que prestam assistência neste tipo de situação quando são solicitados. Quando questionado se já trouxe alguém doente Walmor afirma:

*“Já sim até pelo fato de ser longe as estradas eram ruins e na verdade não são estradas são picadas no mato que a gente abriu para os carros ir rodando e prevalecendo uma estradinha ali então, de localidades mais distantes a gente já. Às vezes o carro quebra já chegou pessoas comigo, no caso chegou aqui na cidade quase sem vida, aí a gente vem acionando saúde pública SAMU tudo que pode aguardar essas pessoas já na barranca do Rio para fazer os primeiros atendimentos, mas infelizmente já houve fatalidades aí já (2022)”.*

As famílias que, antes da seca se utilizavam de suas embarcações para o transporte agora dependem do serviço prestado por essa equipe que diante da necessidade das famílias pensaram em uma estratégia para facilitar a movimentação das famílias e obter lucros com os serviços.

## **CAPÍTULO 2 – GÊNERO CAMPESINATO E A REPRODUÇÃO SOCIAL CAPITALISTA: Um diálogo frente às comunidades do Paiaguás no Pantanal**

Diante da mesclada conjuntura social que busca discutir conceitos que norteiam a sociedade em geral, neste capítulo dialogamos sobre as relações de gênero em geral, no intuito de elucidar como se dá essa relação de gênero no campesinato e em comunidades tradicionais bem como discorrer sobre as divisões sexuais do trabalho, buscando dialogar com veemência a participação da mulher na luta pela reforma agrária e as conquistas através dos movimentos sociais do campo perante as políticas públicas e específicas.

Gênero é um conceito estudado e discutido entre vários pesquisadores, sociólogos, historiadores, cientistas sociais e outros, com temas relevantes e pertinentes aos dias atuais. Sua perspectiva teórica aponta uma preocupação diante de pesquisas e estudos sobre mulheres de forma isolada dos homens.

Diante da necessidade em compreender e identificar as relações que existem entre os gêneros, estas pesquisas buscam não só uma história de mulheres, mas uma nova história onde essas mulheres estão inscritas.

Scott (1989) afirma que, as pesquisas sobre a desigualdade de gênero não podem ser embasadas ou fixadas em um único sentido de diferença física.

Para Rosa Miriam, moradora na comunidade da Colônia São Domingos, “*A única coisa que diferencia o nosso corpo é as partes que nós temos que é diferente dos homens né, mas eu acho que a vontade que o homem tem a mulher também*”.

Existe uma variação indeterminada sobre o termo. As teorias utilizadas para as análises de gênero podem se resumir em três posições.

A primeira, um esforço inteiramente feminista que tenta explicar as origens do patriarcado. A segunda se situa no seio de uma tradição marxista e procura um compromisso com as críticas feministas. A terceira, fundamentalmente dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas das relações de objeto, inspira-se nas várias escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito (SCOTT, 1989 p.8 e 9).

“A noção de gênero passou a ser desenvolvida, então, como uma categoria de análise teórica mediante a qual seria possível dar conta do conjunto da vida social” (Heilborn, e Sorj, 1999 p. 11- 12).

Dentro dessa lógica e compreensão os estudos sobre as mulheres não se concretizam separadamente dos homens, pois ambos ocupam espaços sociais que

se mesclam dentro da sociedade, visivelmente, existem papéis diferentes e ocupações que se destinam a homens e outros a mulheres e é dentro dessa diferença que a dominação aparece claramente no conceito de relações de gênero, Scott (1989).

Essa dominação acomete as mulheres desde o período neolítico (entre 8.000 e 4.000 anos a. c.) Na medida em que as civilizações foram se desenvolvendo a partir do contato entre os indivíduos, e com o surgimento das trocas de mercadorias excedentes, surgiram às determinações de papéis entre homens e mulheres, definições e atributos designados a cada sexo. Com atividades de caça direcionadas para os homens e coleta de sementes para as mulheres, essa prática pôs fim a um considerado sistema gradual de igualdade que era sistematicamente seguido por ambos, Stearns (2007).

As pesquisas apontam que os estudos foram muito superficiais sobre a participação das mulheres nos movimentos e agitações políticas e sociais no início da história. Dentre eles, a Revolução Francesa que aconteceu entre os anos de 1789 e 1799 na França, onde a participação da mulher foi um dos acontecimentos relevantes e de grande importância para a história da sociedade e pouco se encontra sobre o assunto.

Diante da ocultação e invisibilidade da participação da mulher na história surgiram várias discussões de gênero, que apontaram a necessidade de uma explicação teórica sobre as variadas formas de opressões que as mulheres vêm sofrendo na prática. Uma explicação que possa dar clareza e nortear discussões de superação dessas opressões.

Para Scott (1989) os estudos sobre mulheres na lógica feminista trazem a amplitude do assunto, como as mulheres estão sendo vista dentro da sociedade nos vários campos e esferas públicas.

Melo (2008) caracteriza ainda como um entendimento das atribuições voltadas socialmente aos sexos e tem uma corrente de grande importância para o feminismo, buscando desmistificar e compreender as várias atribuições e desigualdades que ocorrem em determinadas ocupações e espaços delimitados ao gênero feminino, consequentemente denunciando as subordinações e opressões que desencadeiam sobre o mesmo, permitindo a tentativa de superação da desvalorização atribuída aos trabalhos realizados pelas mulheres.

Esta nova perspectiva de gênero está voltada a reconhecer que tipo de especificidade e de colaboração existe entre os papéis desempenhados pelos homens e pelas mulheres. Nesta orientação, o interesse é resgatar o conjunto diversificado dos papéis desempenhados pelas mulheres, considerando-as como agentes/atrizes e não exclusivamente como indivíduos beneficiados no interior homogêneo dos núcleos familiares ou invisíveis no interior da população. (MELO, et al, 2008 p. 85)

Portanto as atribuições e desmistificações do lugar da mulher o que ela desenvolve e a posição que ocupa na sociedade traz um questionamento que é pertinente lembrar, a falta de compreensão e respeito ao gênero existe com mais veemência, principalmente quando estão relacionados à questão econômica a raça a cor e grau de escolaridade.

A mulher trabalhadora doméstica, a trabalhadora rural, camponesa, integrantes de comunidades tradicionais ribeirinhas quilombolas, são as classes que mais são esquecidas pelas leis do Estado e suas políticas públicas.

Para a moradora da comunidade Cedrinho Suellen de Oliveira Batista uma questão de fundamental importância é o estudo. *“Eu gostaria de ter uma sala de aula para os adultos ter um ensino completo, acho que nenhuma escola das águas tem o ensino completo só o fundamental né esse é um sonho que nós sempre desejamos ter nesta região”*.

É evidente que vários benefícios foram conquistados pelas mulheres através de muitas reivindicações e lutas e tem significados importantes, mas o que se percebe é que uma pequena parcela dessa sociedade usufrui de tal benefício. Ficando a maioria sem esse acesso, sendo esta pela burocracia do Estado ou pela falta de conhecimento delas.

## 2. 1 - Relação de gênero e o patriarcado em comunidades tradicionais

*“Meu nome é Rosa Miriam Rocha Medina<sup>15</sup>, têm uns 22 anos 23 anos que eu moro aqui”.*

*“Nós tendo força e coragem garra vichi nós consegue muita coisa, muita coisa mesmo que até às vezes eu falo mesmo, até o homem mesmo, fica admirado de ver as coisas que as mulheres são capazes de fazer né, tendo vontade, eu falo, tendo vontade, coragem, gosto por aquilo que você tá fazendo (Colônia São Domingos, 2021)”.*



Um recorte necessário nesta pesquisa trata das relações de gênero nas comunidades tradicionais. Trata-se de uma especificidade pouco retratada na discussão até o momento, sugerindo que a equidade de gênero seja talvez resultado justamente da superação do tradicionalismo, reportando para sociedades complexas e urbanas. Para fins de definição, o conceito de comunidade tradicional que consideramos traz em seu âmbito cultural o modo de vida a partir da relação que é estabelecida com a natureza.

De acordo com as pesquisas o patriarcado está enraizado na sociedade desde o início da história. Nessa perspectiva o diálogo com Gebara (1997) aponta um patriarcado enraizado nas leis religiosas e através do domínio do conhecimento onde só os homens podiam ter acesso.

Analisando a partir dos estudos epistemológicos e teológicos, (Gebara, 1997, p. 31) é representante da perspectiva ecofeminista, uma linha de ação e pensamento que, com outras, abre caminhos para ousar uma nova relação dos seres humanos com todos os seres vivos. Nesse sentido, a discussão do feminismo e do patriarcado

---

<sup>15</sup> Rosa Miriam Rocha Medina – Comunidade Colônia São Domingos.

se insere dentro de uma perspectiva mais ampla, incluindo toda a lógica de dominação do sistema capitalista entre os seres humanos e destes sobre a natureza.

Gebara afirma que da mesma forma que a modernidade e o capitalismo se erguem sob a premissa da dominação humana da natureza, também estes exercem o poder sobre o corpo da mulher. A ciência ocidental para Gebara se expressa como instrumento principal dessa dominação, desde seus primórdios<sup>16</sup>.

A autora rechaça o risco de sacralizar a mulher comparando uma suposta essência feminina à natureza. Contudo aponta que em muitas culturas, especialmente na América latina, a natureza é comparada a mãe nutriente, Pachamama dos Aimaras, mas também como natureza indomada, manifesta nas intempéries. Também as teorias sistêmicas, focadas na ecologia, resgatam certo caráter feminino da natureza ameaçada pela dominação patriarcal.

Para la teoría orgánica resultó clave la identificación de la naturaleza la Tierra en primer lugar- con una madre nutriente: un ser femenino suavemente benefactor que se ocupa de las necesidades de la humanidad en un universo ordenado, planificado. Sin embargo, prevaleció también otra imagen opuesta de la naturaleza como ser femenino: una naturaleza feroz, imposible de controlar, capaz de provocar violencia, tempestades, sequías y un caos generalizado. Ambas se identificaron con el sexo femenino y fueron proyecciones de la percepción humana sobre el mundo exterior (MERCHANT apud GEBARA, 2000, p.26).

Para este trabalho interessa-nos especialmente a denúncia que a feminista faz de que são as mulheres pobres, camponesas e indígenas, que mais são vitimizadas em seu cotidiano pelas consequências da destruição da natureza.

“de la vida de los barrios, del trabajo, de la sobrevivencia de las mujeres del medio popular y de la destrucción del medio ambiente en que viven. (...) la pésima calidad de los alimentos ofrecidos a los pobres, la insalubridad de las viviendas, la mala calidad del agua e del aire, sobretudo em las periferias de las grandes ciudades. (...) son las mujeres las primeras que tienen que afrontar la vida cotidiana, la sobrevivencia de la familia, el cuidado de los niños, las cuestiones de salud y alimentación. Son ellas las que muchas veces andan kilómetros en búsqueda de agua potable, o de un lugar donde lavar la ropa” (GEBARA, 2000, p.24).

---

<sup>16</sup> É famosa a comparação que faz Francis Bacon, nos primórdios da modernidade, entre o corpo da mulher e a natureza, ao explicitar o rigor do método empírico. Para Bacon “a natureza, como a mulher, deveria revelar seus segredos sob tortura” (apud CAPRA, 1982, p.76). Bacon foi testemunha da tortura de mulheres acusadas de bruxaria no fim da idade média e estabelece os princípios de uma ciência patriarcal e violenta que se perpetua até hoje.

Assim a discussão ecofeminista relaciona a questão ecológica à questão de raça, classe e gênero, evitando ser estudada como uma disciplina apartada da problemática social mundial.

Esta pesquisa de campo, ao fazer o recorte de gênero, destaca uma dupla escravidão da mulher pantaneira desta região, sujeita aos desafios da alteração brutal do seu bioma, ao mesmo tempo em que sujeita a histórica de dominação masculina, típica das sociedades camponesas.

“A história de dominação marcou de tal forma as bases de nossa cultura que adotamos como conhecimento nosso aquele divulgado pelos detentores do poder político e social. Não percebemos o quanto este procedimento ergueu barreiras entre os povos e impediu uma verdadeira partilha de saberes” (Gebara 1997, p. 34).

Dentro do diálogo da superação das insubordinações que sofrem a mulher, existe uma contradição na prática dessa conjuntura social que acabam ficando invisível, diante das tradições do patriarcado que permanecem enraizadas na sociedade.

A cultura patriarcal autoritária e machista possui árduas amarras e segue se firmando ao longo do processo de emancipação das mulheres principalmente as camponesas que estão em constantes diálogos dentro dos movimentos sociais e segmentos públicos. Visando uma transformação que valorize a vida das mulheres dentro da sociedade, os pesquisadores têm buscado. Seja nas comunidades tradicionais do campo ou camponesas assentadas em terras de reforma agrária essa dominação do patriarcado se faz presente.

São poucas as mulheres que conseguem desenvolver por vontade própria um projeto dentro do lote ou na comunidade sem a autorização do pai ou do marido.

Essa autonomia só acontece com frequência se a mulher morar sozinha com os filhos sem marido ou se os pais já são idosos, somente nessas condições ela passa a tomar conta do lote.

Esta dependência é inculcada na mente desde a infância quando os filhos em processo de crescimento e desenvolvimento dependem dos pais.

De acordo com o ambiente cultural e social, quando a mulher se casa essa dominação passa para o marido, que se utiliza da força física do trabalho e do poder de macho para dominar a mulher.

Como bem caracteriza Menegat (2009) nessa configuração de poder familiar o trabalho feminino é compreendido apenas como “ajuda”, negando-se seu protagonismo na gestão da unidade familiar.

Estas relações de caráter patriarcal se mantêm mesmo com todo conhecimento e informações que se faz presente no âmbito social.

Diante da lógica patriarcal a existência do domínio se perpetua nos assentamentos e é mantida pelo paradigma de agricultura familiar e camponesa.

Dentro dos vários e diferentes movimentos e articulações existentes no universo feminino, acima de tudo os mais populares observam que a mulher tem se embrenhado cada vez mais nas questões pertinentes a sua classe social, mas a influência doméstica tem um nível muito ativo desde o início da existência, podendo aprisionar ou impedir que ela alcance uma elevação mais ampla em sua caminhada. Isso pode acontecer também com homens que seguem estereótipos elencados por uma sociedade patriarcal que aprisiona impedindo de viver plenamente a dimensão de ser humano, Gonçalves (2019).

Essas mulheres têm buscado nas organizações das comunidades religiosas e em diferentes meios sociais uma reorganização da sociedade em todo seu conjunto, não simplesmente ocupar lugares iguais ou posições semelhantes ao homem, mas um espaço onde possa criar e desenvolver projetos que tragam emancipação social e econômica para a família, dando oportunidade de realização pessoal e profissional.

Essa divisão de papéis remete uma amplidão do mundo e a outro o limite das fronteiras das casas. Desde a visão do cristianismo ocidental, a organização da sociedade é vista como algo dado, segundo as leis da natureza e não como uma construção social. Os estudos dirigidos a essas dimensões da história permeiam um desafio de nortear e levar a fundo as mudanças nas produções humanas. Diante da constituição de legitimação do gênero Esmeraldo afirma:

O gênero é legitimado pelo poder a ele atribuído e é por ele construído. Sua constituição se dá nas relações de parentesco, mas se realiza também nas regras instituídas para fazer funcionar a religião, a política, a economia, a educação, ou seja, nos diferentes espaços de sociabilidade humana (GONÇALVES; ESMERALDO, 2019, p. 110).

Esse desafio foi disposto também para as igrejas cristãs que não integraram ainda as ações teológicas e produtivas das mulheres.

Existem questões específicas que impõem dentro da relação de gênero um tratamento mais abrangente na gestão da mulher dentro da família, uma problemática

que neutraliza em partes a redefinição da divisão do trabalho, naturalizando o papel da mulher quando essa é vista como a principal responsável pela criação dos filhos.

Segundo Tedeschi (2009) a argumentação que usa a “natureza” para justificar a divisão sexual do trabalho traz implícita uma diferenciação que está na formação cultural de homens e mulheres, nas representações, nas imagens que se fazem do masculino e feminino.

As divisões de tarefas acabam atribuindo à mulher as tarefas práticas dentro do lote, mas as decisões de cunho social acabam sendo tarefas masculinas, fazendo o homem permanecer em sua posição de poder dentro da instituição família.

A imagem do feminino está ligada aos afazeres domésticos, sem visibilidade, enquanto que aos homens são destinadas funções mais qualificadas e mais valorizadas no espaço público. Além de tais tarefas, as mulheres também são responsáveis pela formação de uma nova geração de trabalhadores, que garantirá a reprodução do modo de produção. Essa atribuição do sexo feminino inclui a gravidez, o parto e a amamentação, funções para as quais a mulher está biologicamente preparada. A essas funções biológicas, acrescentam-se tarefas que são culturalmente impostas, mas que são encaradas como exclusivas do sexo feminino. Aí se incluem o preparo dos alimentos, a limpeza da casa, o cuidado com as roupas e a proteção dos filhos (TEDESCHI, 2009, p. 147- 148).

Por isso, dentro da igreja a mulher reproduz a domesticidade que é imposta pelas leis e organizações do clero. Cabe a ela a tarefa da catequese, da iniciação infantil à fé, mas nada tem a dizer no nível das grandes orientações e decisões das Igrejas, afirma Gebara (1987). As igrejas em sua grande maioria trazem uma dificuldade e resistência a mudanças que toquem nas instituições que detêm um poder intitulado de “sagrado” argumentando em sua teoria que esse sagrado “vem de Deus”.

Dentro de grupos como: assentados, agricultores familiares, comunidades negras, indígenas, mulheres, comunidades tradicionais, ribeirinhas, comunidades periféricas, sindicatos e movimentos sociais a CPT junto a igreja católica se fez firme na luta, para permanecerem na terra os povos da terra. No intuito de desmistificar o impacto que essas resistências provocam na sociedade feminina e a tentativa de valorizar e proteger dar voz aos oprimidos, e levar a esses grupos um pouco de esperança e perspectivas de dias melhores a CPT se embrenha nos trabalhos buscando a sustentabilidade. Para Ferreira.

A constituição do feminino e masculino com o qual a Igreja sempre trabalhou convive com elementos novos reforçados pela “Igreja Popular”, que contribuem para a complexificação da questão do gênero, na medida em que

incentivam uma nova postura das mulheres tanto na família como na sociedade como um todo (Ferreira, 2004, p.147).

A CPT com apoio da igreja católica realizou dentro desses grupos acima citados, estudos bíblicos, encontros de jovens, organizações de grupos de mulheres, grupos de preparação de remédios caseiros com multimistura, farinha láctea e realizações de eventos comemorativos em datas específicas como meio de valorização e integração social da mulher nos espaços rurais e urbanos.

## **2. 2 - Divisões sexuais do trabalho no campesinato (a mulher começa assumir papéis e reconhecimento no mundo do trabalho)**

De um modo geral feminista e historiadores descreve gênero em vários sentidos. Explicam, em uma visão global, ideologias que não se separam do sujeito. Estruturas econômicas, modo de produção, modo de reprodução e reprodução do campesinato, sexo, classe, raça, socialismo, capitalismo, parentesco e organizações políticas, todos estão interligados. Esmeraldo afirma que:

A partir da década de 1960, a epistemologia feminista tem questionado a produção do conhecimento científico hegemônico e masculino através da produção de saberes acadêmicos que incorporam o debate da alteridade, da diferença, da identidade, das relações de poder e de gênero, da divisão sexual do trabalho, sobre a vida cotidiana, sobre a mulher como sujeito de pesquisa, com temas vinculados à sua vida coletiva, familiar e individual, dentre outros estudos (GONÇALVES; ESMERALDO, 2019, p.111).

Nos debates marxistas os modos de produção estão relacionados com o patriarcado e com o capitalismo. São dois termos separados, mas interligados, pois dizem respeito à produção e reprodução da sociedade. Vale ressaltar que bem antes do capitalismo as mulheres já sofriam as subordinações de dominação masculina.

Esses modos não se sustentam sozinhos ou determinam por si só as relações de gênero. Todos esses conceitos estão interligados na estrutura que está presente na instituição família na educação, saúde e trabalho.

Esse conceito de produção e reprodução, Luxemburgo (1970) está alicerçado na repetição de atividades para aquisição e conservação da subsistência seja ela animal ou vegetal e alcança um grau de evolução social quando mescla as condições técnicas e sociais, ou seja, a relação dos homens com a natureza e a relação dos homens entre si.

Segundo Luxemburgo, "o processo de reprodução da sociedade capitalista torna-se devido seu caráter puramente histórico um problema muito singular e complexo" (1970, p. 12).

Com a modernização tecnológica do campo mais voltado ao agronegócio, esses trabalhadores camponeses continuam invisíveis para o desenvolvimento tecnológico, reproduzindo o que o capitalismo almeja a mais-valia, Luxemburgo (1970).

Dentro do sistema capitalista a mulher camponesa está inserida visivelmente a partir do modo como lida com sua produção, quando se produz para consumo e comercialização. Essa prática de agregação de valores molda um consumo de insumos que vai além do que se julga necessário para a subsistência. Com o aumento das áreas de produção do agronegócio e expansão da agroindústria e o comércio o camponês dependente de sua pequena produção acaba sufocado pelo sistema, a falta de condições e conhecimento para acompanhar e atualizar nas técnicas de produção o torna dependente desse sistema escravocrata que existe na sociedade dando condições para o capitalismo se manter em seu meio de vida.

Nesse panorama de exploração é que se dá, para Refati, Fabrini e Marschner (2017), a relação entre gênero e campesinato. As relações de gênero inserem-se assim na luta dos camponeses em se firmar no espaço agrário, trazendo novas singularidades dentro de um modelo capitalista de exclusão e expropriação de terras.

Como sugere Saffioti (1997, p. 63) há um movimento permanente de encontro e de desencontro entre o ser singular e o ser genérico. Esta oscilação própria da dinâmica contraditória existente entre estas duas objeções do ser humano constitui um sério indicador de que nem uma nem outra pertence à natureza do ser social. Desse modo, as relações de dominação de gênero são imbricadas como especificidades nas contradições da questão agrária, o que, na prática, reinventa a luta no campo, com novas pautas e demandas.

Após a conquista da terra no âmbito do trabalho no lote, apesar de todo esforço e estratégias para firmar os direitos iguais no campo às tarefas realizadas pelas mulheres, nunca foi valorizado como trabalho ele sempre foi considerado simplesmente como “ajuda”, Menegat (2009). Nessa lógica, apesar de ser dela a organização da maioria dos trabalhos, a mulher nunca foi valorizada pelo seu desenvolvimento como trabalhadora que realiza e tem capacidade para transitar por várias frentes.

Dentro do conjunto de atividades que envolvem a gestão da unidade familiar, a mulher camponesa desenvolve técnicas e manejos com práticas agroecológicas de sustentabilidade da família.

Nos trabalhos domésticos ela é capaz de aprimorar incrementos nutritivos na preparação de alimentos, ornamentação e dimensionamento dos espaços da casa para um melhor bem-estar, atenção e cuidado com os filhos na educação social, psicológica, entretenimento e saúde. Essas são práticas bastante marcantes entre as mulheres das comunidades do Paiaguás.

Em destaque aqui o cuidado com o espaço da moradia e sua ornamentação como mostra a figura abaixo.

**Figura 15:** Moradia de dona Cleuza Soares Cunha - Comunidade Cedrinho



**Fonte:** Autora (2021)

Uma questão de fundo, nas análises de gênero na agricultura familiar é o lugar da mulher na reprodução do estabelecimento na produção e transformação de matéria prima em fonte de agregação de valores. Com o passar dos anos em cima da terra conquistada, as participações nos espaços públicos foram ficando esquecidas, como afirma Menegat.

Passado o momento de maior dificuldade, ocorreu um recrudescimento da atuação delas nos aspectos associativos [...] assumiram jornadas interpenetradas, a casa, o lote, o assalariamento doméstico urbano e/ou a feira, duplas ou triplas jornadas que reduziram o tempo para atuações em outras demandas que se referiam ao viver na terra (2009 p. 217).

Muitos benefícios foram alcançados no meio rural através das várias e constantes reivindicações ao longo da história com o surgimento dos acampamentos

e posteriores assentamentos, as mulheres se fortaleceram na luta durante períodos muito significativos, uma vez que os acampamentos próximos de fazendas ou na beira das estradas tiveram uma média de duração de tempo entre 02 e 10 anos.

Esses acampamentos trouxeram muita luta, mas também um passo muito importante para as trabalhadoras rurais no que diz respeito às lutas por direitos e conquista da terra, foi através destes que participaram de vários encontros de formações, congressos, seminários, cursos de beneficiamento de produtos, preparação de remédios alternativos entre outros.

Os acampamentos fizeram as mulheres aos poucos ingressarem nas discussões que até então eram vistas e atribuídas como espaço que só podiam ser ocupados por homens.

Diante de tantos entraves de submissão a mulher acaba sendo vítima de alguns homens que cultuam o autoritarismo e o machismo.

A violência doméstica, psicológica vem sendo tão naturalizada que deixou de ser percebido como agressão, o agressor impõe a companheira um comportamento que a submete à invisibilidade e opressão, Barreto (2009).

Dentro desse espaço de organização e desenvolvimento seja ele em comunidades tradicionais ou assentamentos também acaba proporcionando um ambiente de isolamento onde a mulher acaba aprisionada aos afazeres domésticos o trabalho na roça o cuidado com os filhos o cuidado com os arredores da casa a administração da família e a submissão ao marido.

Essa sobrecarga pode acabar fragilizando e dando condição a essa mulher sofrer agressões e violência.

### 2. 3 - A mulher na Reforma Agrária: Avanços através dos movimentos sociais do campo com políticas públicas e específicas

*“Meu nome é Suellen de Oliveira Batista<sup>17</sup>. Eu nasci em Ladário e vim morar aqui para o Pantanal bem bebezinha eu fui criada com outras pessoas não fui criada com minha mãe e meu pai. Minha tia me criou e eu vim morar para cá desde que eu me entendo por gente eu moro aqui nesse lugar”.*

*[...] a gente não tem um representante tem que ter um representante que representa a comunidade lá né, uma como fala, ah vai você, apesar, falar eu consigo falar, mas entender, não entendo de muita coisa né, às vezes eu falo uma palavra essa palavra tá errada não é o certo né, aí fica difícil”*  
(Comunidade Cedrinho, 2021).



Partindo da perspectiva da mulher no trabalho dentro do campesinato é pertinente lembrar que várias lutas foram travadas para que elas viessem a ser enxergadas como parte importante para a história. Neste contexto, a mulher sempre protagonizou papéis estratégicos para fortalecimento das lutas nas frentes de combate nas mobilizações e embates com as forças armadas do Estado.

A partir do surgimento dessas lutas no campo a mulher conseguiu adentrar a esses espaços aprimorando os conhecimentos e reconstruindo sua história de camponesas na sociedade, isso lhes proporcionou participação e discussão de estratégias para alcançar os objetivos desejados nos diversos temas relevantes à classe.

A luta por direitos no campo vem desde os anos de 1945 e se intensifica com a formação dos movimentos sociais do campo ao longo dos anos até 1980 quando da criação das ligas camponesas. Com a afirmação da industrialização brasileira na

---

<sup>17</sup> Suellen de Oliveira Batista – Comunidade Cedrinho.

década de 1930 intensificou a urbanização e o surgimento de novos grupos sociais dando vazão conseqüentemente a novos interesses e necessidades.

Com a agricultura voltada para exportação, a produção de alimentos pelos pequenos produtores não atendia a demanda provocada pelo alto crescimento das cidades, SILVA (2017).

Nesse período as intensas mobilizações se destacaram em vários estados brasileiros com avanço significativo e vitórias nas reivindicações.

Conseqüentemente aconteceram vários tipos de violência perseguições e assassinato de lideranças pelos proprietários de terras, ou seja, pelos latifundiários.

A partir desse momento na história aconteceram várias lutas que a ditadura militar tentou de todas as formas reprimir, fundação da (CONTAG) Confederação dos Trabalhadores na Agricultura, criação de sindicatos, organizações da central única dos trabalhadores e vários segmentos de organizações que sempre teve em pauta a organização da propriedade rural.

Na década de 1980, a nova categoria social são os (as) trabalhadores (as) rurais sem terra que surgem em decorrência do processo de modernização da agricultura e da intensificação do caráter empresarial das grandes propriedades, apoiados pelos recursos públicos (Silva 2017, p. 07).

Dentro da conjuntura política que acontecia no país na década de 80 com acirradas mobilizações, a trajetória das trabalhadoras rurais é marcada por duas mulheres que em períodos distintos tiveram grande destaque nas lutas sociais do campo, Elizabeth Teixeira e Margarida Alves exemplo de coragem, luta pela reforma agrária e por direitos a liberdade, tornando referência para formação dos movimentos de mulheres trabalhadoras rurais, SILVA (2017). Margarida Alves foi assassinada em 1983 por mando de latifundiários da época.

Com os acontecimentos violentos que marcaram a história dos movimentos sociais na época, surgiu a marcha das margaridas. Em uma ampla ação foi realizado no ano de 2000 a Marcha das Margaridas uma grande mobilização nacional, a primeira marcha das mulheres, realizado pela Contag, Federações e Sindicatos de Trabalhadores Rurais, a Marcha firmou apoio no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais - MSTTR.

Fez parte das organizações os movimentos feministas, movimentos de mulheres trabalhadoras, organizações internacionais Federações e Sindicatos. Foi um ato que teve a participação das mulheres do campo, da floresta e das águas, as

mulheres tiveram como metas o reconhecimento social, político e cidadania também estiveram em pauta a visibilidades dessas mulheres trabalhadoras rurais que no âmbito de suas manifestações buscam reivindicações de lutas contra a fome a pobreza e a violência sexista.

Esta Marcha reúne diversos movimentos de mulheres rurais e urbanas, de âmbito regional, nacional e internacional. Os movimentos que constituem a Marcha é formado por sindicalistas, a exemplo da Contag – Confederação dos Trabalhadores na Agricultura, CUT – Central Única dos Trabalhadores, CNS – Conselho Nacional dos Seringueiros e movimentos autônomos de mulheres e feministas, como a Marcha Mundial de Mulheres, o MIQCB – Movimento de Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu, o MMTR – NE – Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste, Redelac – Rede de Mulheres Rurais da América Latina e Caribe e outros (SILVA 2017 p. 02).

“O seu caráter reivindicatório demonstra a totalidade das lutas sociais e a sua especificidade localiza-se na ação protagonizada por mulheres, SILVA (2017 p. 02)”.

Os acampamentos de sem-terra fomentaram, através das participações nas mobilizações para adquirir a terra, uma libertação e transformação dessas mulheres que se sentiram parte importante na luta, dando a oportunidade de despertarem para participação nas decisões e organizações dos grupos de trabalho e nas lideranças de grupos.

Diante das ações e participações de homens e mulheres nas lutas por direitos, o modelo campesino que existem dentro dos assentamentos apresentam valores de desigualdade que são sustentados pelo fato de a mulher ajudar no serviço da roça e o homem ajudarem no serviço doméstico, esse tipo de afirmação demonstra que o trabalho da mulher não é visto e valorizado como trabalho e sim como ajuda. Butto e Hora (2008, p. 24) destacam que:

A modernização conservadora do campo brasileiro nos anos 70, por exemplo, se fez com a intensificação do uso de máquinas agrícolas e insumos, não incluiu equipamentos e infra-estrutura para facilitar o trabalho doméstico, contribuindo, mais uma vez, para a segregação e divisão sexual do trabalho.

É preciso que mulheres e homens tenham consciência que esses adjetivos de opressão são práticas de culturas naturalizadas pela sociedade e por religiões e modelos educacionais que infringem e subjagam as mulheres como inferiores ao homem.

Os avanços nas lutas das mulheres por igualdade social de gênero e a aceitação do empoderamento das mulheres deixa claro que é preciso um crescimento mútuo dentro da sociedade para que o processo tenha um desenvolvimento mais

palpável em favor das mulheres camponesas trabalhadoras rurais e outras classes sociais ligadas ao gênero.

E se suas práticas parecem não problematizar as relações produtivas, familiares e domésticas, no interior dos assentamentos organizados dentro da ordem patriarcal e sexuada, é na arena política que as mulheres recusam a identidade calçada na lógica do binarismo sexual, onde criam um fazer diferente, um sentido outro para sua existência, onde recusam a unicidade do eu-mulher baseado na naturalização do corpo biológico e socializado tendo como centro a maternidade e a procriação (ESMERALDO,2007, p. 07).

Para Tedeschi, por sua vez:

[...] a categoria de “trabalhadora rural” se confunde, assim, com a de mulher rural. O caráter genérico e universalizante dessa categoria se explica justamente pelo seu conteúdo político, semelhante à categoria de camponês empregada pelo campo acadêmico e político nas décadas de 60 e 70. Podemos dizer que no estado atual da relexão/ação sobre a mulher rural, a designação “trabalhadora rural” responde ao esforço de tornar visível sua participação na produção e na manutenção da pequena propriedade rural, e ao mesmo tempo em que reforça o conteúdo político atribuído a essa participação, ocupando espaços no cenário público, seja no sindicato, prefeituras, cooperativas, etc. A identidade política e social da “mulher trabalhadora rural” estaria, assim, fortemente delimitada pelo conteúdo econômico e político atribuído por esses agentes sociais, pois são elas que conduzem e sustentam as transformações culturais atuais no mundo rural (2019, p.713).

Se no movimento sindical a mulher é quase homogeneizada e invisibilizada pelas demandas econômicas masculinas, na luta pela terra, contudo abrem-se novos caminhos para construção de um protagonismo específico. O processo para aquisição da terra é um desses momentos em que a mulher tem um papel de relevante importância para o conjunto todo, ou seja, para a família e para a comunidade a qual ela está inserida.

No momento do acampamento, as lutas dentro do movimento, quando as famílias são mobilizadas a ocuparem áreas em fazendas ou acampar às beiras das rodovias. São essas mulheres que enfrentam a maior parte dos problemas que podem ocorrer durante a trajetória.

Quando essas famílias adquirem o lote após longos anos de espera, muitas mulheres acabam se recolhendo ao seu lugar de pertencimento, ou seja, ao lote de terra que foi adquirido. Apesar de todo estudo e formação social que foi adquirida durante a caminhada demonstra que, mesmo diante de mudanças estruturais, a submissão e a invisibilidade ainda persistem dentro da sociedade.

As decisões compartilhadas nem sempre acontecem nos setores de trabalho dentro do lote, o machismo e a submissão persistem.

A regulação empreendida pelos organismos governamentais, responsáveis pela política de reforma agrária desde o processo de instalação dos assentamentos rurais, obedece a regras institucionais para a construção de padrões de sociabilidade pautados numa base de caráter patriarcal, que se materializam na priorização do homem como o titular do cadastro, da recepção e realização dos créditos, da capacitação para a assistência técnica e como o interlocutor privilegiado para as ações de políticas públicas, e de representação política nas associações, cooperativas, sindicatos, mesas de negociação, dentre outros espaços de ação reivindicativa (ESMERALDO, 2007, p.07).

Para Lopes e Butto (2008) As relações de gênero são questões que deve se manter em constantes diálogos e discussões para que a luta não caia no comodismo, enfatizam muitos acontecimentos interessantes que nos mostram que as transformações são muito comuns principalmente após receber a terra muitos se isolam no individualismo deixando de lado toda a bagagem de militante e se fechando em um mundo paralelo.

As famílias assentadas vivem um dilema entre o viver coletivo e o viver individual. Esse sentimento é ambíguo, pois, mesmo conhecendo as vantagens do trabalho em grupo – principalmente para ampliar a produção e aumentar os lucros –, elas não conseguem atuar coletivamente. Como resultado, a inserção no mundo mercantil se torna mais difícil. Consequentemente, a permanência na terra pode gerar desilusões (YAMIN; FARIAS 2009, p. 199).

Entre todos os questionamentos encontrados nas pesquisas existe a preocupação com relação ao desenvolvimento da mulher para se manter enraizada nas frentes de trabalho dentro do lote adquiridos da reforma agrária após grandes embates na luta para conquista da tão sonhada terra para trabalhar e dela tirar o sustento da família.

Surge então uma nova perspectiva de gênero voltada a reconhecer especificidades existentes e desempenhadas pelos homens e mulheres. Contudo, o interesse é fazer um resgate do conjunto diversificado das atividades da mulher diante das transformações que a estrutura adquirida com a aquisição da terra oferece.

Hoje o mundo se move diante de transformações e modificações que norteiam e desnorteiam o indivíduo em questões sociais de educação e costumes.

Existem específicas formas de entender o papel de cada uma dentro da singularidade de relações que alicerçaram no momento das lutas nas mobilizações e ocupações dos espaços. Nesse processo a visibilidade da mulher só toma destaque se ela for alguém da liderança.

Algumas diferenças entre o lugar da mulher, ou o lugar que a mulher ocupa nos movimentos ou nos enfrentamentos nos mostra uma dimensão que o termo luta oferece, esse processo permite perceber que tem dimensões complexas e significados diferentes para mulheres, homens, jovens e adultos dentro da família.

Essa é uma transformação e condição que o acesso à terra permite às famílias e a mulher que durante o tempo de espera pela terra se fez presente na luta pela conquista dela, o recebimento da titulação, a oportunidade do acesso ao crédito, a educação e a saúde.

Dentro de um regime militar na pós-segunda guerra mundial, com o golpe militar que o país sofreu nos anos 60 muitas mulheres tiveram que se exilar em outros países da Europa fugindo da repressão militar que acontecia intensamente no Brasil. Com esse acontecimento muitas mulheres enquanto estavam exiladas fugindo da perseguição de um estado autoritário e cruel, em contato com outros movimentos ganharam força para então dar continuidade a luta bem mais enraizada com outras perspectivas.

A militância após essa fase se tornou mais forte muitas mulheres se engajaram nos eventos e congressos visando uma redemocratização no país, as manifestações junto ao movimento feminista fizeram as camponesas se despontarem para as participações em organizações como sindicatos e associações em busca de seus direitos.

Orientadas e organizadas pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) que através de cursos e reuniões de preparação dentro da organização católica das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) deram base para que essas mulheres pudessem discutir e questionar as injustiças sociais direcionadas frequentemente.

Dentro das várias questões abordadas pelas organizações uma delas foram as formações bíblicas para jovens, homens e mulheres para através do evangelho fortalecer a fé e encontrar através dos textos bíblicos um norte para as organizações pessoais e comunitárias de saúde e educação.

Diante dessa conjuntura de lutas por direitos, alguns benefícios almejados pelas camponesas foram alcançados, alguns deles foram seguridade social, licença maternidade e aposentadoria.

A partir dos anos 80 esses movimentos fortaleceram com crescimento destacado pela participação das mulheres em frentes sindicais rurais surgiram então vários Movimentos Autônomos de Mulheres Rurais, um dos movimentos em destaque

o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR) no Sul e Nordeste se estendendo posteriormente para outros estados.

Na década de 90 esse processo começa tomar outros rumos com os movimentos de mulheres e a estabilidade do movimento feminista no Brasil, as mulheres começam a se inserirem nas lutas travadas nas construções dos acampamentos que surgiram com apoio do MST.

O Movimento utiliza-se, inicialmente, das ocupações de terra, de marchas e de ocupações de prédios públicos como práticas concretas voltadas: para a formação dos trabalhadores rurais; para a tomada de consciência de classe para si; para a organização de um movimento social de caráter nacional e para a demarcação de objetivos claros para a sociedade brasileira. Esses se expressam nas lutas pela reforma agrária, contra o latifúndio, contra os interesses corporativos da classe burguesa e pela construção de uma sociedade socialista (ESMERALDO, 2007 p. 03).

Nessa época, com o surgimento do Movimento de Mulheres Agricultoras (MMA) em Santa Catarina, aconteceu o ato público onde as mulheres organizadas em caravanas seguiram até Brasília no intuito de colocar suas reivindicações na pauta constitucional.

Diante da necessidade dessas mulheres do campo serem atendidas e assistidas em suas necessidades básicas, várias reivindicações foram discutidas, entre elas a assistência à saúde, previdência social e participação em organizações sindicais.

Dentro de tantas reivindicações e participações em seminários, conferências e debates que enfatizavam direitos às mulheres, o direito à terra na reforma agrária” foi uma das questões que pode ser considerada de grande importância, para toda classe de trabalhadoras rurais.

As lutas no meio rural foram sempre acirradas travadas perante muitas discussões, enfrentamentos e oposições sem espaço ou relaxamento por parte do governo, que estava sempre contrariando aquilo que era de direito de todos os trabalhadores. Donos do poder no estado o latifúndio dominante que ditavam as regras impostas por um regime ainda enraizado no coronelismo.

Esse fato fez a classe rural ver que seria necessário fortalecer ainda mais a luta por direitos e pelo direito à terra, dentro dessa necessidade ganha força o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) que agregou no seu processo de organização lutas que estão mais à frente da reforma agrária, entra em pauta as

questões de educação, agroecologia, gênero e tantas outras que se faziam necessário para o desenvolvimento das trabalhadoras rurais no campo.

Para Esmerado (2007), a busca pela emancipação da mulher sem-terra se forja principalmente pelo campo da luta política nas arenas das ações públicas empreendidas pelo MST.

É pertinente lembrar que mesmo com toda essa discussão de empoderamento da mulher na conquista de direitos de atendimentos básicos às necessidades que se faz para a classe, pouco se vê de mulheres ocupando ou sendo intituladas nos lotes de terras da reforma agrária. Era preciso além da consciência de classe para ambos os sexos os debates contra as desigualdades nas relações de gênero.

Várias fontes foram criadas para inserir ainda mais a mulher nos debates dentro dos movimentos, uma delas foi a criação do espaço dentro do Jornal Sem Terra, onde divulgavam trabalhos de base realizados por mulheres. Mesmo dentro do movimento a participação feminina esbarrava nas desigualdades de gênero, as discriminações no poder se faziam presente reproduzindo aquilo que era combatido nas lutas.

Só a partir do II e III Congresso Nacional do MST com as mulheres mais articuladas, realizam o I Encontro Nacional das Mulheres do MST, dando vazão às reflexões de gênero com mais importância. Após diálogos, debates e reflexões criou-se então o Coletivo de Gênero dentro do MST. Com a publicação do panfleto de treinamento para promover reflexão, entra em destaque às mulheres e a Reforma Agrária que traz em seu discurso a participação de toda a família no processo de conquista da terra.

Os espaços de organizações sociais e políticas dos assentamentos reiteram mudanças nas relações de gênero que se estabeleceram em sindicatos e associações e veem uma redução expressiva do número de participantes femininas nessas instituições de organização.

O acesso à terra nos assentamentos deu a esses sujeitos camponeses o reconhecimento e a autonomia de trabalho para sustento da família. Com as políticas públicas e ações de organizações governamentais e não governamentais voltadas a essa população, eles podem diante de inúmeras tarefas diárias em seu lote pensar uma organização social das famílias através do poder público com melhorias estruturais de acesso à locomoção e comercialização da produção e aquisição de insumos para o desenvolvimento do trabalho rural.

A luta das mulheres por direitos vem de longa data. O primeiro direito conquistado pelas lutas das mulheres foi o direito ao voto que aconteceu em 1932. Várias reivindicações foram inseridas nos processos de luta ao longo dos anos por camponesas trabalhadoras rurais, agricultoras, e tantas outras classes que o gênero permite elencar dentro da sociedade brasileira.

Entre essas lutas devem ser enfatizadas a Constituição de 1988 que ficou estipulado os direitos iguais para mulheres e homens rurais ou urbanos e o direito à previdência social. Foram beneficiadas tantas as trabalhadoras assalariadas quanto às agricultoras familiares.

Valem ressaltar que com o avanço das leis em favor das mulheres as mudanças constitucionais não alteraram com muita significância a vida das mesmas, com o estabelecimento de pontuações pelo sistema do INCRA para a aquisição da terra as famílias mais numerosas eram beneficiadas pelos critérios adotados pelo órgão, e avaliação das experiências no trabalho agropecuário, novamente as mulheres são discriminadas.

Consequência da tradição familiar à sensação de dependência perante a sociedade caracterizam as dificuldades que essas encontraram para obter o título da terra em seu nome. Portanto, na intitulação do lote cabe ao INCRA inserir o nome do homem e da mulher no documento oficial.

A mudança que o acesso à terra provoca é um fato que precisa ser levado em consideração o distanciamento dos indivíduos permite dificuldades em se manter sólidos nos laços de solidariedade que foram adquiridos nas intensas mobilizações onde todos estavam bem próximos no acampamento. Mas a consciência da descoberta de seus direitos perdura, pois o aprendizado no período de acampamento são ferramentas que ilustram as práticas do dia a dia.

As experiências adquiridas durante as mobilizações em torno da luta pela terra fomentaram uma ruptura social frente à situação que viviam anteriormente fora do acampamento e posteriormente no assentamento, isso ocorreu tanto nos setores das classes trabalhadoras rurais como em grupos de trabalhadores vindos de periferias.

Diante de todos os escritos apresentados em todos os textos pesquisados a relação gênero e campesinato é uma fusão de lutas que foram travadas por mulheres camponesas no sul e posteriormente se estendendo para outros estados do Brasil dando abertura para que esse movimento campesino pudesse buscar junto ao estado leis que amparasse todas as trabalhadoras rurais do campo em direitos que dessem

oportunidades para a mulher se desenvolver junto ao homem como sujeito de sua própria história.

Até aqui elaboramos um conjunto de olhares sobre a condição feminina nas relações sociais, em especial as relações que permeiam o campesinato contemporâneo.

Há poucas pesquisas que caracterizam a mulher camponesa, menos ainda as mulheres em sociedades tradicionais como o caso do Pantanal-Paiaguás.

Entendemos, mesmo com o contexto de relativo isolamento que vamos caracterizar as comunidades e mulheres do Paiaguás não estão isentas do impacto das mudanças da sociedade envolvente, em especial os impactos do agronegócio para esse território.

A reprodução social desse grupo e a construção do protagonismo feminino neste contexto específico precisam ser cuidadosamente caracterizadas pelo trabalho etnográfico a seguir. Este precisa ser explicitado como um tipo de coexistência em conjunto com o bioma local que as mulheres pantaneiras desenvolvem nos seus “quintais” e que, numa perspectiva ecofeminista, constroem seu modo de ser feminina, sua forma peculiar de resistir.

#### **2. 4 - Gestão da Unidade Familiar: Papéis Econômicos diante do protagonismo de mulheres resistindo às mudanças sociais do agronegócio**

*“Aqui eu tenho 40 anos que eu moro aqui. Já trabalhei bastante, já criei meus filhos aí eles foram e a gente continua aqui trabalhando” (Maria Helena dos Santos-colônia São Domingos).*

Diante dos papéis sociais, culturais e agrários que a mulher assumiu tanto no campo rural como urbano, houve a necessidade de um olhar dimensional cauteloso perante as mudanças que a modernização apontada pelo capitalismo apresenta à sociedade em geral. Com o passar do tempo, a introdução dos créditos rurais e a modernização do campo com a aquisição de máquinas para melhoria do trabalho agrícola, muitas famílias aderiram aos projetos financiados pelo Banco do Brasil para investimento no lote. Muitas tarefas que ocupavam mão de obra de toda a família acabaram sendo minimizadas, provocando acentuada transformação no cotidiano da família camponesa trazendo grandes discussões e conflitos dentro da família que utilizavam as práticas tradicionais de trabalho e manejo com a terra.

Percebe-se que a parceria firmada entre homens e mulheres com um discurso que ambos decidem juntos o que pode ser realizado dentro do lote sinaliza uma mudança significativa no modo tradicional. Mas o comportamento masculino continua com o mesmo pensamento tradicional enraizado pela cultura herdada ao longo das gerações. Continua sendo o ditador de como o trabalho precisa ser feito.

Para Tedeschi, (p. 150) a “naturalização” do privado, do doméstico, limitou a mulher ao lar, mas outorgou a ela uma nova forma de poder, não sobre o espaço público, mas sobre o privado.

Nesse processo de reordenação e construção de uma consciência mais ampla buscando sair do espaço de dominação a mulher traça de acordo com seu conhecimento estratégias para encontrar a visibilidade que almeja um espaço onde ela possa ser reconhecida com capacidade suficiente para dirigir a família (ou para além da família?) Nos caminhos do desenvolvimento, sejam cuidando dos trabalhos que são essenciais junto a seus filhos com seu companheiro ou até mesmo sem um companheiro, realizando tarefas no campo social ou no agrário, participando das decisões políticas e sociais dentro do espaço que se encontram inseridas.

Contudo para os camponeses tradicionais essas mudanças alternadas de reordenação da família soam como um confronto a autoridade do pai e marido que no seu interior perdura. Ver o filho sair de casa à procura de espaços não antes almejados ou a filha que resolve sair para estudar faz perdurar um conflito de frustrações no entendimento do conceito de trabalho para desenvolvimento econômico que foram almejados durante as lutas para conquista do lote. Esse é um processo doloroso para ambas as partes.

A reorganização do trabalho com máquinas e equipamentos substituiu o homem e a mulher do campo, deixando as margens muitas famílias que dependiam do trabalho rural nas fazendas e lavouras de café.

Esse fato além de desintegrar as estruturas familiares que se faziam sólida em partes com relação ao “ganho” e sustento da família desalojou muitas famílias para os aglomerados em periferias ou engrossando as fileiras de sem terras as beiras das rodovias.

Partindo do momento da aquisição da terra, as trabalhadoras camponesas adentram um espaço de construção no aspecto econômico a utilização de fontes alternativas de bens e consumo demonstra uma integração do sujeito com a natureza, dando vazão a uma exploração vinculada ao modo de cuidar e proteger a natureza

em seu modo de reprodução. Sendo que parte da economia está alicerçada e agregada a produtos nativos.

A mulher trabalhadora rural camponesa desde o momento da organização das lutas diárias dos movimentos esteve à frente quando diz respeito a integridade da família seja na organização do trabalho no campo o cuidado com o quintal da casa nas decisões sobre o que vai fazer para a alimentação da família e introdução de hábitos alimentares que possa proporcionar bem estar a sua família.

Também através desse olhar para a necessidade e do necessário, essa que determina o que adquirir de bens de valores, ou seja, os móveis para a casa e eletrodomésticos para facilitar o trabalho doméstico demonstrando assim uma necessidade de melhorarem a renda para suprir as demandas de consumo que surgem, e que acabam interferindo nos modos de vida dos camponeses alterando bases culturais.

A preocupação com a integridade da família, a alimentação, a educação, a renda, o lugar da moradia, todas essas preocupações levam esses enfrentamentos se tornar em forças para que ocorra a permanência da família na terra desenvolvendo trabalhos de sustentabilidade com integração com a natureza respeitando o ciclo natural de cada ambiente.

É na gestão da unidade familiar dentro do território que a mulher percebe as necessidades para o conjunto e assim seguem tentando não serem dominadas com o lucro que o capitalismo almeja. Aqui um diálogo com Almeida (2003).

[...] as relações sociais estabelecidas nesta fração do território são outras, a liberdade almejada é outra, logo, diversa da liberdade econômica burguesa, porque se assenta na autonomia do trabalho camponês regido pelo tempo da comida e da fartura, pela busca de equilíbrio entre o número de braços e de bocas na família camponesa, em que a taxa de lucro médio não é o horizonte no qual se move essa economia (ALMEIDA, 2003, p.352).

Para essas mulheres e homens que habita o pantanal “A terra é um patrimônio da família, lugar do sossego, possibilidade imaginária de estar a salvo da sujeição do capital” (Almeida, 2003, p.337).

[...] um modo de produção tem, então, tanto uma dimensão sincrônica quanto diacrônica, isto é, representa não apenas um sistema especificamente estrutural, mas também uma época histórica. Incorpora processos de reprodução, no que diz respeito aos bens materiais, à força de trabalho e ao sistema de relações sociais (SHANIN, 2005, p.10).

### CAPÍTULO 3 - A MULHER PANTANEIRA EM MOVIMENTO EM UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E ISOLAMENTO TERRITORIAL

*“Meu nome Deolinda Soares Cunha<sup>18</sup>, faz muitos anos, tem mais de... olha! eu nasci aqui, tô com 66 anos.*

*[...] aquele tempo era tão bom, minha nossa senhora, era um prazer da gente ir ali a gente tinha uma planta a gente colhia o milho a mandioca, mas esse daí é porque faltou a chuva né ficou muito tempo sem chover e aí agora, agora vai melhorar, já melhorou né, Já melhorou porque já começou a chuva”.*



Neste capítulo com um olhar diante as várias formas alternativas que o ambiente pantaneiro proporciona buscamos visibilizar mediante um espaço de isolamento territorial as práticas e resistência das mulheres a dedicação e persistência para se firmar neste ambiente tão hostil, trazendo para o conhecimento de todos os saberes e a socialização cultural, dentro de um espaço com dilemas contraditórios da falta de água, percebidos nas mudanças da natureza que tem provocado diversidade no trabalho, identificando com tudo isso a relação que existe entre a natureza e o capital.

Em um misto de cultura e sobrevivência, as mulheres pantaneiras, com jeito simples e peculiar, trazem no semblante o apego às tradições e costumes herdados da cultura dos povos indígenas, que existiram na região do Pantanal.

Dotadas de uma rusticidade adquirida com a constante busca da sobrevivência, as mulheres traçam para seu desenvolvimento pessoal estratégias que as fazem estar

---

<sup>18</sup> Deolinda Soares Cunha – Comunidade Cedrinho.

em sintonia com o trabalho, o cuidado com a casa e o meio a que estão inseridas, não perdendo a sensibilidade do ser feminino, o gosto pelo embelezamento físico e do ambiente ao seu redor, um contentamento que Clarislene demonstra em sua fala.

*“Eu me sinto feliz também assim de tá assim no lugar assim igual, que tem bastante plantas bastante animais isso me faz feliz”,* (Comunidade Cedrinho).

Seguindo sempre os ensinamentos de seus antepassados, dentro da cultura e costumes presentes nas mais longínquas terras de pantanais.

Grande parte das famílias que residem nessas comunidades Corixão, Cedrinho, Cedro, Limãozinho, Colônia São Domingos e Colônia Bracinho localizadas às margens do rio Taquari no baixo Pantanal de Paiaguás, são filhos e netos de pessoas descendentes de povos indígenas que viveram na região do baixo Pantanal de Paiaguás, e povos que vieram de outras regiões antes mesmo do início da colonização do Estado do Mato Grosso, que posteriormente foi dividido em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Pouco se encontra na literatura local e regional sobre esses acontecimentos da história. Circundada por grandes fazendas de criação de gado. Em torno da fazenda reuniram-se agrupamentos formados por trabalhadores (peões, vaqueiros, empreiteiros, agregados) e suas famílias, constituindo formas específicas de comunidades (GALDINO, 2006 p. 326).

Estas comunidades da região do Paiaguás seguem através de longos anos de tradição e costumes os ensinamentos e a cultura de seus antepassados tradicionais, respeitando as especificidades locais e o ritmo da natureza, mais precisamente o ritmo das águas.

Destacam-se, dentro dos costumes e tradições, um fator de grande relevância na cultura pantaneira, as mulheres das comunidades se casam muito jovens. A maioria dos casamentos ou uniões conjugais ocorre entre pessoas da mesma localidade. É o que revela Rosa Miriam. *“Meu esposo é daqui nascido e criado aqui tem mais de 40 e poucos anos que ele mora aqui”* (Colônia São Domingos).

O modo como às mulheres das comunidades do Paiaguás vivem e se desenvolvem nesse cenário pantaneiro se assemelham em parte com o desenvolvimento das mulheres trabalhadoras rurais dos assentamentos, que, ao longo da história travaram várias batalhas no intuito de obter igualdades de gênero e direitos sociais que garantam sua sobrevivência e permanência. Desenvolvendo projetos que as motivem a permanecer na lida com a terra, dando autonomia e

satisfação, o que reforça um sentimento de pertença local. Como afirma dona Deolinda *“Eu sou pantaneira legítima”*.

Essa legitimação não se dá apenas pelo fato de ter nascido em terras pantaneiras, mas em pertencer a famílias que por muitas décadas foram protagonistas no movimento histórico, econômico, social e cultural da região. Um movimento constante que se faz presente no cotidiano dessas mulheres dentro de uma região inóspita, mesmo diante de fatos que trazem momentos de desânimo e reflexão, essas mulheres se fortalecem em um sentimento de igualdade.

*“Apesar que a dificuldade não é só para nós, aí a gente vai levando como Deus quer porque a luta aqui não é fácil porque a luta aqui não é fácil” (Aracilda).*

No Pantanal a batalha pela sobrevivência firma com veemência o modelo tradicional no ritmo da natureza que dita o rumo da vida e traz o isolamento. Ainda assim, a mulher pantaneira da região do Paiaguás se encontra em constante luta contra o modelo tradicional patriarcalista.

A mulher tem assumido papéis de relevante importância dentro da comunidade, um exemplo a ser citado, na colônia Bracinho as famílias contam com a liderança forte e decisiva de dona Luzia Pereira, que está sempre em busca de melhorias para a comunidade seja nas questões burocráticas junto aos órgãos públicos ou internos na comunidade sempre está à frente liderando incentivando e apoiando sua comunidade.

Um dos fatos em destaque desta liderança com apoio da comunidade foi a volta da escola Sebastião Rolon que estava com sua estrutura alojada no porto do mesmo nome no rio Taquari nas dependências de uma fazenda.

Esta escola se encontrava há décadas instalada dentro da comunidade, devido à falta da água própria para consumo e as condições precárias da escola e por meio de impasses políticos foi transferida para o Porto Rolon quando ainda tinha água no rio Taquari.

Após constantes reivindicações da comunidade junto a secretaria de Educação e prefeitura de Corumbá a escola foi reestruturada novamente dentro da comunidade com instalações e construções de salas de aulas condizentes com o ensino aprendizagem dos alunos, foi construído um poço semiartesiano e uma estrutura habitável para os professores que ficam alojados nas dependências da escola no período das aulas.

### 3. 1 – Em espaço de isolamento territorial a educação caminha sobre a resistência e dedicação das mulheres

É pertinente lembrar que as famílias, principalmente as mulheres, buscam romper o isolamento territorial e se relacionar socialmente com outras culturas na busca pelo desenvolvimento social da comunidade. São elas que estão sempre em contato com a cidade e outros grupos sociais, sempre em busca de melhorias para a família ou até mesmo quando se trata de reivindicações para desenvolvimento de questões públicas como melhorias de escolas e educação para seus filhos.

Diante de tantas diversidades é perceptível também nos relatos de mulheres que vivem nas comunidades as lutas para se manterem na propriedade, pois no entorno das comunidades é constante os conflitos com fazendeiros. As comunidades se encontram em isolamento territorial onde o acesso é somente pelo rio Paraguai, essa condição de espaço e locomoção deixa claro que o deslocamento da região para essas pessoas se dá na maior parte do tempo por razões de necessidade.

Quando questionada sobre o que a faz sentir vontade de ficar morando no lugar, dona Rosa Miriam moradora da colônia são domingos revela:

*“[...] o que me faz ficar aqui nesse lugar é o amor, o amor que a gente tem pelo lugar sabe, pelas coisas que a gente já tem pelas coisas que a gente já plantou né eu fico olhando as coisas que a gente planta né tão bonita a gente vê a lavoura uma horta um Jardim você vai aí você olha, eu tenho certeza se eu chegar de ir morar na cidade, o que eu tenho assim dessas coisas eu não vou ter lá, e nem a liberdade né, aqui você anda você vai aí você tem aonde você ir tem onde você olhar né, e na cidade eu já vejo bem diferente né, o lugar é diferente o clima diferente então eu encaro ainda aqui porque eu gosto muito mesmo daqui, tô aqui ainda porque eu amo mesmo esse lugar essa região”.*

Para Dona Rosa Miriam a vida simples no campo proporciona condições que na cidade se tornam muito difíceis.

*“na cidade a gente pensa isso né, por exemplo, principalmente negocio de alimentação essas coisas né pra nós que somos acostumados aqui vamos se dizer assim, acordar e ter aquilo que você gosta pra comer né, e lá não, já é diferente tem que levantar pensar né, o pouco que você tem principalmente esse negocio de dinheiro pra comprar seu alimento ainda mais quem tem criança”*

As lutas de relações de gênero se mesclam em todos os momentos principalmente em relação a mulher em movimento dentro de um território minado pela exploração do trabalho que torna rude sua sobrevivência com uma cultura tradicionalista patriarcal visivelmente enraizada na cultura local.

Para AYALA (2005, p. 58)

“A ocupação sazonal do território implica, entre outros fatores, a maior exploração de determinados recursos naturais durante períodos distintos: por exemplo, se na seca usam o largo como pasto comunal, deixando o gado *alongado* (solto), na cheia recolhem a criação, ficando o gado *confinado* (preso) no entorno das casas”.

Grande parte deste território ocupado com a criação de gado, com a mudança no regime das cheias e seca, tem aumentado significativamente, tomando uma proporção de áreas bastante expressivas no entorno das casas, trazendo mudanças significativas no envolvimento entre a vizinhança, o que era marcado pelas condições de tempo natureza se expressa de forma um pouco mais abrangente no relacionamento entre vizinhança as visitas se tornou um pouco mais frequente entre os moradores mais próximos.

*“A gente sai passeia na casa de um, quando tem um almoço, às vezes tem brincadeira, jogo de bola. Tem domingo aí que nós fazemos reunião faz time, joga contra as mulheres lá do Cedro” (Rosa Miriam Rocha Medina, Colônia São Domingos).*

São momentos em que as mulheres fora de suas atividades laborais interagem com outras mulheres de outras comunidades para criar seus espaços e momentos de descontração sempre em companhia da família onde a diversão proporciona alegria e descontração. Além da modalidade futebolística as mulheres também fazem lutas livres como afirma Rosa Miriam da Colônia São Domingos, *“nóis aloita quem tem força né vai pro aloito assim que nós fazemos diversão nossa”*. São lutas livres onde vence aquela que tem mais força física.

“Da mesma forma, os acessos ficando mais fáceis na seca, as pessoas se visitam mais (as pessoas se alongam como o gado); o contrário acontece no período das chuvas, quando a família fica mais recolhida aos domínios da casa” (AYALA, 2005, p. 58).

A Educação como base de sobrevivência vem sendo discutida em vários segmentos sociais. A educação existe em lugares onde não existem escolas, em toda parte existem estruturas sociais e redes de transferência de saber de geração para geração, mesmo onde o ensino formal e centralizado não tenha criado ainda algum modelo, a educação figura o aprendizado do homem que busca continuar o trabalho da vida (BRANDÃO, 2003).

Nas regiões pantaneiras a educação perpassa de geração em geração o aprendizado da cultura como forma de sobrevivência dos costumes como afirmação da identidade de um povo.

Na região do Paiaguás existem somente as escolas de ensino fundamental mantido pela secretaria de educação de Corumbá, com um regime e calendário diferenciado das demais escolas de ensino público do município.

Devido a região ser de difícil acesso, as escolas funcionam em períodos alternados devido às águas do Pantanal.

Segundo coordenador do Programa Escolas das Águas<sup>19</sup>, Professor Advanir, as aulas são oferecidas em períodos alternados devido às condições de trabalho dos educadores e educandos diante da sazonalidade local devido o movimento das águas com as cheias, os professores permanecem nas dependências das escolas por um período de sessenta dias ministrando aulas em períodos integrais.

Após esse tempo escola os professores retornam para cidade de Corumbá para fazerem lançamento dos trabalhos no sistema da secretaria de educação, afirma ainda que as escolas das águas, além do material didático oferecido pela secretaria, tem uma programação educacional com temáticas e dinâmicas com abundância de conteúdos, oferecidos pelo conjunto de diversidades que as crianças vivenciam durante o trajeto até a escola e no meio em que essas crianças estão inseridas, ou seja, na comunidade a qual reside.

As escolas do Paiaguás oferecem somente ensino fundamental, obrigando aquelas pessoas que desejam prosseguir com os estudos procurarem outro meio alternativo para continuar estudando ou desistem e ficam com o sonho de um dia ter o estudo desejado, como afirma dona Maria Helena, moradora na comunidade São Domingos. Ela relata:

*“Não consegui... o estudo, pra ser assim, que eu gosto muito de falar né de ensinar, mas eu não consegui, eu me conformei”.*

Mesmo diante da falta de oportunidade para estudar, o interesse pelo aprendizado continuou presente em seu cotidiano, mesmo com pouco estudo a busca

---

<sup>19</sup> O programa social “Povo das Águas” é uma ação coordenada pela secretaria Municipal de assistência social e cidadania, atende famílias que residem em regiões de difícil acesso no Pantanal corumbaense, com ações médicas, odontológicas, sociais assistenciais, educacionais e de fomento a pequenas produções.

pelo conhecimento através da leitura a faz sentir emoções e sonhar com as histórias vividas pelos personagens do livro.

*“Eu gosto de ler, sabe que eu gosto de ler porque eu vejo nos livros, quanto mais você lê mais você quer, ainda agorinha tava deitada ali sesteando falei assim olha que loucura eu falava um dia. Que eu quero ganhar de presente? Eu falava “me dá um livro pra mim ler”. (Maria Helena).*

A educação diante das diversidades é vista como meio de promoção e transformação social criando espaço de crítica e produção cultural.

Nesta perspectiva, a escola é concebida como um centro cultural em que diferentes linguagens e expressões culturais estão presentes e são produzidas. Não se trata simplesmente de introduzir na escola as novas tecnologias de informação e comunicação e sim de dialogar com os processos de mudança cultural presentes em toda a população, tendo no entanto maior incidência entre os jovens e as crianças, configurando suas identidades. (CANDAUI, 2005, p. 34)

Muitos pais e mães de crianças e jovens que completaram a fase escolar oferecida nas comunidades do Paiaguás levam os filhos para ficarem abrigados na casa de parentes na cidade para então dar sequência ao estudo, na ânsia de dar ao filho aquilo que ela por vários motivos não pode realizar para si próprio.

*“Aí eu pensei assim, tudo bem eu não posso, mas o que eu não pude meus filhos consegue né, eu já vou ficar feliz sabia, eu vou ficar feliz se eles conseguirem o que eu não pude ter, assim, não riqueza, mas alguma coisa pra você, porque a gente quando precisa negócio de casa essas coisas né é uma boa né todo mundo quer ter alguma coisinha melhor. Qualquer ser humano né, é isso a vida de cada um de nós, mas é assim” (Maria Helena, Colônia São Domingos).*

Nem sempre essa prática de sair de seu regime e convívio familiar e ir morar com outras pessoas na cidade acabam bem-sucedida. Muitos desses jovens acabam se frustrando com a situação adversa que encontram fora de seu ambiente em seu local de moradia a qual estavam acostumados e acabam desistindo, indo a busca do trabalho assalariado para suprir suas necessidades, eles acabam se embrenhando no vício das bebidas, drogas e prostituições, trazendo grandes impactos a estrutura familiar.

As comunidades do Paiaguás recebem a cada três meses o atendimento da equipe do programa Povos das Águas, através da secretaria municipal de assistência social e cidadania de Corumbá, Para dona Maria Helena a participação nas atividades do programa trouxe um atrativo a mais para ela:

*“Eu ganhei tanto livro desse povo das águas depois que eu falei pra professora que vinha brincar com as crianças. Menina eu li todos os livros, já li todos os livros, mas, sabe que eu acho ali, eu vejo como a ideia de cada um de nós é interessante né, e*

*o que que faz capaz de conquistar certas pessoas com estudo e com aquela mente que a pessoa tem a sabedoria da pessoa o entendimento da pessoa pra chegar até ali”.*

### **3. 2 - Saúde como resultado da interação com a natureza**

A saúde, na compreensão das mulheres, é consequência de uma interação ideal com a natureza.

*“A gente se sente assim, parece que a gente tá tão num lugar tão feliz no lugar assim parece que tá tão bom né você levanta de manhã você olhar aquelas plantas assim tão Verde” (Dona Deolinda).*

Isso porque interação com a natureza significa um conhecimento (pessoal ou de domínio da comunidade) de recursos locais, conhecimentos de remédios e tratamentos naturais para enfrentar doenças.

*“Quando fica doente só de uma dor de barriga uma febre nós faz remédio do mato quando fica com dor de barriga febre nós usa mais é só remédio do mato” (Dina Angélica).*

Por vezes essa forma de lidar com tratamentos alternativos com ervas naturais colhidas na natureza estão enraizados na sabedoria adquirida na cultura de antepassados e quando essa condição de tratamento não está em alcance por hora da gravidade do problema os moradores recorrem aos vizinhos os quais possuem um bom relacionamento.

*“A gente se dá bem com os vizinhos é uma união muito boa com todos os vizinhos às vezes um tá precisando de um remédio vizinho tenho meio da ligação do telefone aí já tá pronto para arrumar” (Deolinda).*

De tal modo essa simbiose com o meio ambiente transmite um sentimento de segurança.

*“Aqui não tem perigo a gente dorme aqui arma a rede larga suas coisas ninguém panha ninguém mexe com a vida da gente aqui a gente se defende da doença” (Lino Gomes)*

O tempo parece não ser percebido diante do espaço. O tempo é marcado pelo contentamento de estar em contato com a natureza e o que ela oferece ver as plantas

crecerem a natureza reagirem com as modificações proporcionando a dona Deolinda uma tranquilidade e uma felicidade que às vezes não tem explicação.

*“Uma tranquilidade assim por exemplo assim vamos supor assim com essa epidemia que passou aqui a gente estava tranquilo estava feliz assim a gente só pensava Deus é de passar essa epidemia então”.*

Se estar em harmonia com seu espaço é segurança, estar fora deste território, por conta de algum acidente e da necessidade de buscar recursos fora, é entendido como situação de vulnerabilidade.

*“A gente até pensa em deixar, mas acho que não tem como a não ser se Deus dá o contrário né porque se é uma doença aí é obrigatória aí não tem como não tem como” (Deolinda).*

Contudo essa autonomia e segurança são quebradas na medida em que o meio ambiente é impactado pela mudança climática, impactos ambientais externos. Isso se percebe no desaparecimento das plantas e animais, que estão associadas às:

[...] ações antrópicas, sobretudo decorrentes do uso da terra e da água por meio do desmatamento, destruição de nascentes, assoreamento dos rios, construção de hidrelétricas, alteração no fluxo das águas, cerceamento da movimentação e migração dos peixes e o uso indiscriminado de agrotóxicos, contribuem para a devastação socioambiental no Pantanal, e aceleram as alterações climáticas e seus efeitos a níveis, não só regionais ou nacionais, como também globais (COSTA, 2021, p.107).

“Quando as ações humanas são incorretas, a natureza toda sofre as consequências ocorrendo vendavais, erosão do solo, assoreamento de rios, enchentes, desequilíbrio climático, extinção de animais e plantas, escassez de água potável e aparecimento de doenças” (CAMPOLIN, 2007, p.01).

Diante das constantes reivindicações das comunidades pantaneiras junto aos órgãos públicos de Corumbá, nas questões sobre saúde a prefeitura criou o programa Povo das Águas. Este programa atende as comunidades inseridas nessas áreas de difícil acesso dentro do Pantanal, durante o período do atendimento são realizadas ações médicas, odontológicas, sociais, assistenciais e várias atividades educativas realizadas com crianças e adultos.

Nos anos 90 quando a CPT iniciou o trabalho de orientação e organização das comunidades houve a necessidade de orientação das famílias nas questões de saúde,

manejo, coleta e a preparação de remédios caseiros com ervas medicinais existentes na natureza, com as plantas cultivadas nos quintais das moradias e as inseridas posteriormente para cura de males do corpo, com técnicas de cultivo e plantio. A autonomia no tratamento de males com remédios caseiros veio agregar o conhecimento junto à sabedoria popular das comunidades.

Os remédios utilizados pelas pessoas das comunidades a maioria são coletados na própria natureza, cascas, raízes, folhas e seivas são coletadas e guardadas para serem utilizadas assim que necessária essa é uma prática utilizada devido a distância e as condições de locomoção até a cidade em busca de tratamento para a doença.

Dentre as ervas medicinais cultivadas no quintal ou coletadas no mato as mais usadas são, seiva do jatobá, casca do ipê, folha de chapéu de couro (esse devido à seca dos corixos quase não é encontrado), João da costa, alecrim do campo entre outros. Das ervas plantadas no quintal estão o alecrim, babosa, cravo de defunto, boldo, hortelã, arruda e outros. Esses remédios são preparados por chás ou infusões e oferecido a pessoas que estão com algum problema de saúde que pode ser combatido com essas ervas.

Dentro dessa dinâmica enquanto houver saúde “podemos ficar”. Dentro do pantanal a sobrevivência exige mais que gostar do lugar é preciso saber respeitar a natureza e os limites que ela oferece.

O lugar traz em seu isolamento territorial momentos que privilegiam os moradores como poupando os dos males que possam ser adquiridos.

Quando uma pessoa da comunidade necessita de atendimento médico de emergência alguém da família procura entrar em contato com as equipes de busca e salvamento como o Corpo de Bombeiro ou a Marinha do Brasil a qual possui uma base militar em Ladário, cidade vizinha de Corumbá, para fazer o transporte do doente.

*“Nós temos que correr Ligar pro corpo de bombeiro vim pegar, de primeiro quando tinha o barco era bom botava o doente no barco e ia embora” (Dina Angélica).*

Essa locomoção sempre acontece por via aérea pelo fato da distância e a necessidade em chegar logo ao socorro. Essas emergências ocorrem com maior frequência quando acontece acidente com animal peçonhento onde a pessoa que é picada por esse animal precisa ser socorrida o mais rápido possível.

É comum nos quintais próximos das casas um espaço onde estão as plantas ornamentais e plantas medicinais, tornando a prática do cuidado e coleta para remédios mais fáceis e rápidos. Trazendo o embelezamento com as flores e folhagens que recebem os cuidados necessários para que permaneçam proporcionando ao ambiente alegria e bem-estar aos integrantes da moradia e aos visitantes.

Nesta figura, à frente da casa de Dona Rosa Mirian Rocha Medina na Colônia São Domingos, tem várias espécies de flores ornamentando a entrada do quintal da moradia.

**Figura 16:** Jardim de dona Rosa Miriam - Colônia São Domingos



Fonte: Autora (2021)

### **3. 3 - Moradia: Local de troca de saberes e espaço de socialização cultural**

Dentro da cultura pantaneira vale descrever parte da história sobre as moradias dessas comunidades aqui citadas. Durante a temporada de idas e vindas as comunidades durante a realização do trabalho junto a CPT e posteriormente com a pesquisa para esse trabalho. Muitos fatos relevantes chamaram a atenção, e aqui vale ressaltar a questão da moradia<sup>20</sup> muito intrigante para os costumes já observados em

---

<sup>20</sup> Moradia - é um termo muito usado na definição de casa. Dentro das Comunidades é comum vermos três casas bem próximas, porém separadas uma das outras, essas casas pertencem à mesma

outros cotidianos, é possível identificar duas ou três casas próximas e separadas uma das outras nas propriedades.

Geralmente as moradias são construídas em locais que facilitem o acesso através do corixo pequeno braço de rio que corre nos terrenos mais baixos. Diante das adversidades de tempo, espaço e cultura, as águas em constantes mudanças ditam as regras de construção de moradias, quando sobem as águas do corixo com as cheias, mudam as moradias para lugares mais altos, (AYALA, 2005) quando baixa as águas retornam, acompanhando o movimento das águas.

**Figura 17:** Casa coberta com folhas de acurí



**Fonte:** Autora (1014)

As moradias são construídas de madeiras de pau-a-pique e cobertas com folhas de bacuri<sup>21</sup> (acurí).

Pode-se observar que a moradia se divide em três tipos de repartições construídas separadas no mesmo quintal. Em uma construção está a cozinha com

---

família, uma parte está localizada a cozinha, outra parte a sala, e em outra parte estão os quartos. Há relatos de moradores que essas casas são construídas separadas por vários motivos. As folhas de acurí é um material que proporciona uma temperatura um pouco agradável, por questões culturais a cozinha pertence à mulher, um visitante nunca pode adentrar na cozinha sem permissão da dona.

<sup>21</sup> O bacuri é um tipo de coqueiro muito comum na região do pantanal, com folhas longas e resistentes. As folhas são trançadas e amarradas com arame para dar maior segurança ao telhado que tem um formato íngreme para facilitar a escoação da água da chuva.

(fogão a lenha, “prateleiras<sup>22</sup>”, pote com água, mesas e “bancos<sup>23</sup>”), em outra o quarto de dormir, geralmente com (a cama do casal e dos filhos) e algum móvel onde (guardam as roupas de todos da família), a varanda outro local construído a parte com madeira e folhas de acurí sem paredes para melhor arejamento do local usado para receber as visitas e realizar as rodas de tereré, café da manhã com quebra torto e as refeições do dia. Esse local também é usado para a confecção de algum tipo de artesanato manual.

A moradia é vista como um espaço de convivência e trocas de saberes, não é simplesmente um espaço para realizar as refeições, abrigar da chuva, sol ou para dormir. Neste local se realizam rodas de conversa, rezas e festas religiosas nas datas comemorativas.

É dentro ou no entorno da moradia que acontece também a realização de trabalhos artesanais como: a fabricação do laço de couro peça muito usada na lida com o gado, cerâmicas com barro, entalhes em madeiras, confecção de canoas e o carro de boi para o transporte, meio de locomoção este bastante utilizado para carregar as tralhas (traias) do porto até as residências, também para carregar a madeira para construção de moradias, cercas e transporte de mudanças.

Um momento bastante interessante também é o anoitecer, as pessoas realizam todas as atividades pertinentes ao horário antes de escurecer, ou seja, os trabalhos externos como manejo ou alimentação de algum animal e também as atividades internas como tomar banho e jantar sempre são realizados antes do escurecer, devido ao perigo dos bichos rasteiros, como, cobras, escorpiões e carrapatos, as pessoas se recolhem logo no início da noite para seus locais de dormir, pois a iluminação usada para se locomover é a lanterna a pilha. Quando a família resolve ficar contando histórias sempre estão alerta com os barulhos, pois a noite sempre tem seus mistérios.

Diante desses fatores é visível a maneira como os moradores lidam com a preservação do conhecimento, uma troca de saberes, uma continuação da cultura da sabedoria dos antepassados. As pessoas idosas sempre estão contando uma história

---

<sup>22</sup> Prateleiras é uma espécie de armário com tábuas horizontais ao longo da parede onde são colocados pratos, copos, panelas e outros tipos de vasilhames.

<sup>23</sup> Bancos, assento feito de tábua com comprimento adequado para mais de uma pessoa sentar-se. Este pode ter encosto ao longo ou não. Também são feitos de madeira roliça e geralmente estão na parte exterior das moradias.

a quem está por perto seja o filho, o neto ou o visitante sempre essas pessoas estão dispostas a contar algo.

As interações entre a pessoa humana e a natureza, assim como as que se realizam entre as pessoas umas com as outras - mediatizadas pela natureza através da cultura - não são somente sociais. Elas são socialmente históricas, e devido a uma dupla razão. Primeira: porque elas se constroem no interior do processo da história. Segunda: porque elas constroem a própria história, que não é outra coisa mais do que o trabalho humano destinado a criar e significar as diferentes dimensões de uma cultura, dentro e através da qual comunidades humanas habitam o “seu mundo” (BRANDÃO, 1985 p. 17).

Ao transcender um mundo dado pela natureza e ao construir, material e simbolicamente um mundo de cultura, o homem se afirma, por sua vez, como criador de suas próprias condições de existência e como sujeito da história (BRANDÃO, 1985).

Os moradores da região do Pantanal possuem dentro da cultura pantaneira um hábito de se alimentar logo pela manhã com alimento que traga sustança ao corpo para que possa estar preparado para seguir com os afazeres, seja na propriedade ou em outro local de trabalho estão preparados para esperar o almoço. O quebra torto<sup>24</sup> Como é denominado geralmente é a primeira refeição do dia, portanto está sempre regada por vários alimentos com quantidade razoável onde todos possam se alimentar para ter sustentação no corpo para realizar as tarefas do dia.

É muito comum em todas as Comunidades essa prática de refeição ao amanhecer e é um dos momentos em que as pessoas aproveitam para combinar algum tipo de atividade que irão realizar ou conversar sobre alguns acontecimentos “as rodas de conversa”.

No Pantanal as pessoas têm hábitos de acordar e sair cedo para a lida<sup>25</sup>, às 4 horas da manhã já está preparado para o dia, ou seja, para qualquer serviço disponível, seja na lida com o gado, na roça no quintal ou em casa ou até mesmo para alguma viagem.

É comum também prepararem a matula para as viagens. Em um tipo de saco denominado pelos pantaneiros de “sapicuá” os alimentos preparados são guardados para serem consumidos quando tiverem fome. Geralmente essa prática é usada

---

<sup>24</sup> Quebra Torto é uma refeição composto por carne seca arroz, farinha, ovos, bolinhos de trigo assado na panela em fogão a lenha, café, sucos e algum tipo de doces comuns, doce de leite, goiaba, coco e o furrundu tipo de doce feito de mamão com melado apurado da cana de açúcar, feito na própria casa.

<sup>25</sup> Lida: É todo tipo de trabalho realizado no dia a dia.

quando vão realizar algum tipo de trabalho longe de casa ou quando vão buscar algum mantimento ou encomenda em algum lugar distante que demanda tempo de espera.

Na figura abaixo o fogão a lenha na casa de Dona Rosa Vieira na comunidade Cedrinho.

**Figura 18:** Fogão a lenha utilizado para cozinhar alimentos



**Fonte:** Autora (2021)

A cozinha em algumas culturas é o espaço de domínio da mulher na família, dificilmente o homem realiza atividades domésticas, mas essa prática nas comunidades do Paiaguás é totalmente desconstruída pela cultura das mulheres pantaneiras. O homem só não insere no espaço da cozinha quando está trabalhando em alguma atividade fora da propriedade como afirma Dona Deolinda "Nesta dificuldade os homens é mais só no batente mesmo não sobra para ele entrar na cozinha".

Para Rosa Miriam essa prática está atrelada às atividades que ambos realizam juntos, assim como ela trabalha na roça com o esposo, ele também trabalha com ela na cozinha e entorno da casa.

*"Ele também trabalha aqui comigo às vezes ele vai eu fico aqui puxando água, você viu não tenho motor não tenho placa eu que puxo água mas quando ele tá aqui eu não faço mais nada disso ele que faz pra mim [se referindo em retirar água do poço manual], na cozinha também a mesma coisa".*

Na cultura pantaneira o visitante precisa pedir permissão à dona<sup>26</sup> para adentrar na cozinha de uma moradia.

Muito comum na região do pantanal o uso do tereré pelos pantaneiros e pantaneiras, bebida típica à base de água e erva mate *ilex paraguayensis*, em muitos lugares a água do tereré fica no pote de barro para conservar sempre fria em um local na sala para que o acesso à mesma seja facilitado para a família e ou, os visitantes.

Devido à região ser de difícil acesso não possuem redes de energia elétrica para poder manter uma geladeira para guardar mantimentos e ter água gelada para beber. Algumas famílias possuem geradores tocados a óleo diesel, esses são ligados somente à noite para que gere energia suficiente na geladeira somente para conservar algum tipo de alimento e outros.

*“Eu gostaria sim de ter uma água fria para mim tomar porque na minha idade já tem que a gente comprar alguma verdura alguma coisa para gente guardar... tem uma geladeirinha velhinha que meu guri pôs aí” (Deolinda).*

Essa condição é seguida por um contentamento por adquirir um objeto que ajude a manter o mínimo de conforto, de poder ter uma água fria ou mesmo guardar um alimento, fato que aos olhos de outros grupos sociais é uma condição comum.

### **3. 4 - A relação entre exploração da natureza e o corpo da mulher pelo capital – Uma reflexão alicerçada nas dimensões do ecofeminismo**

Diante das marcas que a exclusão social tem deixado nas comunidades camponesas tradicionais e comunidades mais vulneráveis em toda sociedade, segue as discussões dentro do contexto de território onde a responsabilidade/protagonismo da mulher acaba sendo maior diante da jornada de trabalho a que se submete para o progresso e desenvolvimento da família, mesclando com o cuidado com filhos, seja ele no âmbito do desenvolvimento físico psicológico, educacional e social.

O modelo capitalista excludente e exploratório não enxerga o trabalho da mulher como fator importante ao desenvolvimento de toda uma sociedade.

El problema de la identificación de qué es y qué no es trabajo se ve exacerbado por el enorme volumen y diversidad del trabajo que realizan las

---

<sup>26</sup> Dona - Refere-se “dona” a senhora “de respeito” que seja mulher casada, pedir permissão para entrar na cozinha da dona é um gesto de respeito e costume cultivado pelos moradores da comunidade.

mujeres. También está relacionado con el hecho de que, si bien las mujeres trabajan para mantener a sus familias y comunidades, la mayor parte de lo que hacen no tiene una contrapartida salarial. Su trabajo también es invisible porque están concentradas fuera del ámbito del trabajo de mercado o remunerado y porque habitualmente realizan una multiplicidad de tareas (MIES; SHIVA, 1998, p.16).

A dedicação da mulher no cuidado com a família entrelaça projetos pessoais com projetos sociais que trazem benefícios para seu crescimento econômico social dando oportunidade para essa hegemonia se firmar perante os meios de sustentação política, que tem se tornado cada vez mais ausente diante das necessidades básicas apresentadas.

As explorações da natureza e a exploração da natureza humana pelo capital têm trazido inúmeras transformações naturais e sociais, como base nesta falta de coerência vê a seca dos rios nascentes e corixos visivelmente sentido no corpo daqueles que estão em contato direto com esse local, principalmente sentido pelas mulheres que depende da água para utilização doméstica e para manejo de cultivos da terra, para tirar dela o sustento.

Dentro das famílias das comunidades da sub-região do Paiaguás é notável a forma e a capacidade de se reinventar diante das dificuldades que o ambiente proporciona a persistência, determinação e resistência em locais territorialmente isolados como acontece nesta região do Pantanal, onde a presença do poder público é bastante precária em alguns momentos omissa e inexistente.

Os moradores convivem com essa condição há décadas e estão sempre buscando alternativas com um olhar criterioso para atender as necessidades que se fazem presentes dentro da comunidade. Especificamente essas tensões são vivenciadas pelas mulheres que estão sempre à frente das questões orgânicas de desenvolvimento da família.

Nesta perspectiva um diálogo com enfoque no envolvimento da família na conservação e preservação do ambiente em que vivem.

La diversidad es el principio que da forma al trabajo y a los conocimientos de las mujeres. Por esto el cálculo patriarcal no las toma en consideración. Sin embargo, a la vez también es la matriz a partir de la cual es posible realizar un cálculo alternativo de la productividad y de las habilidades específicas, que respete la diversidad en lugar de destruirla ( MIES; SHIVA, 1998, p.14).

A destruição do ambiente natural para dar lugar às grandes plantações que as grandes empresas destinam em função do aumento da produção para o capitalismo traz para MIES e SHIVA uma discussão que mostra o contexto atual. Além de o mono

cultivo tirar do trabalhador o espaço de trabalho, acaba por dizimar culturas que vem através de gerações preservando os costumes de guardar as sementes para serem usadas na próxima plantação. Esta prática é principalmente realizada pelas mulheres. *“Las mujeres han sido las guardianas de las semillas desde tiempos inmemoriales y cualquier estrategia encaminada a mejorar las cosechas debería apoyarse en sus conocimientos y habilidades”* (MIES; SHIVA, 1998, p.16).

O compromisso na preservação do lugar da cultura local e dos costumes se misturam às constantes mudanças do meio natural, ou seja, da natureza em destaque a falta de chuva e as queimadas que todos os anos assola a região do Pantanal, os moradores buscam em seu trabalho na terra diante dessas diversidades diversificarem a produção. Em épocas de seca ficam mais confinados aos tratos das criações de gado e pequenos animais que se utilizam das pastagens nativas aos arredores da moradia ou no largo<sup>27</sup>.

Essa prática promove um melhor redimensionamento do movimento e ocupação dos espaços territoriais, onde a família permanece em sincronia no trabalho entre mulheres, homens e crianças. Percebe-se que o único momento somente da mulher nesse ambiente é quando está realizando os cuidados com as crianças pequenas que depende do colo, esses momentos estão vinculados a amamentação no peito e as trocas de fraldas e banho da criança. São estruturas que se firmam com o companheirismo e a cooperação de ambos para um bem viver, em harmonia com a natureza e os costumes.

Com a seca do rio Taquari a exploração pelo capitalismo vem ativando uma outra modalidade, o transporte com carros e caminhonetes.

Diante da falta dos caminhos das águas onde os moradores se utilizavam do transporte fluvial, houve um crescente fluxo de exploração mediada pela visão do lucro pelo capital por parte de terceiro que percebe uma forma de ganho diante da dificuldade que a comunidade passa no momento. Proporcionando e ofertando produtos que antes da seca do rio Taquari não eram percebidos por não haver necessidade, como são o caso da aquisição de veículos para transporte, equipamentos eletrônicos e eletrodomésticos.

---

<sup>27</sup>

“Largo” é o campo de pastagem onde os animais têm um espaço maior para se locomover.

Essa é uma questão que traz muitas reflexões. Que impactos poderia gerar essa prática para a comunidade e seus costumes?

### 3. 5 – O dilema de um povo das águas sem água - A água do poço

*“Meu nome Dina Angélica Moraes<sup>28</sup>, aqui faz tempo que eu moro aqui, eu fui nascida e criada aqui, não sei nem quanto tempo. Eu também nem sei a minha idade, só ele que sabe (referindo ao esposo).*

*Eu ia para a roça trabalhar, vinha de lá só 11 horas para almoçar, almoçava daí descansava um pouquinho e tornava de novo ir pá roça ia até de tardezinha trabalhando. [...] quando tinha água né, pescava, às vezes estava muito quente a gente ia lá tomar banho ia andar de canoa, gostava de andar de canoa”.*

*“[...] ia lá pro rio já lavava roupa trazia estendia todo no arame. Com a seca ficou mais difícil” (Comunidade Limãozinho, 2021).*



É possível perceber que as águas ditam as regras de tempo, espaço e cultura, tudo está agregado às águas que trazem inundações e diversificações de modo de vida e costumes.

Com a destruição da vegetação nativa através das queimadas e a seca dos corixos aumentaram as dificuldades com a falta de água, muitos poços manuais secaram ou diminuíram a água dificultando o manejo com os animais domésticos e diminuindo a produção agrícola.

Nas comunidades era comum o morador cavar buracos no solo com uma profundidade razoável para formar um poço para coleta da água, água essa que eram utilizadas tanto para consumo doméstico como para dar de beber aos animais.

<sup>28</sup>

Dina Angélica Moraes – Comunidade Limãozinho.

As mudanças climáticas trouxeram muitas transformações ao bioma pantaneiro e ao modo de vida das pessoas que dependem deste bioma. Deixando muito desolamento e tristeza, principalmente para a mulher que está sempre à frente do trabalho doméstico e demais atividades na propriedade.

Na figura abaixo é possível observar um desses buracos, local onde as famílias coletavam a água para consumo humano e para dar de beber aos animais.

**Figura 19:** Buraco cavado no solo para coletar água para consumo humano e animal



**Fonte:** Autora (2014)

Essas mudanças provocaram falta de perspectiva às famílias que dependiam do solo úmido para realizar suas plantações e colher o alimento para sustento da família. Diferente de outros pantanais a região do Paiaguás sempre teve suas terras banhadas pelas águas que inundaram várias áreas que estão em locais com poucas elevações mais propícios a inundações, para as famílias que vivem na região essa água em abundância trazia o desenvolvimento de seus trabalhos, pois com a água tinham plantações de laranja, banana, mandioca, abacaxi e outras, plantavam inclusive arroz, feijão e milho, culturas de grande importância para o sustento da família.

Com o projeto Geração de Renda para as comunidades, financiado pela PETROBRAS e executado pela CPT nos anos de 2013 a 2015, vários poços foram melhorados e outros foram cavados para melhorar a oferta de água para as famílias.

Os poços foram revestidos com anel de concreto “manilha” para não desmoronar devido à região ser de solo bastante arenoso.

*“Aqui pra nós o difícil está sendo a água né. Nós não temos o poço artesiano aí tem aquele de manilha. Tem muita pouca água porque se tivesse um poço artesiano, essas gentes que tem o poço artesiano eles molham as plantas né, planta mandioca daí eles molham né esses pé de laranja mesmo eles molham tudinho” (Arcelina Soares Vieira Castelo - Colônia São Domingos).*

A falta de água dentro de uma região considerada área de inundação parece contraditório, mas com o agravamento da seca na região do Pantanal essa situação tem trazido muitas mudanças.

Seu Lino Gomes, morador da Colônia São Domingos, relata que durante o período mais crítico da seca os animais e aves silvestres vinham beber água no quintal da sua residência onde localizava o poço. Ele afirma:

*“Pra falar a verdade aqui dava dó, aí eu colocava água pá porco aqui tem aquela jacutinga, mutum, arancuan e pomba tem até passarinho que eu não sei nem o nome... eu tinha que colocar água lá porque eles atropelavam mesmo o negócio não tinha onde tirar água... a água ficou difícil aí se tirava um balde d’água dois no máximo... dava dó de ver, veado vinha do mato, quati, aquele tamanduá mirim, tudo vinha aí beber água a gente ficava até com dó dele. Único que não encostava aí era o caititu porque o caititu é mais veaco arisco tem medo do cachorro, aí não vinha mais o resto, de noite de lanterna alumiaava aí se enxergava tudo eles de noite, de dia estavam tudo aí” (2021).*

Nesta figura a moradora está baldeando água do poço revestido de manilhas de concreto para consumo humano.

**Figura 20:** Dona Valdiana coletando água do poço - Colônia São Domingos



**Fonte:** Autora (2015)

### 3. 6 - As mudanças na natureza provocando diversidade no trabalho e renda ameaçando a subsistência dos quintais produtivos

*“Meu nome é Lino Gomes<sup>29</sup>, nunca saí daqui, aqui meu pai comprou aqui, eu tô meio assim lembrado na cabeça eu era guri mais lembro ele comprou aqui em 1972 parece, acho que já está chegando 50 anos que ele comprou aqui, aí ficou, nós assumimos só eu meu irmão tá fazendo quase 45 anos que mora aqui. Eu vim de lá do São Lourenço, eu era gurizinho e andava por aí trabalhando pelas fazendas [...] era tudo rapaziada assim solteiro. Acabou que meus irmãos não aguentaram ficar, aí meu pai faleceu foi embora todo mundo ficou só minha mãe, aí ficou só eu cuidando da minha mãe fiquei até o fim da vida dela e tô até hoje aqui aí tô lutando. Aqui nós não tá plantando e mais nada, não tem condição de plantar não sei de agora por diante.*



*Agora tem que sair mesmo para trabalhar eu não tenho aposentadoria, não tenho nenhum tipo de benefícios, só ela<sup>30</sup> que tem benefício da bolsa família mais recebe pouco só 250 e quase nada né” (colônia São Domingos, 2021).*

Nos últimos anos o Pantanal tem sofrido drásticas mudanças em seu cenário diante da forte seca que atinge a região havendo um aumento significativo ao número de áreas que foram devastadas pelas queimadas, destruindo grande parte da fauna e flora da região.

Em decorrência da mudança na natureza, as famílias que vivem nessa região do Paiaguás no Pantanal tiveram que reinventar um novo modo de vida diante da

<sup>29</sup> Lino Gomes e sua esposa Abigail Gomes – Comunidade Colônia São Domingos.

<sup>30</sup> Aqui seu Lino Gomes se refere a sua esposa Abigail, somente ela recebe o benefício da bolsa família, com as mudanças climáticas a produção agrícola se tornou inviável fazendo essas pessoas reinventar um novo jeito de lidar com as adversidades do lugar e ter renda para sustentar a família.

variação do tempo. Com a seca e as queimadas diminuíram a quantidade de animais silvestres, aves, répteis e insetos que habitavam a região.

O Pantanal possui uma riquíssima diversidade em sua fauna e flora. Diante das queimadas que assolaram o Pantanal nos últimos tempos, várias espécies sumiram e os que conseguiram fugir das queimadas se aproximaram das residências procurando água, como afirma seu Lino Gomes morador da Colônia São Domingos (2021).

*“Os pássaros pra falar a verdade aqui dava dó, aí eu colocava água pá porco aqui tem aquela jacutinga, mutum, arancuan, é pomba tem até passarinho que eu não sei nem o nome, é esse bicho anta agora com a chuva afastaram se estivesse seco a se ia ver hora dessas era hora eu tinha que colocar água lá porque eles atropelavam mesmo o negócio não tinha onde tirar água aí ficava até bonito, daí a água ficou difícil aí se tirava um balde d’água dois no máximo colocava lá fazia um buraquinho assim colocava as água lá aí os cachorro de vez em quando queria correr tinha que tocar eles pra não escramuçar os bichos porque dava dó de ver”.*

Seu Lino afirma ainda que mesmo com toda dificuldade com água para consumo da família ele dividia o pouco que conseguia retirar de seu poço manual, com as aves e animais selvagens além dos animais domésticos.

*“[...] veado vinha do mato, quati, aquele tamanduá mirim, tudo vinha aí beber água a gente ficava até com dó dele. Único que não encostava aí era o caititu porque o caititu é mais veaco arisco tem medo do cachorro, aí não vinha, mais o resto, de noite de lanterna alumiaava aí se enxergava tudo eles de noite, de dia estava tudo aí, de noite eles vinham mais, de dia eles ficavam andando lá por perto da cerca iam lá vinham dava dó de ver ele com sede, coitado, mais com sede, aí vinham beber água. Tinha quatizinho chegava caindo de sede, baixava nesse buraquinho d’água quando era no outro dia não tinha nem um pingo d’água” (Colônia São Domingos, 2021).*

Na comunidade do Corixão dona Aracilda afirma que até animais de maior porte como a onça tem se aproximado da residência dela a procura de água. *“aqui já apareceu onça pra beber água, todo tipo de bicho vem beber água”.*

Com a falta da água acabou a navegação, os peixes, os jacarés, as aves, diminuiu a fonte de renda que trazia um pouco mais de segurança às famílias. Fato este percebido por seu Lino (Colônia São Domingos, 2021):

*“Vou lá no rio pescar, gente ia lá pescava piranha, agora eu quero ver, não pega nem nada, não tem nada, rio seco nem existe mais só o sinal né”.*

Seu Lino afirma ainda que quando tinha água ele trabalhava com sua carroça e cavalo fazendo frete carregando as encomendas que vinha com as lanchas que trafegavam no rio buscando e levando encomendas dos moradores da comunidade até o porto.

*“Eu ia no porto com essa carroça, eu fiz frete, eu ganhei dinheiro com essa carroça”.*

Diante deste cenário proporcionado pela falta de água até mesmo os animais domésticos como o porco criado solto no quintal da moradia, acaba indo embora acompanhando a movimentação da água, conforme vai secando ele vai indo percorrendo o espaço territorial a procura de onde tem água para beber e se refrescar no barro, devido ao calor excessivo.

Muitos desses animais acabam alongando<sup>31</sup> no mato devido percorrer distância muito longa a procura de água. É comum em locais onde formam poças d'água os porcos ficam deitados dentro do barro, como vemos na figura abaixo.

**Figura 21:** Porcos se refrescando nas poças d'água



**Fonte:** Autora (2021)

Os porcos na época das águas ficam todos próximos das casas, mas quando essas águas se vão com a seca os porcos seguem o afastamento das águas ficando inclusive alongados.

---

<sup>31</sup> Alongando – Os porcos criados soltos no quintal se alongam vão embora a procura de água e não voltam mais devido à seca dos locais com água que eles se utilizam para se refrescar no período de calor.

*“O porco, ele anda muito... aqui tem esse varjão com água aí... ele vai secando os porcos vão indo embora” (Lino Gomes).*

O Pantanal possui em seu bioma características bem marcantes da vegetação de cerrado. Os campos com árvores de pequeno e médio porte abrigam inúmeras variedades de plantas e animais que estão ameaçados pelas queimadas.

Para Antônio Candido (2010), a queima de vegetação rasteira, ainda hoje praticada como regra entre nós, mostra, todavia, que a cinza resultante é buscada como fertilizador, embora em longo prazo o resultado seja mau, acarretando a degradação inevitável do solo.

*“Aqui de dois anos ficou difícil por que estava seco né ficou difícil as roças as plantações da gente não deu mais pra plantar, estava seco aqui, quando tinha água o Taquari passava por perto pra gente, a água era fácil” (Aracilda Souza de Arruda – Comunidade Corixão, 2021).*

Na figura abaixo um campo de pastagem nativa devastada pelas queimadas na região do Paiaguás.

**Figura 22:** Paisagem devastada pelo fogo



**Fonte:** Autora (2021)

As queimadas no Pantanal atingiram grandes áreas causando inúmeras destruições, *“queimou tudo aqui... acabou o pasto”* (Arcelina). Seja por queimadas controladas ou acidentalmente tem trazido grandes prejuízos ao meio ambiente e as

populações que vivem nas comunidades das regiões do pantanal destruindo plantas medicinais, pássaros e animais selvagens, causando um desequilíbrio visivelmente irreparável.

*“Aqui não era assim era bonito agora secou, os matos também secaram acabou, aqui era um acorizal bonito acabou, morreu tudo os acurí” (Dina Angélica Moraes - Comunidade Limãozinho, 2021).*

A seca do rio Taquari na região interferiu no modo de vida das famílias dos animais e de todo ecossistema da região.

*“Quando tinha água né, pescava, às vezes estava muito quente a gente ia lá tomar banho ia andar de canoa gostava de andar de canoa” (Dina Angélica).*

**Os quintais.**<sup>32</sup> Nas comunidades da região do Paiaguás os quintais constituem o entorno da residência, geralmente se encontram neles grande densidade de plantações. Nesses locais são cultivadas várias espécies de plantas frutíferas como: laranja, goiaba, coco, manga, caju e outros. Também nesse espaço se encontram criações de galinhas, porcos e outros animais domésticos como (cachorros e gatos) que dividem o espaço com a criação de carneiros, cavalos e gado. As galinhas são criadas soltas com alimentação de milho que é jogado no chão limpo para comerem à vontade. Os porcos são criados soltos se alimentando de restos de comidas e pastagens nativas, esses se misturam com o gado e animais silvestres como veados, capivaras, jacarés e outros que transitam pela região.

Nos quintais eventualmente são cultivadas plantações de hortaliças, geralmente algumas famílias plantam cheiro verde cebolinhas, salsa e coentro em pequenos recipientes que não estão sendo utilizados para outros fins, também plantam em pequena escala couve, alface para consumo da família.

Quase sempre quem cuida do quintal é a mulher quando se trata do entorno da casa onde está o jardim. Ela assume a organização, limpeza do local, ornamentação e trato dos animais, além do trabalho doméstico e da roça.

---

<sup>32</sup> Para Reis (2015), [...] definir um espaço físico da casa como sendo quintal não é tarefa muito fácil, visto que etimologicamente, a palavra deriva de “quinta” que em Portugal, era definida como casa de campo ou fazenda na qual o dono deveria pagar o equivalente à quinta parte do rendimento obtido com a produção.

*“É eu cozinho eu planto eu limpo quintal também eu tenho minha hortinha tenho criação... galinha né” (Clarislene Silva Soares – Comunidade Cedrinho).*

Mas essa atividade do cuidado com o quintal da moradia é realizada, algumas vezes, pelos homens que dividem o tempo com várias atividades: *“ele rastilha o terreiro”, “eu cozinho lavo vasilha”* afirma dona Dina Angélica Moraes- comunidade Limãozinho. Pode-se observar que o quintal aqui é percebido como parte da moradia. Já a roça é percebida como o espaço onde se planta o arroz, feijão ou milho, ou seja, as culturas que ocupam um espaço maior de terra. O trabalho da roça é realizado tanto pela mulher como pelo homem quando esses não estão na lida campeando o gado nas fazendas em comitivas. Ainda para dona Dina Angélica.

*“Eu ia para a roça trabalhar, vinha de lá só 11 horas fazer comida, almoçava daí descansava um pouquinho e tornava de novo ir pá roça ia até de tardezinha trabalhando”.*

Para essas mulheres a roça exige maior tempo e dedicação da família. Quando questionada sobre o trabalho da mulher na roça e na casa Rosa Miriam enfatiza:

*“ah com certeza faz o serviço dos dois, porque em casa quando estou lá cansada, ele me ajuda a varrer o quintal, pega água né”.*

O quintal não se compreende somente na área limpa em torno da moradia, mas é vista como o espaço onde estão pequenas parcelas de plantações e horta.

*“Horta tem que pôr tela com arame né porque tem que ser só cercado por causa de bicho né passarinho porco né a gente tem que ter a horta perto da casa para molhar né” (Divina Maria Santana de Souza – Comunidade Cedrinho, 2021).*

Compreende-se que as culturas de frutíferas - assim como culturas de mandioca, banana, milho, abóbora - melancia e abacaxi são culturas presentes no quintal, que também estão presentes nos locais onde é denominada roça onde se plantam a cultura do arroz e feijão.

Muito comum também dentro dos quintais, a presença de plantações de cana para produção de rapaduras para consumo e comercialização como forma de agregar

renda para a família, como pode ser observado nesta figura o caldo de cana sendo processado e apurado no fogão a lenha<sup>33</sup> para se transformar em rapadura.

**Figura 23:** Fogão a lenha apurando caldo de cana para transformar em rapadura - Colônia São Domingos (Casa do seu Ney e dona Jorvania)



**Fonte:** Autora (2014)

Como pode observar, o cultivo de várias espécies no mesmo espaço de terra é uma prática comum dessas famílias. Em comunidades rurais no estado do Paraná no sul do Brasil, esse sistema chamado de “quintal produtivo” vem sendo realizado há décadas pelas famílias e é visto como fonte de diversificação de produtos para o consumo e conservação das sementes e espécies. Na medida em que estas famílias refletem sua prática, percebem-na como uma estratégia contra um sistema excludente de subsistência, uma alternativa à monocultura, que visa somente o capital das grandes empresas do agronegócio.

[...] essas comunidades têm uma relação profunda com a natureza; os seus modos de vida estão diretamente ligados à dinâmica dos ciclos naturais; e suas práticas produtivas, e o uso dos recursos naturais, são de base familiar, comunitária ou coletiva. Esses grupos possuem extraordinária gama de saberes sobre os ecossistemas, a biodiversidade e os recursos naturais como um todo. Esse acervo de conhecimento está materializado no conjunto de

<sup>33</sup>

Fogão a lenha usado para o preparo do caldo de cana para transformar em rapadura.

técnicas e sistemas de uso e manejo dos recursos naturais, adaptado às condições do ambiente em que vivem (Caldart 2012, pg 598).

O sistema de Quintal Produtivo foi apresentado para as famílias do Paiaguás através do Projeto Geração de Renda para as comunidades do Pantanal. Para algumas famílias essa prática de trabalho provocou certa estranheza, mas também uma curiosidade relevante uma vez que já existiam muitas variedades plantadas no quintal das residências. Quando a CPT levou a ideia de implantação do quintal produtivo nas comunidades algumas famílias não compreendiam o sistema como seria. Como afirma seu Lino Gomes:

*“Quando vocês falaram para nós fazer o quintal produtivo a turma aqui várias não entendia o que era quintal produtivo, eu já sabia por que nós já tinha isso aqui, eu tinha aqui era bom se a gente tivesse uma foto mas não tem, mas, todo mundo aí é prova. Aqui se podia plantava 30 ou 40 pé de laranja que você tirava 30 mil 20 mil de laranja esse meu pai tirava aqui nesse lugar que eu moro aqui meu pai morava bem ali eu morava lá a gente podia colher laranja e agora banana, banana não tinha nem o que vender não tinha quantidade e mandioca”.*

Após várias reuniões com a equipe da CPT, as famílias se destinaram a aceitar fazer parte desse trabalho diferenciado. Pois o modo como lidavam com a terra na concepção deles, não havia necessidade de mudanças para melhor conservação e preservação, uma vez que a maioria tem se consolidado na lida com a exploração da pecuária nas pastagens nativas que se formam ao longo do tempo no Pantanal, se utilizando das áreas menores próximas das moradias para o cultivo de culturas de subsistência.

Esse território, pelas suas características de vegetação e regime de águas, se revela ainda como limite para o avanço da produção intensiva e extensiva do agronegócio, ou seja, o bioma Pantaneiro ainda resiste a ser transformado em um espaço racionalizado da lavoura ou pecuária extensiva. Resiste a ser regida por uma lógica do agronegócio, uma lógica patriarcal.

Por isso o quintal é um pequeno território ainda caracterizado pela presença de uma economia doméstica e de um modo de ser camponês com suas especificidades em relação com seu espaço imediato. Chamado aqui de “quintal”, é espaço que, pela sua rusticidade e isolamento, dá lugar para a uma lógica marcada por uma temporalidade lenta, sensível à sazonalidade da natureza (regime das águas), marcada pelas relações de afetos, pelo cuidado e interação com a fauna e a flora.

Concordamos com Caldart que afirma que:

[...] outra característica marcante desses grupos é uma forte relação com o território e com o sentido de territorialidade. Essas comunidades normalmente têm longa história de ocupação territorial sobre os espaços em que vivem, sendo comum várias gerações ocuparem a mesma área. Essa história de ocupação se expressa numa relação de ancestralidade, memória e sentido de pertencimento em relação a certas áreas e lugares específicos. O território tem, para esses grupos, importância material (base de reprodução e fonte de recursos) e forte valor simbólico e afetivo (referência para a construção dos modos de vida e das identidades dessas comunidades). (2012, p. 598)

No trabalho fotográfico, paralelo às entrevistas, percebemos nesses quintais um curioso reaproveitamento e ressignificação de objetos domésticos velhos (tais como máquinas de costura velhas, vitrolas e recipientes vários, até mesmo canoas) e de produção, agora convertidos em adereços, vasos de flores ou mesmo bebedouros dos animais.

Esses objetos ao sabor do tempo podem servir de um viés de interpretação dos quintais. Longe de ser um descarte de coisas, vimos na disposição e mesmo decomposição destes objetos nos quintais a reelaboração da cultura de consumo e das coisas que se supõe perenes, agora integradas de forma curiosa à terra e à lógica ribeirinha de transformar as coisas e dar-lhes um novo sentido de pertencimento.

Como pode ser observado na figura abaixo uma máquina de costura uma bateria de automóvel e uma caixa de carregar mercadorias em supermercados servindo como suporte para vasos de plantas, vasos esses de objetos como caixa de isopor e panelas velhas, no quintal da moradia de dona Rosa Miriam na Colônia São Domingos.

**Figura 24:** Objetos usados para suporte de vasos de plantas- Quintal de Rosa Miriam Rocha Medina - Colônia São Domingos



**Fonte:** Autora (2021)

No quintal de dona Aracilda Souza de Arruda na Comunidade do Corixão observa-se um barco servindo como bebedouro para os animais.

**Figura 25:** Barco servindo de bebedouro para animais



**Fonte:** Autora (2021)

Nesta figura vemos uma gamela feita de madeira no quintal de dona Suellen Oliveira Batista na comunidade Cedrinho, sendo utilizada para alimentar pequenos animais.

**Figura 26:** Gamela feito de madeira



**Fonte:** Autora (2021)

Todos esses objetos ressignificados pelas mulheres e homens pantaneiros nos fazem lembrar o poeta Manoel de Barros que nos traz em seu Poema a “A Carreta pantaneira” (Barros, 2003 p. 33-34).

### *A CARRETA PANTANEIRA*

*As coisas que acontecem aqui, acontecem paradas. Acontecem porque não foram movidas. Ou então, melhor dizendo: desacontecem.*

*Dez anos de seca tivemos. Só trator navegando, de estadão, pelos campos.*

*Encostou-se a carreta de bois debaixo de um pé de pau.*

*Cordas, brochas, tiradeiras, - com as chuvas, melaram.*

*Dos canzís, por preguiça alguns faziam cabos de reio.*

*Outros usavam para desemendar cachorro. Os bois, desprezados, iam engordando nos pastos. Até que os donos, não resistindo tanta gordura, os mandavam pro açougue. Fazendeiro houve, aquele um, que havendo de passear pela Europa, enviou bilhete ao gerente: “Venda carreta, bois do carro, cangas de boi”.*

*À sombra do pé de pau a carreta se entupia de cupim. A mesa, coberta de folha e limos, se desmanchava, apodrecente. Chegaram a tirar mel na cambota de uma. Cozinheiros de comitiva, acampados debaixo da carreta, chegavam de usar o cabeçalho para tirar gravetos. Enchia-se o rodado de pequenas larvas, que alí se reproduziam, quentes. Debaixo da carreta, no chão fresco, os buracos na areia, para onde os cachorros e os perus velhos corriam fugindo do sol. E a carreta ia se enterrando no chão, se desmanchando, desaparecendo.*

*Isso fez que o rapaz, vindo de fora pescar, relembresse a teoria do pantanal estático. Falava que no pantanal as coisas não acontecem através de movimentos, mas sim do não-movimento.*

*A carreta pois para ele desaconteceu apenas. Como haver uma cobra troncha.*

Nessa dinâmica das pré coisas, como descreve BARROS, se misturam as coisas que se movimentam dentro do quintal. Coisas virando terra, e se misturando às águas.

Sobretudo, o quintal, por ser uma extensão da casa, é o lugar onde se espacializa um modo de ser, característico pela aplicação imediata de cultivos e cuidados com animais, refletindo saberes, valores e costumes, razão por que também é chamado em alguns estudos de “etnoquintal”. Na perspectiva ecofeminista temos aí um espaço marcado pelas relações com a natureza, pelas contradições nas relações de gênero, um espaço construído, mas que também constrói. Constrói o ser mulher no cotidiano.

As comunidades instaladas ao longo do rio Taquari foram adentrando as áreas seguindo os corixos que servia de escoadouro para os produtos que eram adquiridos das culturas cultivadas na época, ou seja, a banana e a laranja porém, com o passar dos anos, a atividade agrícola que perdurou foi o cultivo de culturas de subsistência e a criação de pequenos animais, atividades essas exploradas em grande parte pelas mulheres que em razão do trabalho da maioria dos homens estarem voltados para lida do gado com as comitivas que vão com os rebanhos de uma fazenda a outra, muitas vezes deixando a mulher sozinha cuidando do roçado e dos filhos por longos dias.

A pecuária dentro dos sítios vem em uma escala menor como um suporte a situação econômica da família tanto para consumo como para comercialização dos bovinos.

Durante a realização do Projeto Geração de Renda desenvolvida pela CPT, diante da perspectiva e necessidade de implantação de um sistema de conservação agroecológico para melhor proteção da natureza, foram apresentadas as famílias junto com o sistema de quintal produtivo o Sistema Agroflorestal, para que as famílias pudessem reorganizar a prática do cultivo de variedades de frutas tais como, maracujá, banana, limão, laranja, goiaba, abacaxi, melancia e as cultivares como, milho, mandioca, abóbora, cana de açúcar, batata doce, feijão de corda e outros para incrementar a alimentação e consumo da família e comercialização do excedente.

Diante da necessidade em melhorar a oferta de alimentos a mesa foi realizado um trabalho baseado na agroecologia com práticas de preservação e conservação. Dentro deste sistema Agroflorestal nada se perde, os restos de madeiras, como galhos folhas, restos de frutas, palhadas que são deixados na terra após colheita,

principalmente de milho, feijão banana e outros, se decompõem e transformam em matéria orgânica sendo usados na adubação e incorporação na mesma. Esse tipo de manejo também pode ajudar a controlar pragas e insetos que são eliminadas na decomposição desses restos orgânicos.

No momento da implantação do sistema agroflorestal as famílias se dispuseram a realizar o trabalho em mutirão. Foi demarcado e cercado uma área com arame farpado para as criações como o gado e os cavalos não entrarem nas plantações. Também nesta ocasião foram construídos viveiros para propagação de mudas para serem distribuídas às famílias.

Foram plantadas sementes de caju, goiaba, mamão laranja, coco e outras. O morador do local onde foi construído o viveiro ficou responsável pelo cuidado com as mudas, ou seja, regar e observar se houvesse ataque de pragas. Essas mudas após um período de crescimento foram doadas para as famílias para melhorar cada quintal construído. No intuito de, com essas cultivares, ter matéria prima para confecção de doces para comercialização.

Na ocasião do projeto também foram construídos poços manuais revestidos com anéis de concreto no intuito de melhorar as condições e aumentar a oferta de água para consumo humano, animais e para irrigação das plantas do quintal. Devido às dificuldades com a água, todas as famílias de todas as Comunidades receberam através do projeto material para construção do poço manual.

Diante da variação do tempo com a escassez das chuvas, as plantações de culturas de subsistência diminuíram, como afirma Dona Rosa Miriam.

*“No começo a gente plantava arroz milho aqui já deu arroz que perdeu ali na roça. Cheguei de plantar muito aqui, abacaxi, feijão. Por exemplo, feijão mesmo já chegou de colher, àquela época que era boa mesmo, colhi seis bolsas sem a chuva. Sabe como? só como fala assim o sereno né, o sereno, até isso hoje em dia presta atenção muito pouco sereno tem serenado né, se amanhece de manhã você pisa na grama tá molhado né, hoje em dia quase não se vê mais isso também né”.*

De acordo com a cultura enraizada nas comunidades, diante das modificações da natureza o trabalho no campo e especificamente na agricultura vem sofrendo impactos que através dos tempos forçam as pessoas se dedicarem com um certo cuidado e observação aos movimentos da natureza como as cheias fora do tempo comum, a seca prolongada, as queimadas sem controles, sinais que são cuidadosamente analisados pelas pessoas de mais idade e dialogado com os mais jovens.

Buscando um desenvolvimento sustentável para as famílias Rosa Miriam afirma que é preciso ter *“atenção como a natureza tem mudado bastante”*.

Existem famílias que ainda praticam a coleta de frutas e sementes nativas, se utilizam da pesca e da caça e trabalham com culturas de subsistência, (Curado, 2004) atividades essas que foram herdadas dos povos indígenas.

Com a falta das chuvas a seca do rio taquari na região e as queimadas houve um impacto expressivo nessas práticas que eram utilizadas por essas mulheres, homens e crianças que se utilizavam desses recursos para se manterem em seu ambiente natural.

*“Aquele tempo era tão bom, minha nossa senhora, era um prazer da gente ir ali a gente tinha uma planta a gente colhia o milho a mandioca, mas esse daí é porque faltou a chuva né ficou muito tempo sem chover” (Deolinda).*

Na comunidade as famílias tiveram que reinventar diversas atividades rentáveis diante da dificuldade com as mudanças na natureza, à falta de produção fez as pessoas se aproximarem mais com ajudas mútuas em preparação de derivados para consumo e comercialização. Assim nos relata dona Deolinda que busca junto à vizinha ajuda para dar ponto em sabão caseiro, doces de frutas da época e outros que são confeccionados na casa, a boa relação que existe entre os vizinhos se consolida no momento em que um precisa do outro.

*“Eu vou precisar dona Rosa ali me ajuda a fazer um sabão, ela tá pronta pra vir, se ela me chama: Dona Deolinda dá pra senhora vir tirar ponto de uma rapadura aqui de um doce, aí eu tô lá, e assim a gente vai”.*

A renda desde o excedente: Estas camponesas, trabalhadoras rurais pantaneiras possuem a terra como meio produtivo na obtenção de recursos para suprir suas necessidades básicas e de sua família, fazem uso moderado dos recursos naturais para que haja um equilíbrio entre o ser humano e a natureza. Ao contrário do trabalhador que visa a exploração dos recursos naturais para aquecer as máquinas do agronegócio e as indústrias.

A aplicação dessa visão mecanicista e reducionista aos sistemas naturais e especialmente à agricultura, apesar de proporcionarem extraordinários ganhos de produtividade, redução de preços e superávits na produção de alimentos, produziram efeitos negativos, tais como degradação do solo,

desperdício e uso exagerado de água, poluição do ambiente, dependência de insumos externos e perda da diversidade genética (FEIDEN, 2005, p.51).

Para Rosa Miriam que trabalha a terra em busca do sustento plantando culturas de subsistência, relata:

*“Hoje em dia você vê os preços das coisas como que tá né principalmente o arroz nós plantamos para nós mesmo em casa comer e a banana que a gente vai vender né, procurar pessoa lá na cidade que compra e daí também a gente tira um dinheirinho para outras coisas né pra um óleo, sabão, para as outras coisas que a gente ocupa na casa.*

Esta prática de cultivo está voltada à produção para o consumo e a venda do excedente para que possa adquirir outros produtos que não conseguem retirar da terra.

*“Aqui por causa da chuva né a chuva esses anos para cá diminuiu muito né. perdi meus abacaxis, perdi rama, perdi feijão, nunca ficou esse chão como tá agora” (Rosa Miriam).*

Diante das mudanças climáticas na natureza, estas trabalhadoras e trabalhadores tiveram que procurar outros meios para continuar produzindo seu alimento, buscando em outras regiões áreas onde ainda é possível cultivar.

Ainda para dona Rosa Miriam ir à busca do trabalho implica até mesmo procurar nas fazendas próximas um lugar para plantar.

*“Lá é uma terra que era dessa Fazenda Santa Terezinha, aí eles também não ocupam mais com gado aí eles deixam plantar né, espécie um arrendamento, aí a gente sair de lá deixa o pasto plantado pro gado deles”.*

Embasado na cultura patriarcal, ainda é comum o trabalho realizado dentro dos sítios serem tarefa masculina, mas essa concepção tem tomado rumos diferentes, a maior parte das tarefas do campo está sendo realizado pelas mulheres, que dividem o tempo no cuidado com os filhos e os afazeres domésticos. Fato constatado pelas vezes que estive realizando visitas às famílias durante o desenvolvimento do Projeto. Cabe à mulher organizar grande parte das tarefas da produção bem como o que vai comercializar e o quanto vai comercializar.

Nesse sentido, se o patriarcalismo se atualiza e se perpetua nas novas formas de exploração que o capitalismo assume, parece que as comunidades pantaneiras, por estarem menos sujeitos às velocidades que essas transformações assumem no

ambiente urbano ou ambiente hegemônico pelo agronegócio, se constituem em um espaço onde as relações de gênero se desenham de forma diferenciada, abrindo espaços de protagonismo específicos.

Parece que na tensão entre o trabalho no quintal, que gera “miudeza” de forma constante e diversa (típica da cultura de subsistência e de excedentes) e a pressão de transformar o espaço em pastagem para produção intensiva, na lógica do mercado, é que se articula a conflitividade de gênero. Uma conflitividade que abre brechas para um protagonismo feminino, também na medida em que o meio ambiente se altera exigindo das famílias a busca de alternativas.

O trabalho desenvolvido dentro de um sistema de quintal produtivo fez essas trabalhadoras pantaneiras tradicionais repensar, reviver e buscar na história de seus antepassados baseados na cultura indígena que já se utilizavam dessas práticas, de preservação e multiplicação das espécies de sementes nativas e cultivadas.

Nos relatos das mulheres e homens das comunidades foi possível perceber que a maioria vive baseada no regime de economia doméstica.

*“aqui nós vivia mais de vender mandioca. Mandioca plantava muita mandioca, milho, abóbora plantava muita cana fazia muita rapadura né vendia rapadura” (Arcelina soares vieira castelo, Colônia São Domingos).*

Para ALTIERI (2012) a produtividade e sustentabilidade de tal agro ecossistemas podem ser otimizadas com métodos agroecológicos e, desta maneira, podem formar a base da soberania alimentar, definida como o direito de cada nação ou região manter e desenvolver sua capacidade de produzir colheitas de alimentos básicos com a diversidade de cultivos correspondente. Mas com as mudanças climáticas *“de uns tempos pra cá tá parado, mas é lavoura, planta milho mandioca, banana, mas agora com essa seca geada que bateu acabou tudo” (Arcelina Soares Vieira Castelo - Colônia São Domingos).*

Na divisão de tarefas a participação da mulher é mais intensa seu tempo se desdobra entre o cuidado com os roçados com a horta, o cuidado com as criações de pequeno porte, os afazeres domésticos e os filhos. Tarefas que na perspectiva patriarcal são definidas como trabalhos da mulher.

Contudo, com as crises e contradições do agronegócio nos últimos tempos, essa prática feminina, enraizada no patriarcado, é ressignificada como resistência, graças às habilidades das mulheres em gerenciar de forma organizada e satisfatória

a economia dentro de sua propriedade. É possível perceber que dentro do trabalho realizado por mulheres e homens nas propriedades nas comunidades do Paiaguás existe um companheirismo entre ambos que torna o trabalho satisfatório, prevendo não apenas o ganho com a produção, mas uma satisfação pessoal mútua e uma interação com a natureza.

*“Eu trabalho na enxada porque eu gosto” (ênfatiza Rosa Miriam) “a gente trabalha igual quando eu saio ele fica vigiando quando ele sai eu fico”.*

Geralmente os roçados são próximos das casas onde toda a família possa contribuir na manutenção dele, a roça como é denominado pelas pantaneiras são os locais onde são plantados todos os tipos de culturas como, arroz, feijão, milho, mandioca, batata doce, cana de açúcar e outros. Esses são próximos das moradias também para prevenção do ataque dos animais silvestres às plantações.

O trabalho no campo dentro das comunidades do Pantanal é realizado por todos os integrantes das famílias, até mesmo as crianças quando não estão em atividades escolares estão acompanhando os pais contribuindo nas tarefas diárias.

*“Eu tô falando pra você isso aí é de geração né, meus avós eram assim meus pais também foram criados assim” (Rosa Miriam Rocha Medina, Colônia São Domingos).*

Para essas famílias esses fatos são como uma afirmação cultural, uma satisfação em fazer parte deste ambiente mesmo diante das dificuldades expressas pelo dimensionamento territorial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As gentes deste lugar são uma continuação das águas” (Manoel de Barros)

Manoel de Barros, no seu “Livro de pré coisas” (2003), rejeita tudo que é definitivo. Inspirado nos fluxos das águas e das transformações da paisagem pantaneira, o poeta aponta que as coisas estão num constante fazer-se, desfazer-se, refazer-se. Gentes, bichos, corixos, quintais transformam-se em “descoisas”. Também as relações sociais estão os sabores desta “des-paisagem” constante, surpreendendo as pesquisas sobre questões supostamente estabelecidas e respostas supostamente definidas. Pensar gênero no Paiaguás Pantanal obedece a essa perspectiva. Para Barros é impossível desvincular as gentes dos fluxos da natureza pantaneira.

A região do Paiaguás, localizado entre as sete sub-regiões do Pantanal de Mato Grosso do Sul, tem seu território banhado pelas águas da Bacia do rio Taquari. Entre as várias fazendas de criação de gado da região estão localizadas seis comunidades tradicionais, Corixão, Cedrinho, Cedro, Limãozinho, Colônia São Domingos e Colônia Bracinho que abriga um total de 175 famílias que residem no local a mais de 80 anos, seguindo com modo próprio de cada comunidade a cultura tradicional de seus antepassados.

É uma região que traz em seu aspecto territorial geográfico interferências provocadas por ações do assoreamento do alto rio Taquari que traz em seu leito sedimentos que são depositados nas áreas mais baixas quando ocorrem os arrombamentos e vazantes em seu percurso. Ações provocadas pelo cultivo de grandes áreas nas proximidades do seu leito na região norte do Estado.

Sabe-se que as comunidades do Paiaguás estão alicerçadas em uma região considerada Pantanal profundo, cerca de 80 a 150 km de distância do perímetro urbano da cidade de Corumbá, fronteira com o país da Bolívia.

As comunidades da sub-região do Paiaguás são compostas por pessoas que viviam na região e por outros que vieram de outras regiões dos Estados brasileiros e ocuparam essas áreas que já eram ocupadas por grupos indígenas da região e que foram exterminados.

No início da colonização do Estado do Mato Grosso com a distribuição de terras pelo governo federal para formação das colônias agrícolas na região, deram-se as ocupações por essas famílias e se firmaram no território, sempre, contudo ameaçadas

pela ganância das grandes fazendas criadoras de gado, muitos colonos pantaneiros acabaram perdendo espaço em suas terras por não possuírem documento suficiente que comprove a posse de tal área, fazendo essas famílias se acomodar em pequenos núcleos, sobrevivendo de culturas de subsistência e servindo de mão de obra barato para o fazendeiro, prestando serviços como peões, tratoristas e cozinheiras. Nessas contradições históricas do território é que se constitui a mulher pantaneira que pesquisamos.

Nesta pesquisa desenvolvida com as mulheres pantaneiras da sub-região do Paiaguás no Pantanal de Mato Grosso do Sul, buscamos compreender o modo de vida, o desenvolvimento socioeconômico, a relação com o meio ambiente, as práticas e resistências das mulheres para sobreviver diante das diversidades que existem dentro do Pantanal.

Para este diálogo sobre mulheres resistindo, persistindo e sobrevivendo em uma região de difícil acesso e isolamento territorial, foi necessária uma busca etnográfica na intenção de reconhecer a história de formação sociocultural da região do Paiaguás no Pantanal, onde estão inseridas as comunidades.

Um recorte com as questões de gênero, para compreender como esse conceito é aplicado e percebido em comunidades tradicionais. Ficou evidente que para o homem e a mulher pantaneira as relações entre os gêneros só é percebida na definição homem/mulher, o companheirismo entre ambos prevalecem em todos os âmbitos, seja na procura por um animal no campo onde ambos montam o cavalo e vai a busca, seja na roça onde estão juntos desde o preparo da terra até a colheita o consumo e o comércio da produção, nas questões de saúde quando vão a busca de socorro, nas questões de lazer onde ambos participam juntos.

Mas não seria coerente caracterizar essas relações de gênero como imunes às transformações do território.

Nisso reside uma das importantes conclusões deste trabalho de pesquisa. Considerando que as comunidades dessa região do Pantanal possuem um modo próprio de viver a cultura com os costumes herdados dos antepassados, um modo de convivência dentro do núcleo familiar com valores sociais diferenciados de outros grupos, bem como o uso e a interação com o meio ambiente.

Esse ecúmeno, entretanto, como todo o espaço de relações na sociedade globalizada, sofre a corrosão do capitalismo patriarcal.

Podemos apontar, baseado nas evidências empíricas, que o avanço do agronegócio se dá lentamente neste território que até então era praticamente isolado dessa forma de exploração da natureza. A seca prolongada e o esgotamento dos corpos hídricos abriram brechas para o desmatamento, para a pastagem e a pecuária de corte. Com isso se dá não só o desequilíbrio ambiental, mas também o desequilíbrio das relações societárias. Concordamos assim com a perspectiva ecofeminista que demonstra que a mulher é a mais afetada pelos impactos de um meio ambiente em desequilíbrio. São elas as mais vitimizadas em seu cotidiano pelas consequências da destruição da natureza. (pg. 55).

Tecendo uma relação entre a ecologia e as transformações nas relações de poder entre os sexos, percebemos rearranjos no território de mulheres, em especial com a centralidade dos quintais produtivos que são em tempos recentes ressignificados como espaços de resistência. Alternativos às lavouras, pastagens e plantios de grande escala – estes espaços tipicamente masculinos - os quintais são espaços da geração de subsistência e de renda em pequena escala, mas de forma contínua.

O diálogo frente ao campesinato na conjuntura de assentamentos rurais deixou essas questões bem evidentes, existe um modo diferente de perceber o ambiente que vivem uma visão particular e peculiar do movimento e o desenvolvimento das mulheres pantaneiras tanto no âmbito social, cultural, econômico e a relação do trabalho e renda diante das modificações da natureza. O reinventar dentro das diversidades que o ambiente natural do Pantanal proporciona.

Percebe-se que as mulheres da região do Pantanal trazem em si um jeito simples, rústico e peculiar de viver, considerando que a sub-região do Paiaguás é um dos locais com maior dificuldade de acesso, devido estar em um local mais propenso a inundações com as águas no período das chuvas, e de dificuldades de acesso no período das secas por falta de águas para navegar, pois o único meio para chegar às comunidades e através do rio Paraguai e rio Taquari.

Esse modo de ser contrasta com a relativa mobilidade e itinerância (muitas vezes imposta pelos desterrados) do campesinato “de terras secas”, dos assentamentos e comunidades camponesas, que estão mais sujeitos a outras sociabilidades, principalmente urbanas, e em maior interação com movimentos camponeses. Assim pode-se perceber uma outra conformação de relações de gênero, muita específica, que aqui tentamos caracterizar.

Perante as mudanças climáticas a ação das queimadas nos últimos tempos o assoreamento e a seca do rio Taquari na região das comunidades provocaram transformações e mudanças visíveis na vida das pessoas que residem no local, principalmente sobre o transporte que antes da seca do rio Taquari eram feitos com barcos, tiveram que ser reinventados, os locais que eram uma estrada de água e chegavam à beira do quintal hoje é uma estrada de areia, onde motos e caminhonetes transitam.

Diante desses agravantes naturais e provocados pela mão do homem contra a natureza é possível perceber que, muito além do interesse pelo capital por parte dessas famílias que vivem na região, existe um sentimento de pertencimento ao local, uma simbiose com a natureza, a interação com as condições que esta proporciona e que faz dessas pessoas resistentes às dificuldades e mudanças que ocorrem na natureza.

Nas comunidades da sub-região do Paiaguás percebe-se que existem várias formas de relações sociais entre as famílias. Uma delas são as relações de trabalho, onde os vizinhos colaboram quando há necessidade para realização de algum serviço. Foi possível perceber na fala das mulheres, que a integração da família na realização das tarefas diárias são fatos, assim, como o homem faz o trabalho braçal, seja no quintal produtivo ou na grande roça a mulher está presente com igualdade, e assim nas questões domésticas, foi possível perceber um companheirismo de ambos.

Esta pesquisa traz muito da oportunidade que tive de conviver com as famílias das comunidades do Paiaguás, durante a realização do Projeto Geração de Renda para as Comunidades do Pantanal desenvolvido pela equipe da CPT a qual fiz parte. Os vários encontros, reuniões, oficinas temáticas e os cursos que foram realizados dentro da comunidade proporcionou maior contato com as pessoas dando condição de compreender um pouco sobre um povo diversificado e de personalidade marcante.

A pesquisa com as mulheres da Sub-região do Paiaguás proporcionou trazer um breve conhecimento da história dessas famílias, o quanto existe de diversidade na região e não é percebido nem mesmo por quem reside dentro do Pantanal. Ali não é simplesmente um lugar de morar e produzir, partindo desse pressuposto, como Antônio Candido enfatiza “o isolamento a rusticidade traz um modo próprio de ser” assim a identidade dessas comunidades tradicionais se constitui e se firma a partir do modo como vivem e lidam com seu ambiente natural e local.

Assim percebemos as mulheres das comunidades do Paiaguás vivendo essa rusticidade em simbiose com a natureza, resistindo às mudanças naturais do tempo, usando seu espaço dentro das relações de gênero em concordância com sua liberdade de ir e vir, de transitar por uma cultura moldada nos costumes de seus antepassados, pelas transformações culturais atuais dentro de todas as esferas sociais sem ser barrada por uma cultura que aprisiona. A mulher da região do Paiaguás vive o protagonismo de sua história. Esse protagonismo e resistência podem ser percebidos nos Quintais produtivos onde a mulher busca juntamente com o homem ou sozinha o sustento da família e sua sobrevivência.

Portanto, finalizo essa pesquisa com enorme inquietação, existem muitas lacunas a preencher e desmistificar diante desta região de dificuldades extremas e diversidades abundantes.

É necessário aprofundar a investigação sobre as relações de gênero no campesinato, mais ainda entre povos do campo marcados por menos mobilidade e por interações sociais tão distintas da urbanidade. Perceber o protagonismo da mulher pantaneira em comunidades tradicionais é assumir o desafio de pensar gênero em outras temporalidades e espacialidades. Existem muito por pesquisar.

Espero, contudo, que esta pesquisa sirva de referência para camponeses e pantaneiros reconhecerem sua subjetividade e se fortalecerem ainda mais em seus costumes e culturas, livres de amarras tradicionalistas que insistem em oprimir e aprisionar mulheres visíveis e invisíveis perante a sociedade.

Assim, com a força e determinação das mulheres pantaneiras que se reinventam a cada condição que a natureza oferece que mantém em equilíbrio a vida e a vida da natureza, possibilitando a permanência da família em seu local de origem.

Que ecoem o amor e a coragem de viver dentro de um Pantanal de peculiaridades diversas e de dificuldades incalculáveis.

Gratidão a todas pantaneiras e pantaneiros das comunidades do Paiaguás!

## REFERÊNCIAS

- ALTIERI, Miguel A. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. **Revista nera**, n. 16, p. 22-32, 2012.
- AYALA, Caroline Himmelreich et al. Para uma etnografia da casa panteneira: tempos e espaços vividos na colônia São Domingos/MS. 2005.
- BRANDÃO, Tatiana Frey Biehl; BARBOSA, Luciano Celso Brandão Guerreiro; BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira. REPRODUÇÃO SOCIOECONÔMICA DAS FAMÍLIAS RURAIS SERTANEJAS: EXPERIÊNCIAS DA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES 'RESGATANDO SUA HISTÓRIA'.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Editora Brasiliense, 1985.
- BUTTO, Andrea; HORA, Karla Emmanuela R. Mulheres e reforma agrária no Brasil. **Lopes, A. y Butto. A.(eds.) Mulheres na Reforma Agrária: A experiência recente no Brasil**, p. 19-37, 2008. Disponível em: [https://arca.furg.br/images/stories/producao/mulheres\\_na\\_reforma\\_agraria.pdf](https://arca.furg.br/images/stories/producao/mulheres_na_reforma_agraria.pdf)
- CALDART, Roseli Salete et al. Educação do campo. **Dicionário da educação do campo**, v. 2, p. 257-265, 2012.
- CAMPOLIN, Aldalgiza Inês; FEIDEN, Alberto; GALVANI, Fábio. A interação ser humano-natureza. **Embrapa Pantanal-Artigo de divulgação na mídia (INFOTECA-E)**, 2007.
- CANDAU, Vera Maria. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. **Cultura (s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 13-35, 2005.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio Bonito**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- CARVALHO-BARRETO, André de et al. Desenvolvimento humano e violência de gênero: uma integração bioecológica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, p. 86-92, 2009.
- COSTA, Manuela Areias; DA SILVA, Luciano Pereira. Mudanças climáticas e patrimônio cultural de povos indígenas e comunidades tradicionais no Pantanal. **Patrimônio e Memória**, v. 17, n. 2, p. 103-123, 2021.
- CURADO, Fernando Fleury. Considerações sócio-econômicas e ambientais relacionadas ao" arrombados" na planície do rio Taquari, MS. **Embrapa Pantanal-Documentos (INFOTECA-E)**, 2004.
- DA SILVA, Adriella Camila Gabriela Furtado; DOS ANJOS, Mônica de Caldas Rosa; DOS ANJOS, Adilson. Quintais produtivos: para além do acesso à alimentação saudável, um espaço de resgate do ser. **Guaju**, v. 2, n. 1, p. 77-101, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/46738>

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Os argonautas guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense. **Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 1995.**

DE OLIVEIRA, Jorge Eremites; VIANA, Sibeli Aparecida. O centro-oeste antes de Cabral. **Revista Usp**, n. 44, p. 142-189, 1999.

DE MOURA, Eva Faustino da Fonseca et al. A TEORIA DOS REFÚGIOS E AS EVIDÊNCIAS PALEOCLIMÁTICAS DO PANTANAL MATOGROSSENSE. **GEOFRONTER**, v. 2, n. 1, 2016.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite. Diálogos de uma feminista com a obra de Rosa Luxemburgo: contribuições às lutas sociais de mulheres rurais. **Historiæ**, v. 10, n. 1, p. 39-58, 2019.

FAISTING, André Luiz; FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. **Direitos humanos, diversidade e movimentos sociais: um diálogo necessário**. Universidade Federal da Grande Dourados, 2011.

FEIDEN, Alberto. Agroecologia: introdução e conceitos. **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, p. 51-70, 2005.

Ferraro Júnior, Luiz Antonio e Bursztyn, Marcel Das sesmarias à resistência ao cercamento: razões históricas dos Fundos de Pasto. Caderno CRH [online]. 2010, v. 23, n. 59 [Acessado 31 Outubro 2022], pp. 385-400. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-49792010000200012>>. Epub 05 Nov 2010. ISSN 1983-8239. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792010000200012>.

GALDINO, Sérgio et al. **Impactos ambientais e socioeconômicos na Bacia do Rio Taquari-Pantanal**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2005., 2005.

GEBARA, Ivone. Desafios que o movimento feminista e a teologia feminista lançam à sociedade e às Igrejas. **Estudos teológicos**, v. 27, n. 2, p. 153-161, 1987.

GEBARA, Ivone. Teologia ecofeminista. **São Paulo. Olho d'água**, 1997.

[https://www.academia.edu/42605207/LIVRO\\_FEMINISMOS\\_DESCOLONIAIS\\_E\\_OUTROS\\_ESCRITOS\\_FEMINISTAS](https://www.academia.edu/42605207/LIVRO_FEMINISMOS_DESCOLONIAIS_E_OUTROS_ESCRITOS_FEMINISTAS)

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**, ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, p. 183-221, 1999.

<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/94949/decreto-6040-07>

<https://www.geopantanal.cnptia.embrapa.br/Anais-Geopantanal/pdfs/p68.pdf>  
[http://leis.camaracorumba.ms.gov.br/lei/264?type\\_view=consolidada](http://leis.camaracorumba.ms.gov.br/lei/264?type_view=consolidada)

LOPES, Adriana L. et al. Mulheres na Reforma Agrária. A experiência recente no Brasil. 2008.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital**. Editora José Olympio, 2021.

MENEGAT, Alzira Salete. No coração do Pantanal: assentados na lama e na areia. **As contradições entre os projetos do estado e dos assentados no assentamento Taquaral, MS. Dourados: UEMS/UFGRD**, 2009.

MENEGAT, Alzira Salete; TEDESCHI, Losandro Antônio; FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. **Educação, relações de gênero e movimentos sociais: um diálogo necessário**. Universidade Federal da Grande Dourados, 2009.

MIES, María; SHIVA, Vandana. **La praxis del ecofeminismo: biotecnología, consumo y reproducción**. Icaria Editorial, 1998.

ORIGUÉLA, C. Ocupações de terra em 2010: algumas considerações e perspectivas. **Boletim DATALUTA–Artigo do mês: outubro de**, 2010.

PEIXOTO, José Luís dos Santos. Populações indígenas de tradição Tupiguarani no Pantanal Sul-mato-grossense. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 8, p. 71-86, 1998.

REFATI, Daiana Caroline; FABRINI, João Edmilson; MARSCHNER, Walter Roberto. O TRABALHO DAS MULHERES NOS ASSENTAMENTOS ANTONIO COMPANHEIRO TAVARES EM SÃO MIGUEL DO IGUAÇU E ANDER RODOLFO HENRIQUE EM DIAMANTE DO OESTE-PARANÁ/The work of women at the 'Antonio Companheiro Tavares settlement' in São Miguel do Iguaçu and the 'Ander Rodolfo Henrique settlement' in Diamante do Oeste-Paraná. **Revista Nera**, n. 35, p. 83-107, 2017.

MARONEZE, Aline Rodrigues. Gênero e meio ambiente: o cuidado ambiental (não) inerente à mulher. **VERUM: Revista de Iniciação Científica**, v. 1, n. 2, p. 92-106, 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. **Lutas sociais**, n. 2, p. 59-79, 1997.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf)

SILVA, Berenice Gomes da. A Marcha das Margaridas: resistências e permanências. 2008.

SILVA, Carolina Joana da. **No ritmo das águas do pantanal**, por C. J. da Silva e J. A. F. Silva. São Paulo: NUPAUB/USP, 1995. p.210

SHIVA, Vandana. **Abrazar la vida: mujer, ecología y desarrollo**. horas y HORAS, 1996.

STEARNS, Peter N. A história das relações de gênero, histórias em construção. **Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto**, 2007.

TEDESCHI, Losandro Antônio. O uso da categoria gênero na história das mulheres camponesas: Uma ferramenta necessária. *In*: MENEGAT, Alzira Salete; Marisa de Fátima Lomba de. **Educação, relações de gênero e movimentos sociais: um diálogo necessário**. Universidade Federal da Grande Dourados, 2009. Disponível em <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1797/1/educacao-relacoes-de-genero-e-movimentos-sociais-um-dialogo-necessario-farias-marisa-menegat-alzira-teseschi-losandro-orgs.pdf>

ZERLOTTI, PATRÍCIA HONORATO. **Os saberes locais dos alunos sobre o ambiente natural e suas implicações no currículo escolar: um estudo na Escola das Águas–Extensão São Lourenço, no Pantanal de Mato Grosso do Sul**. 2014. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande.

## LISTA DE APÊNDICE

### Entrevista com mulheres das comunidades do Paiaguás

- 1- Quando você chegou na região? De onde vieram? A senhora e de onde, sua família e daqui mesmo ou veio de fora?
- 2- Qual atividade de trabalho e realizada dentro de sua propriedade? O que e serviços de homens e de mulheres?
- 3- O que a motiva ficar na comunidade? Já passou algum tempo fora da comunidade? O que sentiu falta?
- 4- Que mudanças aconteceram na comunidade? no clima nas águas nos bichos, na produção? Relação com vizinhanças e parentes
- 5- O que gostaria de fazer que ainda não fez em seu sítio?

### Entrevista com ex-coordenadora da CPT em Corumbá Amélia Pereira Santana Zanella

- 1- Quando a pastoral iniciou as visitas às comunidades? Por quê?
- 2- Como foi a aceitação da pastoral dentro da comunidade? Ouve alguma rejeição por alguém da comunidade?
- 3- Qual o propósito da pastoral dentro da comunidade?

### Entrevista com equipe de transporte terrestre nas comunidades - Walmor Espíndola e João Igor Monroe das Neves Urquiza – Freteiro

- 1- Qual atividade é desenvolvida na comunidade e por quê?)
- 2- O que incentivou você prestar serviços às famílias das comunidades do Paiaguás? Qual o grau de parentesco?
- 3- O trabalho com transporte das pessoas e mercadorias é próprio ou existe alguma reivindicação da comunidade para que isso aconteça?
- 4- Como você vê a mudança do cenário pantaneiro com relação às águas? (Com água e sem água)